

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

"DA ARTE DE CURAR À PRISÃO DE UM OCULTISTA":
OCULTISMO, MAGIA E CIÊNCIA EM ARACAJU, SE (1923-1928)

Daiane de Jesus Oliveira

São Cristóvão

Sergipe - Brasil

2014

DAIANE DE JESUS OLIVEIRA

"DA ARTE DE CURAR À PRISÃO DE UM OCULTISTA":
OCULTISMO, MAGIA E CIÊNCIA EM ARACAJU, SE (1923-1928)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Sergipe, como requisito obrigatório para a obtenção de título de mestre em História, na Área de Concentração Cultura e Sociedade.

Orientador: Prof. Dr. Antônio Lindvaldo Sousa.

São Cristóvão

Sergipe - Brasil

2014

DAIANE DE JESUS OLIVEIRA

"DA ARTE DE CURAR À PRISÃO DE UM OCULTISTA":
OCULTISMO, MAGIA E CIÊNCIA EM ARACAJU, SE (1923-1928)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Sergipe, como requisito obrigatório para a obtenção de título de mestre em História, na Área de Concentração Cultura e Sociedade.
Orientador: Prof. Dr. Antônio Lindvaldo Sousa.

Aprovada em 06 de Agosto de 2014.

Prof. Dr. Antônio Lindvaldo Sousa

(UFS)

Profª Dra. Janaína Cardoso de Mello

(UFS)

Profª Dra. Rita de Cássia Marques

(UFMG)

AGRADECIMENTOS

Aos funcionários do Arquivo do Judiciário de Sergipe, em especial, a dona Assunção, sempre muito prestativa e simpática, quando sofria na longa procura pelo processo-crime de José Maria Dominguez y Dominguez;

Aos funcionários do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, pela disposição.

Aos professores, em especial, ao meu orientador Antônio Lindvaldo Sousa, por sua dedicação e compreensão nos momentos difíceis, sempre querendo o melhor de mim; prof. Dr. Augusto Silva, pelo incentivo; prof.^a Dra. Célia Cardoso, por suprir minhas deficiências nas questões referentes a cultura brasileira; prof. Dra. Janaína Mello, pelas valiosas sugestões durante minha caminhada.

Ao prof. Dr. Severino Vicente, pelas sugestões durante o meu exame de qualificação.

Ao professor Rafael Santa Rosa Cerqueira, grande incentivador quando dava os meus primeiros passos no campo da pesquisa histórica.

À minha mãe e irmãos, pelo carinho e compreensão diante da minha “sumida”, depois que iniciei o mestrado.

A Edimar Silva, diretor de internet da Sociedade Teosófica do Brasil, que prontamente respondeu aos meus e-mails e me ajudou na busca por indícios da passagem de Dominguez no Brasil.

A todos os colegas da Pós-graduação, que direta ou indiretamente contribuíram para o meu crescimento, enquanto pesquisadora e pessoa;

A Marcos, por ter me apoiado, escutado e aconselhado nos momentos que necessitava. Um amigo leal.

RESUMO

O presente estudo tem como ponto de partida a prisão do ocultista espanhol José Maria Dominguez y Dominguez, acusado de praticar o exercício ilegal da medicina. A partir da narração desse acontecimento buscamos compreender quem era esse indivíduo e quais eram as práticas e representações da cura por ele utilizadas, durante o período em que seu processo esteve aberto, entre 1923 e 1928. A diminuição da escala de observação, atributo da micro-história, contribuiu para que enxergássemos o universo sociocultural desse indivíduo. Nos momentos em que as fontes não puderem nos dar as respostas procuradas, nos valem da noção de “verossimilhança” de Natalie Davis, procurando as possibilidades historicamente determinadas para o período estudado. Foram utilizados os conceitos de representação, práticas e apropriação, conforme a definição feita por Roger Chartier. Dominguez possuía uma prática de cura híbrida, formada pela medicina tradicional, a medicina moderna e as práticas mágicas do ocultismo, que o tornava um mediador entre diferentes formas culturais. A noção de “mediador” foi utilizada por Peter Burke para entender o papel de sujeitos transitam entre a “cultura letrada” e a “cultura oral tradicional”, que no caso que estudamos são as práticas de cura utilizada pelos médicos acadêmicos e as práticas de cura populares. O projeto “civilizador” do governo brasileiro buscava o fim de algumas dessas práticas. As ações que buscavam modernizar Aracaju estavam de acordo com esse projeto. Numa época de transformações, Dominguez, lutava pela sobrevivência de suas práticas, encontrando pontos de apoio nas configurações sociais e culturais que participava.

Palavras-chave: Práticas de cura; ocultismo; magia; ciência.

ABSTRACT

The present study has as starting point the arrest of the Spanish occult Jose Maria Dominguez y Dominguez, accused of practicing illegal medical practice. From the narration of this event we seek to understand who this person was and what were the practices of healing and representation used during the period in which the process was open between 1923 and 1928 for him. Decreasing the scale of observation, attribute of micro -history, helped us to see the sociocultural universe that individual. In times when the sources cannot give us the answers sought, we make use of the concept of "likelihood" of Natalie Davis, looking historically determined the possibilities for the study period. The concepts of representation and appropriation practices were used according to the definition made by Roger Chartier. Dominguez had a practice of healing hybrid, formed by traditional medicine, modern medicine and magical practices of the occult, who became a mediator between different cultural forms. The notion of "mediator" was used by Peter Burke to understand the role of subjects alternate between "literacy" and "traditional oral culture", in which case we studied is the healing practices used by academic and medical practices popular cure. The "civilizing" project of the Brazilian government sought the end of some of these practices. The actions that sought to modernize Aracaju agreed with this project. At a time of transformation, Dominguez, fighting for the survival of their practices, finding footholds in social and cultural settings that participated.

Keywords: Healing Practices ; occult , magic, science.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1. Símbolo da Sociedade Teosófica.

Figura 2. José Maria Dominguez y Dominguez.

Figura 3. Aleister Crowley.

Figura 4. Grigori Rasputin.

Figura 5. Papus.

Figura 6. John Dee e Edward Kelley em uma cerimônia necromântica.

LISTA DE ABREVIATURAS

AJES – Arquivo do Judiciário do Estado de Sergipe

ABMC - Associação Brasileira de Medicina Complementar

APES – Arquivo Público do Estado de Sergipe

BPED – Biblioteca Pública Epifânio Dórea

DNSP – Departamento Nacional de Saúde Pública

FEB – Federação Espírita do Brasil

IHGS – Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe

SPSR – Serviço de Saneamento e Profilaxia Rural

ST – Sociedade Teosófica

Filosofia, Leis e Medicina,
Teologia 'té, com pena o digo,
Tudo, tudo estudei com vivo empenho!
E eis-me aqui agora, pobre tolo,
Tão sábio como dantes! (...)
Por isso me entreguei todo à Magia,
Para ver se do espírito as potências
Alguns arcanos revelar-me podem, (...)

(GOETHE. **Fausto**, 1808)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I –NOS MEANDROS DA LEI: UM OCULTISTA PERSEGUIDO NA CAPITAL SERGIPANA	17
1.1 – O falso doente e a prisão	17
1.2 – Discordâncias entre juízes	21
1.3 – Saúde Pública e medicina durante a década de 1920 em Sergipe	28
1.4 – A História em cena	34
CAPÍTULO II – O OCULTISMO E A ARTE DE CURAR: DOMINGUEZ E AS PRÁTICAS E REPRESENTAÇÕES DA CURA	43
2.1 – Dos objetos às representações	45
2.2 - Anúncios no “Sergipe-Jornal”	55
2.3 – A teosofia e as ciências ocultas	68
2.4 – A teosofia e arte de curar	70
CAPÍTULO III – VIVER COMO UM OCULTISTA: O PERTENCIMENTO SOCIOCULTURAL DE DOMINGUEZ	74
3.1 – O pedido de <i>habeas corpus</i> e as bases da defesa	76
3.2 – Vivendo no interior baiano	88
3.3 – Interações socioculturais em Aracaju	92
CONSIDERAÇÕES FINAIS	101
FONTES	105
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	106

INTRODUÇÃO

O poema “Fausto”¹, publicado pela primeira vez em 1808, encerra em si o dilema do homem moderno a procura do conhecimento, que se confunde com a busca por dar sentido à vida. O doutor Fausto na sua jornada em busca pelo saber não se limitou a estudar a ciência, mas incluiu a magia e o sobrenatural. O personagem principal da história que iremos contar não via uma oposição entre o mundo da ciência e da magia.

O avanço científico que ocorreu durante o século XIX e a crença no progresso da humanidade através da ciência, não afastou a crença no sobrenatural e nas práticas mágicas. Pelo contrário elas permaneceram. Entretanto, Tal crença teve opositores, que eram os defensores do saber “científico”. Nesse trabalho, estes aparecem representados nas figuras dos médicos e juristas.

Alguns pesquisadores da História da medicina, em especial aquela escrita pelos médicos, apontaram a falta de tratamentos eficazes, de médicos ou ainda a ignorância e superstição como explicação para o fato de as pessoas procurarem curandeiros e benzedeiros para tratarem os problemas de saúde.²

Durante a década de 1990, a historiografia brasileira foi contemplada com pesquisas que explicam essa procura através das concepções de doença e de cura, considerando que estas mudam ao longo da história.³ O entendimento da origem das doenças e as formas de combatê-las passaram a ser percebidas como orientadoras para a escolha por determinada forma de curar. Nesse sentido, a História das Artes de curar ou História da Saúde e das Doenças, apresentou um repertório de objetos mais amplo que a História da Medicina e sem estabelecer hierarquias entre os agentes da cura. Esta última se concentra apenas nos médicos, e nas teorias e terapêuticas das doenças.

¹GOETHE. **Fausto**. São Paulo, SP: Editora Martin Claret, 2006.

² Cf. SANTOS FILHO, L. dos. **História geral da medicina brasileira**. São Paulo: HUCITEC, EDUSP, 1991. NAVA, Pedro. **Capítulos da história da medicina no Brasil**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, Londrina, PR: Eduel; São Paulo: Oficina do Livro Rubens Borba de Moraes, 2003.

³Cf. PIMENTA, T. S. Barbeiros-sangradores e curandeiros no Brasil (1808-28). **História, Ciências, Saúde - Manguinhos**, vol. 2, pp. 349-72, 1998; SAMPAIO, Gabriela dos Reis. **Nas trincheiras da cura: as diferentes medicinas no Rio de Janeiro imperial**. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2001; WEBER, Beatriz Teixeira. **As artes de curar: Medicina, Religião, Magia e Positivismo na República Rio-Grandense**. Santa Maria: Ed. da UFSM; Bauru: EDUSC - Editora da Universidade do Sagrado Coração, 1999; WITTER, Nikelen Acosta. **Dizem que foi feitiço: as práticas da cura no sul do Brasil (1845-1880)**. 1ª ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

Utilizamos aspectos da micro-história para analisar a trajetória do ocultista José Maria Dominguez y Dominguez em Aracaju, capital do Estado de Sergipe. Assim, a diminuição da escala de observação nos permitirá acompanhá-lo a fim de compreender suas práticas e representações da cura e de que modo estas dialogavam com as que existiam na capital sergipana, identificando semelhanças e diferenças.

Entendemos que as ações humanas não são condicionadas apenas pela razão, mas que delas fazem parte as emoções. Consideramos a vida em toda a sua complexidade e plenitude. Como compreender os indivíduos sem seus medos, inseguranças, tristezas, alegrias e desejos? De acordo com Wilhelm Dilthey, a compreensão empática, que é a capacidade de se colocar no lugar do outro a fim de chegar o mais próximo possível da sua experiência de vida, permite o diálogo entre o historiador e as pessoas que são seu objeto de pesquisa. Através das manifestações objetivas da vida, é possível apreender sua interioridade.⁴

Ao analisar os indivíduos é preciso apreendê-los em sua condição dialógica, interagindo com o “Outro”, que é condição para sua constituição e transformação. Entendendo que “a palavra não pertence exclusivamente ao ‘falante’. Nesta compreensão, o autor (falante), o ouvinte e todas as vozes que antecederam aquele ato da fala, ressoam nas palavras do autor”.⁵

O processo-crime em que foi réu José Maria Dominguez y Dominguez é o ponto de partida para levantarmos questões que nos leva a compreender de que forma algumas práticas e representações da cura presentes em Sergipe durante a década de 1920, resistiram, apesar do esforço das autoridades públicas e médicos em deslegitimá-las. Nesse sentido, dialogamos com a história da Primeira República brasileira, que apresentou um projeto “civilizador”, buscando elevar o Brasil à condição dos países desenvolvidos.⁶ As mudanças ocorridas no Rio de Janeiro durante o governo do prefeito Pereira Passos são exemplo desse projeto. Civilizar, modernizar e higienizar a cidade, eram as palavras de ordem. Casas foram destruídas para o alargamento e

⁴ DILTHEY, Wilhelm. **A construção do mundo histórico nas ciências humanas**. São Paulo: UNESP, 2006.

⁵ BUSSOLETTI, Denise; MOLON, Susana Inês. Diálogos pela Alteridade: Bakhtin, Benjamin e Vygotsky. **Cadernos de Educação – FaE – PPGE – UFPel – Pelotas** [37]: 69 – 91, setembro-dezembro, 2010.

⁶ SEVCENKO, Nicolau. **História da vida privada no Brasil**. Vol. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

embelezamento das ruas e avenidas, expulsando muitas famílias pobres para os morros e locais afastados do centro.⁷

Aracaju foi planejada de acordo com os ideais modernistas para ser a nova capital de Sergipe, sendo inaugurada em 1855. Porém, o sonho da elite sergipana de ter uma capital nos moldes da modernidade não se consumou.⁸ Por essa razão, foram realizadas reformas tais como a de Pereira Passos, durante as primeiras décadas do século XX.

Olhando além das normas, perceberemos as brechas e as contradições que permitem os atores sociais usufruírem de uma relativa liberdade,⁹ que contrariava os planos da elite dirigente. Foi deste modo, que Dominguez conseguiu realizar seus serviços em Aracaju. Havia um movimento de intensificação da fiscalização do exercício de curar, que de certo modo determinou sua prisão. Contudo, do ponto de vista cultural, as práticas realizadas por este ocultista se assemelhavam as dos curandeiros e também dos médicos, o que garantia uma boa recepção.

Essa dissertação segue a tendência da “Nova nova história”¹⁰, que se trata de uma renovação da *Nouvelle Histoire* francesa. O surgimento desse movimento de mudanças, que ocorreu entre as décadas de 1970 e 1980, se deve ao fim da crise histórica e ao impacto do relativismo cultural e historiográfico ligado a corrente do pós-modernismo. O uso da narrativa é uma das características da “nova nova história”, utilizada nesse trabalho. Porém, não se trata de uma narrativa puramente factual, e sim, uma narrativa aliada a uma análise crítica das fontes, procurando responder questionamentos previamente estabelecidos. Assim, dando continuidade a chamada “história problema”, legada pela Escola dos *Annales*.

Essa renovação se opunha ainda a desumanização da história representada pela história quantitativa e os “determinismos econômicos do marxismo, geográficos do estruturalismo braudeliano e demográficos do malthusianismo.”¹¹ Esses modelos não

⁷ CHALHOUB, Sidney. **Cidade Febril: cortiços e epidemias na corte imperial**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

⁸ SOUSA, Antônio Lindvaldo. “**Ave branca que voa dos pântanos para o azul...**”: as elites e o projeto modernizador de Aracaju nas décadas de 1910 à 1930. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe/ CESAD, 2010.

⁹ LEVI, Giovanni. Sobre a micro-história. In: BURKE, Peter. **A escrita da História: novas perspectivas**. Trad. Magda Lopes. São Paulo: Editora Unesp, 1992, p. 137.

¹⁰ AURELL, Jaume. **A Escrita da História: dos positivismos aos pós-modernismos**. Tradução: Rafael Ruiz. São Paulo: Sita-Brasil, 2010.

¹¹ *Ibidem*, p. 161.

permitem que o indivíduo com suas ideias e ações apareça, ele é diluído em dados estatísticos até sumir.

O principal objetivo desse trabalho é analisar as práticas e representações da cura, que foram apropriadas por Dominguez através do ocultismo da tradição teosófica orientada por madame Blavatsky, mostrando que apesar da perseguição sofrida, ainda havia espaço para os serviços que ele oferecia. Assim, nos baseamos na dimensão da história cultural proposta por Roger Chartier.¹² A cultura é percebida enquanto orientadora da visão de mundo e das ações dos indivíduos.

A relação entre indivíduo e sociedade é um tema que ainda expõe controvérsias entre os pesquisadores. Existem aqueles que optam pelo indivíduo e outros pela sociedade, tratando um ou outro como mais importante para entender as mudanças sociais. Entretanto, essa questão obteve uma resposta através do sociólogo Nobert Elias.¹³ De acordo com ele, o problema está em percebê-los separadamente e não a relação entre ambos. Existe uma interdependência entre indivíduo e sociedade que ocorre em termos de relações e de funções¹⁴. A ação individual depende da rede de relações estabelecidas por cada pessoa. A individualidade, dessa forma, deve ser vista como um processo, iniciado a partir do nascimento e finalizado com a morte, sendo o resultado da autorregulação das pessoas, umas em relação às outras.

A noção de “reproduções culturais”, no sentido que lhe foi dado por Marshall Sahlins,¹⁵ auxilia-nos no entendimento das relações que Dominguez estabeleceu no interior da Bahia e em Aracaju. Os indivíduos ao reproduzirem seu universo cultural lidam na prática com os fatos históricos, que são únicos e contingentes. Isso abre espaço para o papel criativo dos atores históricos no momento em que colocam sua cultura em prática. A cultura, portanto, está continuamente sendo reavaliada. Deste modo, observaremos o contato entre dois universos culturais, a representação dos curandeiros e feiticeiros presentes em Sergipe, e a representação do ocultismo seguido José Maria

¹²CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1998.

¹³ ELIAS, Nobert. **A sociedade dos indivíduos**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

¹⁴ Segundo Nobert Elias as funções “São formas particulares de auto-regulação em relação a outras pessoas e coisas”. O fato de serem maleáveis e adaptáveis permite que a auto-regulação seja mais “individual”. *Ibidem*, p. 36 -38.

¹⁵ SAHLINS, Marshall. **Ilhas de História**. Trad. Barbara Sette. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

Dominguez y Dominguez, que possuíam pontos de convergência, permitindo certa reciprocidade.

Os anúncios feitos por Dominguez no “Sergipe-Jornal” foram de extrema importância para sabermos quais eram os serviços oferecidos por ele, possibilitando confrontá-los com informações encontradas no processo-crime. Por meio das práticas, encontramos as representações da cura compartilhada pelos sergipanos, mas que também estão ligadas de forma mais geral a cultura brasileira.

Outras fontes consultadas foram revistas do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe e da Sociedade de Medicina de Sergipe; jornais digitalizados da Bahia presentes no site da Hemeroteca Digital Brasileira; os documentos penais do Arquivo do Judiciário de Sergipe; livros e artigos de Helena Blavatsky disponíveis no site da Sociedade Teosófica do Brasil.

O espaço temporal delimitado entre 1923 e 1928, se refere ao período em que o processo-crime no qual foi réu José Maria Dominguez y Dominguez esteve aberto.

As atitudes de Dominguez desde o momento em que passou a ser alvo da fiscalização, no sentido de permanecer em Sergipe praticando a arte de curar, apontam um indivíduo em busca de brechas no sistema para continuar existindo de acordo com sua identidade cultural.

São as táticas¹⁶ empregadas no campo inimigo, aproveitando a fluidez e a instabilidade expostas pelos sistemas disciplinadores, para então agir. A cada instante que permanecia em Sergipe era nela que se apoiava Dominguez.

As disciplinas do mestrado em História da UFS foram de extrema importância para o desenvolvimento desse trabalho. A disciplina “Teoria e metodologia da história” possibilitou avaliarmos as questões ligadas ao conhecimento histórico diante das tendências pós-modernistas, que consideram a história uma ficção. Através do estudo da teoria histórica proposta por Júlio Aróstegui, conhecemos o conceito de “espaço de inteligibilidade”, que permite que enxerguemos diferentes tempos atuando num mesmo “espaço temporal”.

¹⁶ O conceito de tática foi delimitado por Michel de Certeau como “a ação calculada que é determinada pela ausência de um próprio”. O “próprio” ao qual se refere Certeau é “o lugar do poder e do querer próprios”. Na ausência de um poder instituído para fazer frente a ele, procura-se fazer pequenos movimentos que se não derrubam o inimigo, ao menos permite aos sujeitos alguma mobilidade. Cf: CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Editora Vozes, 1998, p. 99 - 100.

Com a disciplina “Tópicos especiais em história da Igreja e das religiões” fizemos leituras que ajudaram a pensar o fazer histórico, tais como Dosse, Dilthey e Nobert Elias, importantes na compreensão do indivíduo e seu mundo de pertencimento. A leitura da temática específica foi direcionada por esse viés, observando as tendências historiográficas e a maneira como os diferentes autores lidaram com elas, incluindo o retorno da narração.

A disciplina “Historiografia brasileira” nos levou a um melhor entendimento das questões ligadas a cultura brasileira, cuja intelectualidade na maioria das vezes buscou reproduzir tendências dos países desenvolvidos, além da relação entre a cultura e o desenvolvimento social do Brasil.

Em “Tópicos especiais em história cultural” pudemos discernir as diferentes formas de história cultural e os problemas ligados a essa dimensão da história. Vimos que as pretensas culturas homogêneas tornam o indivíduo invisível e que as incoerências culturais (variação da ação, hibridização, reconstrução e imprevisibilidade) auxiliam na interpretação crítica dos sujeitos históricos, de acordo com o texto “Incoherent Culture” de Brendam McSweeney.¹⁷

A dissertação está dividida em três capítulos. O primeiro capítulo – Nos meandros da lei: um ocultista perseguido na capital sergipana – é iniciado com a trama que levou José Maria à prisão, fruto da iniciativa de membros do Serviço de Profilaxia e Saneamento Rural de Sergipe. Em seguida, percebemos as contradições presentes no julgamento, apoiadas em documentos legislativos diferentes, como o Código Penal, o Regulamento do Departamento Nacional de Saúde Pública e o Código do Processo Criminal de Sergipe. Analisamos ainda a situação da medicina e da saúde pública em Sergipe durante a década de 1920, que apresentava melhorias significativas, mas havia o problema dos conflitos entre os médicos. Assim, percebemos um indivíduo, que apesar de conseguir se livrar da prisão através de uma fiança provisória, foi perseguido e impedido de permanecer em Sergipe. Considerado um charlatão, seria indigno de ser lembrado, segundo a história oficial.

Conheceremos um indivíduo diferente do que fora apresentado pelas autoridades públicas através da documentação consultada. Dominguez não inventou as práticas e

¹⁷ MCSWEENEY, Brendan. Incoherent Culture. **European J. Cross-cultural Competence and Management**, vol. 1, nº 1, 2009, p. 22-27.

representações em que se baseava. Ele possuía referências socioculturais, que inspiravam seus pensamentos e ações e lhes dava sentido.

O segundo capítulo – O ocultismo e a arte de curar: Dominguez e as práticas e representações da cura – busca desvelar o mundo do ocultismo ao qual nosso protagonista fazia parte. Os objetos apreendidos pela polícia indicam as práticas de cura realizadas por ele, bem como a teoria em que se baseava através dos livros que leu. As práticas adotadas por Dominguez eram híbridas, ligadas à medicina tradicional, à medicina moderna e ao pensamento mágico. Ele pode ser percebido como um mediador entre essas tradições.

Através dos anúncios que ele expôs em Aracaju pudemos saber que ele seguia a filosofia ocultista de Helena Petrovna Blavatsky, fundadora da Sociedade Teosófica. Assim, nos voltamos para o campo das apropriações, tendo a teosofia como norteadora. Por outro lado, havia ocultistas que viveram á mesma época de Dominguez e que identificamos traços semelhantes aos dele, e a recepção que os mesmos tiveram nos países em que viveram.

O terceiro capítulo – Viver como um ocultista: o pertencimento sociocultural de Dominguez - tem como objetivo compreender o mundo de pertencimento de José Maria no plano cultural e social. As fontes consultadas indicam que ele teve uma boa aceitação nas cidades de Ilhéus e Alagoinhas no Estado da Bahia. É nestes locais que encontraremos parte da configuração dele, ou seja, a rede de relações estabelecidas por ele. Por fim, voltaremos à Aracaju para compreendermos a recepção dele, com base em alguns aspectos da cultura ligados as artes de curar. Utilizamos processos impetrados contra curandeiros sergipanos que possuíam práticas semelhantes às dele e outros casos registrados por pesquisadores brasileiros. Nesse sentido, nos valem da noção de verossimilhança, da mesma forma que fez Natalie Zemon Davis, em “O Retorno de Martin Guerre”,¹⁸ explorando as possibilidades históricas encontradas no período analisado.

¹⁸ DAVIS, Natalie Zemon. **O retorno de Matin Guerre**. Tradução Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

CAPÍTULO I

NOS MEANDROS DA LEI: UM OCULTISTA PERSEGUIDO NA CAPITAL SERGIPANA

Unamo-nos na mesma comunhão de idéias, no mesmo sentimento de fraternidade, sejamos um por todos, que havemos de triumphar no conceito publico, tangendo bem para longe esse tempo de anarchia medica e farmacêutica, em que não sabemos bem quem manda e quem obedece. (Helvécio de Andrade, médico)¹⁹

“[...] não se justificaria que fosse outra a conducta das autoridades, senão a de impedir a pratica de um charlatanismo, não só grandemente oneroso ao povo, em geral, de índole simples, que se deixava, assim, explorar, como também perigoso á saúde das victimas dessa exploração immoral.” (Luiz Loureiro Tavares, Juiz Municipal do termo de Aracaju)²⁰

1.1 – O falso doente e a prisão²¹

Era próximo ao meio dia, de 06 de maio de 1923, quando o chefe do Serviço de Profilaxia e Saneamento Rural de Sergipe, Phócion Serpa, acompanhado pelo inspetor sanitário Luiz Ramos e o guarda sanitário Antonio Bastos, saíram do posto “Miguel Pereira” e se dirigiram à Rua Santa Luzia, localizada no centro da capital sergipana. Eles estavam decididos a provar a culpa de um suspeito de estar praticando ilegalmente a medicina em Aracaju. Para que não restasse dúvida sobre o crime, formularam um plano.²²

Antes disso, porém, haviam requerido o apoio da Chefatura de polícia através de um ofício que foi encaminhado ao Chefe de polícia, Cyro Cordeiro de Farias. Este leu a

¹⁹ ANDRADE, Helvécio de. Sociedade médica de Sergipe. **Revista Médica de Sergipe**, vol. 1, nº 1, maio, 1911, p. 3-6.

²⁰ SERGIPE. Processo-crime em que foi réu José Maria Dominguez y Dominguez. **Arquivo do Judiciário do Estado de Sergipe**. Cx. 03/2628. 06/05/1923, fl. 51.

²¹ A narração que se segue foi feita com base no Auto de flagrante delito incluso no processo-crime, bem como nos testemunhos presentes nele.

²² SERGIPE. Processo-crime em que foi réu José Maria Dominguez y Dominguez. *Op. Cit.*, fl. 04.

denúncia feita pela repartição de saúde e determinou que o caso fosse investigado. Se fossem encontradas evidências do crime, a prisão do infrator da lei deveria ser executada. Para realizar essa diligência, foi designado o guarda civil Abilio José dos Santos, que partiu ao encontro dos membros do Serviço.

O plano aos poucos iria sendo posto em ação. O guarda sanitário Antônio Sylvio Bastos, passando-se, por doente chegou até o consultório do suspeito, que ficava numa sala da casa em que o mesmo residia. Disse ser da cidade de São Cristóvão e que se chamava Manoel Francisco Santos. Bastos explicou que estava doente e precisava de uma consulta, alegando estar desempregado e sofrer com uma “aflição de espírito”. O investigado o atende e faz o diagnóstico de seu paciente, explicando-lhe que o sofrimento pelo qual vinha passando era resultante de uma promessa de casamento não cumprida. Para realizar a cura, pediu um lenço e que este voltasse uma hora da tarde para receber o “remédio” para o mal que sofria.

Quando Antonio Bastos saiu da casa do suspeito, estava a sua espera o guarda civil Abilio dos Santos, conforme o que havia sido combinado, perguntando sobre o que aconteceu no consultório. Bastos contou que foi atendido e o nome falso que havia dado estava escrito em um livro de notas junto ao preço da consulta no valor de 10 mil réis, e do tratamento, que havia custado 120 mil réis. O guarda civil chamou o investigado e deu voz de prisão em nome do chefe de polícia. Enquanto isso, numa esquina da Rua Santa Luzia, Phoción Serpa e Luiz Lameira Ramos, que assistiam o ocorrido, se dirigiram até a casa do suposto charlatão e ajudaram o guarda civil na apreensão de objetos que fossem capazes de incriminá-lo. Foram apreendidos os seguintes itens:

- 1 Livro, “A sorte revelada pelo horoscopo cabbalístico.”
- 2 //, “Formulaire de consultations médicalis.”
- 3 //, “Methode de Dédoublement Personel”
- 4 //, “Forcias del Pensamiento”
- 5 //, “Nuevas teorías de Hipnotismo y sugestión”
- 6 //, Borrador de notas
- 7 //, Caderneta de notas
- 8 Caveira de macaco da India (embrulhada em lenço)
- 9 Impresos, reclamos.
- 10 Baralho
- 11 Livro “Para combater o feitiço”
- 12 Anel com pedras
- 13 “Catalogo de obras de Magia”
- 14 Folheto “Como tratar qualquer moléstia”
- 15 Cartão do Dr. Ávila Lima

- 16 Nota sobre o Dr Estefanio Dantas
- 17 Caixa de charutos, vasia.
- 18 Deposito de madeira c/ tampa de roca
- 19 Envelope contendo 10 beija-flores, secos.
- 20 Seringa vidro
- 21 Frasco contendo pó
- 22 //// Laudacio de Sidenham
- 23 Garrafa contendo liquido
- 24 Seringa borracha
- 25 Caixa metal branco contendo ferramentas cirúrgicas²³

O acusado foi conduzido até a Chefatura de Polícia. O primeiro delegado de polícia Afonso Ferreira dos Santos mandou que fosse lavrado o auto de flagrante delito, inquerindo as testemunhas e o acusado.

O suspeito se chamava José Maria Dominguez y Dominguez, disse ser espanhol, ter 44 anos, que era casado e sabia ler e escrever. Quando perguntado sobre a profissão que exercia declarou ser ocultista e comerciante. Ele morava na cidade de Aracaju há aproximadamente um mês. A princípio se estabeleceu numa casa que ficava nas imediações da Praça Vinte e Quatro de Outubro, número 4, região central de Aracaju, em frente ao Rio Sergipe. Essa foi uma zona portuária de grande importância comercial. Nessa época era conhecida pela população como Praça da Cadeia, em razão da antiga cadeia pública estar situada em seu entorno. Além disso, funcionavam a Alfândega e o Quartel General.²⁴ Atualmente é chamada de Praça General Valadão, situada na Avenida Rio Branco. Entretanto, depois se mudou para a Rua Santa Luzia, que ficava a poucos quarteirões da residência anterior, há aproximadamente 1,6 km de distância.²⁵

Vamos acompanhar o testemunho de Dominguez na íntegra:

Perguntado se é verdade ter o respondente algum titulo que o habilite a exercer a profissão que vinha exercendo nesta capital conforme o anuncio no “Sergipe Jornal” número quatrocentos e noventa e oito, terceira pagina, da quinta feira dezenove de Abril do corrente anno?

Respondeu que tem a carta anunciada no referido jornal.

P. se já tem o respondente a sua carta legalizada perante a Saúde Pública da Capital Federal ou dos Estados?

R. que não.

²³ *Ibidem*, fl. 49.

²⁴ Disponível em: http://aracajuqualidadevida.blogspot.com.br/2010_03_01_archive.html. Acesso em: 15/11/2013.

²⁵ Disponível em: https://maps.google.com.br/maps?q=antiga+pra%C3%A7a+da+cadeia+aracaju&ie=UTF-8&ei=P-6HUseBFYiikQfGIIIDgAw&ved=0CAgQ_AUoAg. Acesso em: 15/11/2013.

P. se já tem curado algumas pessoas nesta capital ou mesmo em qualquer Estado do paiz?

R. que tem sido visitado por varias pessoas.

P. Com que fim o visitavam estas pessoas?

R. que por amizade.

P. se as notas de venda ou tratamento e diagnostico inscriptos no livro caixa do respondente lhe pertencem?

R. que sim.

P. se é verdade digo, perguntado como se deu o facto porque e acusado e que deu logar a sua prisão?

R. que se empregando em fazer o bem, foi procurado por um homem que lhe disse chamar-se Manoel Francisco Bastos morador em São Christovam que lhe pediu com insistência que socorresse dando-lhe remédio á sua aflição de espirito e a sua falta de emprego, que apesar de não o querer atender, tal foi a insistência de Manoel Francisco Bastos que o respondente não teve outro recurso sinão fazer a caridade de attendel-o gratuitamente; que na ocasião em que ia tomar a roupa afim de tomar café, foi convidado por um senhor a chegar até a Chefatura de Policia não tendo sido preso.

Perguntado se os objetos que lhe são apresentados neste auto lhe pertencem?

R. que sim, mas os medicamentos que ahi se acham são para o seu próprio uso excepto uma ampola de morfina que lhe não pertence.

P. se tem alguma declaração a fazer ou facto a alegar em sua defesa?

R. que nunca foi encomendado em parte alguma do mundo por onde tem andado, exercendo a sua profissão, por autoridade alguma nem pela hygiene.

Dava a palavra ao conductor Abilio Santos, por este foi dito que confirma o seu depoimento ou declaração, dava a palavra as testemunhas Antonio Bastos por esta testemunha foi dito que confirma o seu depoimento, bem como foi dito pelas outras duas testemunhas Doutores Phocion e Lameira ramos.²⁶

Dominguez se mostrou evasivo em suas respostas, na tentativa de negar que curava pessoas. Afirmou que possuía um título de médico, mas que ainda não havia sido cadastrado. Não esconde que era visitado por muitas pessoas, mas que era por “amizade”. Antes disso, contudo, disse que era ocultista e comerciante. De todos os objetos que foram apreendidos, disse que não lhe pertencia apenas a “ampola de morfina” e os medicamentos, que eram para uso próprio. O atendimento ao membro do Serviço foi justificado através de um ato de caridade e gratuito.

Os três membros do serviço de saúde e o guarda civil deram seus depoimentos, revelando a trama que levou a prisão de Dominguez e insistindo na culpa do mesmo. A ação deles foi justificada pela insistência do acusado em continuar exercendo a

²⁶ SERGIPE. Processo-crime em que foi réu José Maria Dominguez y Dominguez. *Op. Cit.*, verso da fl. 06, fl. 7 e verso da fl. 07.

medicina, mesmo depois que foi intimado pelo Serviço em 23 de abril de 1923 e impedido de exercer a profissão de médico. Depois de receber essa intimação o acusado apenas retirou de circulação os anúncios que fazia na imprensa aracajuana e mudou de endereço, a fim de despistar as autoridades fiscalizadoras.

Baseando-se no Código Penal instaurado em 1890 pelo regime republicano, o delegado de polícia enquadrou as práticas de José Maria Dominguez y Dominguez segundo o artigo 156, que trata do exercício ilegal da medicina. Portanto, foi visto como charlatão, categoria usada para desqualificar aqueles que não se enquadravam na medicina oficial. Porém, ele não permaneceria por muito tempo na prisão. Através do pagamento da fiança no valor de 300 mil réis, ficou em liberdade no mesmo dia em que foi preso.

Ainda que estivesse em liberdade, Dominguez não se conformou com o fato de ser impedido de exercer a medicina em Sergipe e junto ao seu advogado, Adolpho Ávila Lima, elaboraram uma petição de *habeas corpus*²⁷ que data de 15 de maio do mesmo ano, requerendo o direito de continuar atuando enquanto médico em qualquer parte do território sergipano.

Diante do fato narrado, levantamos alguns questionamentos: Qual foi a resolução da justiça diante desse caso? Que importância teve o Serviço de Profilaxia e Saneamento Rural de Sergipe na fiscalização do exercício de curar? Haveria uma união entre os médicos sergipanos no sentido de fazer frente aos praticantes não autorizados da medicina?

1.2 – Discordâncias entre juízes

No dia 25 de maio, o juiz municipal Luiz Loureiro Tavares enviou uma intimação destinada ao acusado e às testemunhas, para que fosse feita uma nova inquirição, marcada para o dia 31 do mesmo mês. Dominguez, porém, não foi encontrado. Segundo o oficial de justiça, as pessoas disseram que ele estava em “lugar incerto”, motivo pelo qual teria deixado de intimá-lo. As testemunhas arroladas no processo-crime foram Abilio José dos Santos, Antônio Sylvio Bastos, dr. Luiz Lameira Ramos, dr. Phoción Serpa e dr. Adherbal Figueiredo.

²⁷SERGIPE. Livro de Registro de Acórdãos. **Arquivo do Judiciário do Estado de Sergipe**. Cx. 06/1963. 15/05/1923. Esse documento será analisado no terceiro capítulo, quando começaremos a descobrir evidências da vida de Dominguez, antes de chegar a Aracaju.

Foi emitido um edital no “Diario Official do Estado” para que Dominguez comparecesse no dia 5 de julho para a audiência. Contudo, essa iria ocorrer apenas no dia 10 de julho, sem a participação dele.

Compareceram as testemunhas Luiz Lameira Ramos, Phócion Serpa e Antonio Sylvio Bastos. O advogado Adolpho Ávila Lima apareceu como procurador do acusado, em conformidade ao artigo 197 do Código do Processo Criminal do Estado, mas a procuração não foi aceita pelo juiz municipal Luiz Loureiro Tavares. O indeferimento foi justificado em razão de o pagamento da fiança, que seria no valor de 500 mil réis, ter sido incompleto, e do revogamento do art. 197 pelo art. 427 do Código do Processo Criminal do Estado de Sergipe. A audiência aconteceu à revelia do réu.

Vejamos o que determina o artigo 156 do Código Penal sobre a fiança no caso de exercício ilegal da medicina:

Art. 156. Exercer a medicina em qualquer dos seus ramos, a arte dentaria ou a pharmacia; praticar a homeopathia, a dosimetria, o hypnotismo ou magnetismo animal, sem estar habilitado segundo as leis e regulamentos:

Penas – de prisão cellular por um a seis mezes e multa de 100\$ a 500\$000.

Parapho unico. Pelos abusos commettidos no exercicio ilegal da medicina em geral, os seus autores soffrerão, além das penas estabelecidas, as que forem impostas aos crimes a que derem causa.²⁸

A fiança poderia variar entre 100 e 500 mil réis, de acordo com o artigo citado. Deste modo, o pagamento de 300 mil réis estava dentro dos limites impostos pela lei.

A primeira testemunha a ser inquirida foi o médico Luiz Lameira Ramos, que disse ter 35 anos, ser natural do Estado do Pará e residir provisoriamente na cidade de Estância. Ele contou que ficou sabendo de Dominguez através do “Sergipe-Jornal” e que

[...] o intimou, na qualidade de chefe do “Posto Miguel Pereira” com sede na Capital, a vir apresentar dentro de 24 horas o seu titulo de medico por instituto reconhecido oficialmente pelo Brasil ex-vido art. do regulamento sanitário que rege o assumpto, e tendo comparecido o referido sr. Dominguez sem titulo algum que o habilitasse como medico perante as leis do Brasil; que pediu ao sr. Dominguez verbalmente que não continuasse exercendo a medicina pois que

²⁸ Disponível em: http://legis.senado.gov.br/legislacao/ListaNormas.action?numero=847&tipo_norma=DEC&data=18901011&link=s. Acesso: 03/08/2013.

ficava sob a vigilância do Posto procedendo-se de acordo com a ele, digo com a lei se continuasse transgredindo essa; que sabendo pelo guarda da Prophylaxia Antonio Bastos que o sr. Dominguez havia se mudado para a Rua de Santa Luzia onde continuava a clinicar, combino com o Dr. Chefe do Serviço e o guarda Antonio Bastos a fazer a diligencia da qual resultou a prisão flagrante do acusado [...].²⁹

A partir do depoimento de Luiz Ramos percebemos que a trama que resultou na prisão de Dominguez foi cogitada depois que os membros do Serviço de Profilaxia e Saneamento Rural o convocou para expor um título que comprovasse que possuía formação em medicina. Não tendo exibido um diploma satisfatório, ele deveria parar os seus serviços, mas continuou a fazê-los num outro endereço. Inconformados, os médicos do Serviço resolveram apelar para uma medida mais drástica, chamando a polícia.

O depoimento de Phócion Serpa é bastante semelhante ao de Luiz Ramos, sendo mais claro quanto ao motivo da recusa da carta de medicina apresentada por Dominguez, afirmando que “o denunciado exibiu um titulo que não lhe dava direito de exercer a profissão de médico visto como era expedido por uma instituição estrangeira não reconhecida oficialmente pelo governo da União”.³⁰

A terceira testemunha, Antônio Sylvio Bastos, afirmou ter 37 anos, ser viúvo e natural de Sergipe. Ele conta que avisou ao chefe da Profilaxia Rural sobre os anúncios. Assim como os demais, falou sobre a recusa do título apresentado e sobre a diligência, na qual se passou por doente.

Em 21 de julho foi feita a inquirição da quarta testemunha, o guarda civil Abilio dos Santos, que não compareceu à primeira audiência pelo atraso do recebimento do ofício. Disse ter trinta e dois anos e ser casado. Ao depor explicou que o chefe de polícia o designou para acompanhar o dr. Lameira Ramos. O que destacamos é o momento em que fala sobre a conversa que teve com Antonio Bastos antes de dar voz de prisão ao acusado: “perguntando a esse o que ali fazia, soube que tinha ido se receitar com o dito Dominguez, que nesse acto lhe disse que tratava de doentes; que ao ouvir esta confirmação, deu voz de prisão ao acusado”.³¹

A quinta testemunha, que estava residindo no Município de Propriá, deu seu testemunho no dia 6 de agosto de 1923. O médico Adherbal de Figueiredo disse ter

²⁹ SERGIPE. Processo-crime em que foi réu José Maria Dominguez y Dominguez. *Op. cit.*, fl. 22 – 23.

³⁰ *Ibidem*, fl. 35 e verso da fl. 35.

³¹ *Ibidem*, fl. 04.

vinte e quatro anos e ser natural da Vila de Aquidabã. A respeito da ocorrência falou “que de ouvida sabe” do fato ocorrido, se referindo aos mesmos pontos que os demais – recusa do título apresentado, o momento da prisão e a apreensão de medicamentos e do livro de anotações. Figueiredo fazia parte da comissão de médicos que atuava no Serviço de Profilaxia e Saneamento Rural, como obteve sua formação fora do Estado, voltou a Sergipe com a implantação desse órgão.

Os depoimentos das cinco testemunhas não apresentam contradições quanto a ação que levou a prisão de Dominguez. Isso se torna compreensível pelo fato de todas, exceto o guarda civil Abilio dos Santos, serem membros do SPSR, portanto, compartilhavam os mesmos interesses.

Foi emitido um novo mandado para José Maria Dominguez y Dominguez comparecer ao cartório para ser interrogado no dia 13 de agosto de 1923, às onze horas, mas o mesmo não compareceu.

Os autos do processo foram enviados ao Promotor Público Antenor Passos, que confirmou a culpa de Dominguez como incurso no artigo 156 do Código Penal, tal como havia feito o delegado em exercício no momento da prisão.

O juiz municipal de Aracaju, Luiz Loureiro Tavares, considerou válidos os testemunhos, julgando estar claro, segundo os testemunhos, que Dominguez exercia o “mister de curandeiro”. Além de incurso no art. 156 do Código Penal, estaria violando os artigos 155, 156 e 157 do Regulamento do Departamento Nacional de Saúde Pública, que estava em vigor desde 15 de setembro de 1920.³² Segundo o artigo 155, o exercício da arte de curar somente seria permitido aqueles que possuíssem “título conferido pelas faculdades de medicina officiaes ou equiparadas na fôrma da lei”, no caso dos médicos “graduados por escolas ou universidades estrangeiras, se habilitarem perante às ditas faculdades na fôrma dos respectivos estatutos”. Os professores de universidades ou escolas estrangeiras deveriam apresentar “documentos devidamente autenticados e quando no paiz a que estas pertençam gosarem de idêntico favor os professores das faculdades brasileiras.”

O artigo 156 determina que os profissionais da saúde que “commetterem repetidos erros de ofício serão suspensos do exercício da profissão, por um a seis mezes,

³²BRASIL. Regulamento do departamento Nacional de Saúde Pública. **Senado Federal**. Decreto nº 14.354 de 15 de setembro de 1920. Disponível em: <http://legis.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=53975> Acesso em 10/10/2012.

além das penas previstas no Código Penal”. No artigo 157, fica esclarecido que é obrigatório o registro do título ou licença no Departamento Nacional de Saúde Pública.

O juiz municipal ainda elogia as autoridades policiais que impediram “a prática de um charlatanismo, não só grandemente oneroso ao povo, em geral, de índole simples, que se deixava, assim, explorar, como também perigoso à saúde das vítimas dessa exploração imoral”.³³ Aqui percebemos que a justificativa do juiz Luiz Loureiro Tavares para a procura de alguém como o réu se dava pela falta de instrução do povo, considerado incapaz de fazer a escolha que julgava correta. Por fim, determina que seja expedido um mandado de prisão e lançado o nome do réu no rol dos culpados.

O processo foi entregue ao juiz de direito da 1ª Vara Criminal, Manuel dos Passos de Oliveira Telles. De acordo com a avaliação feita por ele, para que a pena de prisão exigida pelo juiz municipal fosse aplicada, o réu deveria ser um vagabundo, que segundo a lei seria alguém que não tivesse profissão e domicílio próprio. Outro ponto inadequado foi a negação do direito de defesa. Além disso, as testemunhas Adherbal de Figueiredo e Abilio José dos Santos foram inqueridas sem que fosse lançado um edital convocando Dominguez ou seu advogado a comparecer às audiências. E ainda, considerou que as testemunhas, com exceção de Abilio José dos Santos, “eram empregadas na prophylaxia e, por conseguinte, partes suspeitas e interessados no processo, notando-se que este processo foi “suggestionado e provocado por altos funcionários da prophylaxia”. Depois do parecer, o juiz mandou “que se dê baixa na culpa e seja restituída a José Maria Dominguez y Dominguez a fiança provisória que indevidamente prestar, e bem assim os objetos que lhe foram apreendidos em sua própria casa, na conformidade dos dois fls. 9 e 49 v.”³⁴

O Ministério Público entrou com recurso da decisão do juiz da 1ª Vara Criminal em 28 de novembro de 1923, apelando para o Egrégio Tribunal da Relação. O promotor público, Antenor Vieira Passos, recorreu da decisão com base no art. 103 do Código do Processo Criminal do Estado, alegando que o réu não tinha “domicílio certo, nem profissão lícita”, devendo estar preso. Sobre a não convocação do mesmo por edital, explicou que atrasaria muito o julgamento do processo. Com base nesses dados justificou o fato de o processo ter continuado a revelia do réu.

³³ SERGIPE. Processo-crime em que foi réu José Maria Dominguez y Dominguez. *Op. cit.*, verso da fl. 52.

³⁴ *Ibidem*, verso da fl. 54.

Em 18 de março de 1924, o Desembargador João Maynard recebeu o processo e no dia seguinte o enviou ao Procurador Geral do Estado, Armando Mesquita. O parecer deste aprovou a conclusão do juiz de direito da 1ª vara criminal no sentido de que o direito de defesa fora cerceado. No entanto, discorda dele por ter encerrado o processo. Assim, ficou determinado que as nulidades do processo fossem corrigidas e marcado um novo julgamento.

O processo chegou às mãos do Juiz de Direito da 3ª vara criminal, Octavio Gomes Cardozo no dia 20 de agosto de 1925, convocando o advogado de defesa Adolpho Ávila Lima para a intimação.

Em petição com data de 26 de dezembro de 1928, o advogado de Dominguez, requereu a restituição dos 300 mil réis cobrados indevidamente como fiança, explicando que o artigo em que se basearam as autoridades policiais estava extinto desde 1899, e que a questão se tratava de “mero arbítrio político do momento”. Contudo, o promotor público, Enoch Santiago, indeferiu a petição com base na invalidade da sentença do juiz da 1ª vara criminal.

O juiz de Direito da 3ª Vara criminal em exercício Olympio Mendonça, em 28 de dezembro do referido ano, deferiu a petição do advogado de Dominguez, alegando que o crime é da “natureza dos que não carecem de fiança para livrar-se ou defender-se solto”, devendo ser restituída a fiança e os objetos apreendidos.

O processo, então, foi encerrado e Dominguez recebeu seus objetos e dinheiro de volta.

Ao analisar o desenvolvimento do processo foi possível perceber que havia pontos contra José Maria. O fato de não possuir um diploma que atendesse às exigências da legislação brasileira, o enquadrava no artigo 156 do Código Penal do Brasil e violava o artigo 155 do Regulamento do DNSP. Além disso, o regulamento do DNSP possuía exigências para médicos estrangeiros, que deveriam passar por exames de habilitação no Brasil (art. 156) e os diplomas deveriam ser registrados no mesmo órgão (art. 157).

Por sua vez, outros elementos contribuía para uma sentença favorável ao réu. Ele não cometeu erros enquanto praticava a arte de curar ou pelo menos não existia nenhuma testemunha o culpando disso. Entre as cinco testemunhas, quatro eram membros do Serviço de Profilaxia e um era policial, implicando em depoimentos parciais, conforme foi mencionado por um dos juízes que teve acesso ao documento. Os

outros pontos foram o pagamento da fiança, que estava de acordo com o Código Penal, e o indeferimento da procuração que tornava o advogado Ávila Lima seu representante legal, cerceando o direito de defesa, expondo nulidades no processo.

A associação entre crime e o conceito de raça esteve em voga no Brasil até o final da década de 1920. A Faculdade de Direito de Recife, a partir de 1870, passou a adotar a teoria do evolucionismo social e a antropologia criminal para determinar o perfil criminoso, relacionado aos traços físicos e a raça. Sílvio Romero foi um dos grandes difusores de tais ideias, defendendo a “mestiçagem” como a solução para o país, que tendia ao “branqueamento”.³⁵ O primeiro juiz a conceder uma sentença favorável ao réu foi Manoel dos Passos de Oliveira Teles (1859 – 1935), formado na referida faculdade no ano de 1885. Filho do padre Antonio Moniz Telles e D. Maria Luiza de Oliveira Pita.

Considerando que Dominguez era branco e de origem europeia, estava fora dos padrões deterministas que viam negros, índios e mestiços como “raças perigosas”, tendo provavelmente influenciado a sentença do juiz Oliveira Teles.

O último juiz a conceder uma sentença favorável a Dominguez, encerrando o processo, foi Olympio Mendonça. Filho de Antonio Batista de Mendonça e D. Matilde Dantas de Mendonça. Fez os estudos preparatórios no Ateneu Sergipense e bacharelou-se na Faculdade Livre de Ciências Jurídicas e Sociais do Rio de Janeiro em 1910.³⁶ Não tivemos acesso a estudos que mostrem se houve uma boa aceitação das teorias evolucionistas e da antropologia criminal nessa faculdade. Entretanto, a influência dessas ideias durante o início do século XX era notória entre as elites brasileiras.³⁷

O ideal da “raça”, contudo, parece não ter influenciado o juiz Luiz Loureiro Tavares (1883 – 1953), que sentenciou Dominguez a prisão celular. Filho do Desembargador Luíz Loureiro Tavares, que foi Presidente interino do Tribunal de Relação. Coursou a Faculdade de Direito da Bahia, concluindo a graduação em 1904.³⁸ O fato de ter ficado do lado dos médicos do Serviço Sanitário, indica que esse juiz

³⁵ SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e a questão racial no Brasil (1870 – 1930)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

³⁶ GUARANÁ, Armindo. **Dicionário Biobibliográfico Sergipano**. Rio de Janeiro: Oficina da Empresa Gráfica Editora, Pongetti, 1927.

³⁷ SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Op. Cit.*, p. 183-188.

³⁸ Disponível em: <http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=0CBwQFjAA&url=http%3A%2F%2Fclientes.infonet.com.br%2Fserigysite%2Fincludes%2Fserigysite%2F329%2FLUIZLOUREIROTAVARES.doc&ei=bu31U5PJE8q7ogT74GIAg&usg=AFQjCNERHPChDR2hFxmQ79jcnPrvS3VqbQ&bvm=bv.73373277,d.cGU>. Acesso em: 20/05/2014.

simpatizava com os ideais modernistas representados pelos médicos. Mesmo sendo branco, Dominguez não possuía um diploma em medicina e, de acordo com o argumento dos esculápios, poderia colocar em risco a saúde das pessoas.

Ele teve o apoio do então promotor Enoch Santiago (1892 – 1957), também graduado na Faculdade de Direito da Bahia, em 1925. Em 1908, ele trabalhou na inspetoria de higiene do Estado.³⁹ Assim, sabemos que ele já havia entrado em contato com as questões da saúde pública, influenciando o seu posicionamento diante do caso, na tentativa de punir Dominguez, mantendo-o preso.

Não podemos deixar de ver as leis como um repertório que precisa da ação dos indivíduos para selecionar e acionar o aspecto que lhes convêm. Os sujeitos possuem sua própria noção do que consideram certo ou errado e interesses pessoais, dependendo disso a interpretação das leis.

1.3 – Saúde Pública e medicina durante a década de 1920 em Sergipe

A instauração do regime republicano no Brasil, levou seus partidários a tentarem romper com o atraso em que o país se encontrava, dando-lhe uma nova imagem. Nesse sentido, foi adotado o ideal civilizador dos países europeus, a fim de transformar os hábitos das pessoas e libertá-las de tudo o que consideravam ignorância e superstição. A medicina social assumiu um papel central na árdua tarefa de livrar as terras brasileiras das epidemias, que dizimavam pessoas e causavam prejuízos econômicos.

O combate a crença em curandeiros, rezadores e raízeiros,⁴⁰ ocupava um espaço importante na agenda do governo federal. A institucionalização da repressão as práticas não oficiais de cura, por meio da criação do Código Penal de 1890, é uma prova da

³⁹ MEDINA, Ana Maria Fonseca (Org.). **Desembargador Enoch Matusalém Santiago**. Poder Judiciário do Estado de Sergipe: Aracaju, Sergipe, 2008.

⁴⁰ Para entender como ocorreu o processo de criminalização desses agentes da cura ver: PIMENTA, Tânia Salgado. Terapeutas populares e instituições médicas na primeira metade do século XIX. In: CHALHOUB, Sidney et al (Org.). **Artes e Ofícios de curar no Brasil**: capítulos de história social. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003, p. 307-330; SAMPAIO, Gabriela dos Reis. A higiene e as artes de curar no Império. In: **Nas trincheiras da cura**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001; SCHWARCZ, Lilia Moritz. As faculdades de medicina ou como sanar um país doente. In: **O Espetáculo das raças**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

importância que foi dada a destruição de tais crenças, que muitas vezes, afastava as pessoas dos médicos e impedia o processo de medicalização social.⁴¹

A partir da segunda metade dos oitocentos aconteceu um movimento de especialização da atividade intelectual que diferenciaria o “letrado” e o “cientista”.⁴² O primeiro, formado por uma educação humanista, estudava filosofia, letras, matemática, aritmética, geometria, física, química, história natural, latim, grego, línguas estrangeiras, poética e retórica. O segundo deveria se dedicar a um campo do conhecimento que tivesse o *status* de científico. Este se baseava no seguinte modelo:

[...] padronização conceitual, o emprego da evidência empírica e da prova, a importância da observação e do experimento, a adoção da técnica, do parcelamento das atividades profissionais e de uma pedagogia da disciplinarização do tempo.⁴³

Os cientistas buscavam se afastar da imagem dos “homens de letras”, desqualificando o saber destes, chamado pejorativamente de “enciclopédico”, ou seja, que tinha pouca importância prática.⁴⁴ Por outro lado, a ciência foi apresentada como indispensável para o progresso da civilização e da modernidade. As novas descobertas davam o tom de otimismo e fé na ciência, combatendo os males do corpo.

A cidade de Aracaju foi projetada para atender aos padrões de modernidade da época em que foi criada. A nova capital, inaugurada em 1855, não atingiu o ideal moderno do governo de Inácio Barbosa, apresentando vários problemas como lagoas, dunas, pântanos e ausência de um sistema de saneamento, que a tornava insalubre e foco de diversas epidemias. Essa imagem, contudo, será transformada, a partir das primeiras décadas do século XX. Aliando os conceitos de beleza e higiene, foram destruídas casas de taipa e palha, e calçamentos irregulares; criação de uma empresa de carris urbanos; construção de uma estrada de ferro; instalação de energia elétrica e água encanada.⁴⁵

⁴¹ A medicalização social se refere à intervenção da medicina na vida das pessoas, indicando normas morais e de comportamento, de acordo com os saberes por eles produzidos. FOUCAULT, Michel. O nascimento da medicina social. In: **Microfísica do poder**. São Paulo: Edições Graal, 2008.

⁴² SÁ, Dominichi Miranda de. **A ciência como profissão: médicos, bacharéis e cientistas no Brasil (1895-1935)**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2006.

⁴³ *Ibidem*, p. 18.

⁴⁴ *Ibidem*, p. 14.

⁴⁵ Cf. SOUSA, Antônio Lindvaldo. “**Ave branca que voa dos pântanos para o azul...**”: as elites e o projeto modernizador de Aracaju nas décadas de 1910 à 1930. São Cristóvão: Universidade Federal de

O Estado de Sergipe passou trinta anos de atraso em relação ao Rio de Janeiro e à São Paulo, para implantar de maneira efetiva o modelo higienista. O governo de Graccho Cardoso (1922-1926) reuniu as condições necessárias para estabelecer a modernização do sistema de Saúde Pública,⁴⁶ que deixou de ser tratada de forma assistencialista, em momentos de crise epidêmica. O médico Augusto Leite contribuiu de forma expressiva para a Reforma Sanitária desse período, sendo o idealizador da construção do Hospital de Cirurgia. Houve ainda a implantação do Instituto “Parreiras Horta” e mudanças na Repartição de Higiene, seguindo a concepção biológica das doenças e a prática médica especializada.

Quando José Maria Dominguez y Dominguez se instalou em Aracaju, o Serviço de Saneamento e Profilaxia Rural estava em funcionamento há pouco tempo. Este órgão foi implantado em Sergipe no dia 26 de março de 1923. Se considerarmos a data do primeiro anúncio de Dominguez na imprensa de Aracaju (17.04.1923), perceberemos que tinha menos de um mês que o Serviço fora instalado. Essa instituição faz parte da ampliação da Reforma Carlos Chagas (1920), que visava centralizar o aparelho sanitário em torno do Departamento Nacional de Saúde Pública. Assim, o governo federal pretendia ajudar os estados a resolverem as questões relacionadas à saúde pública.

A escolha de Phócion Serpa para chefiar tal instituição em Sergipe, não se deu sem atritos com as autoridades políticas locais. O governador Graccho Cardoso havia nomeado seu irmão, Eleyson Cardoso, para ocupar este cargo, mas o Departamento de Saúde Pública não acatou essa nomeação. Os médicos contratados foram Luíz Lameira Ramos, Augusto Bucão, Lafayete de Freitas e Adherbal Figueiredo.⁴⁷ Apesar deste último médico ser sergipano, o fato de ter adquirido sua formação e posterior atuação profissional fora do Estado o ajudou a constituir boas relações com os membros do DNSP, para que fizesse parte da comissão de médicos.

A volta de Eleyson Cardoso ao Estado de Sergipe foi recebida com grande entusiasmo pelas autoridades locais ligadas ao governo, sendo anunciado na primeira página do “Sergipe-Jornal”, em 15 de fevereiro de 1923, destacando que ele iria

Sergipe/ CESAD, 2010, pp. 114-124; DANTAS, José Ibarê Costa. **História de Sergipe**: república (1889-2000). Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2004.

⁴⁶ Foi nesse momento que a receita do Estado aumentou devido a valorização do açúcar e a ampliação da indústria têxtil; o governador Graccho Cardoso percebia a melhoria da saúde dos trabalhadores como algo indispensável para o aumento da produtividade; a cobrança dos médicos para a melhoria da saúde, aliada a política nacional de saúde, distribuindo a verba e pessoas qualificadas para sanar as dificuldades enfrentadas pelos estados brasileiros. Cf. SANTANA, Antônio Samarone de. **As febres do Aracaju**: dos miasmas aos micróbios. Aracaju, SE: O Autor, 2011, p. 183 – 200.

⁴⁷ *Ibidem*, p. 202.

“desempenhar importantes funções nos serviços prophylaxia” e chegava junto a uma comissão federal. Cardoso, neste momento com 31 anos, fez carreira na área da saúde pública. Coursou a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, obtendo o doutorado em 1917, com a tese “Assistência pública no Rio de Janeiro”. Atuou como médico residente no Hospital Central da Marinha (1910); foi médico nos navios de transporte durante a Primeira Guerra Mundial e inspetor sanitário marítimo em 1917. Em 1922, se tornou sócio efetivo da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro; sócio fundador da “Sociedade Brasileira de Higiene” e Diretor da “Companhia Agrícola” do Estado de Sergipe.⁴⁸ Percebemos que ele possuía experiência em assuntos relacionados à saúde pública e estava apto a exercer a função de Chefe do Serviço, mas o contrato com o governo federal deixou claro que os funcionários da área técnica seriam nomeados pelo DNSP, enquanto o quadro administrativo seria escolhido pelo governo do Estado.

Phócion Serpa possuía 31 anos, assim como Eleyson Cardoso, quando chegou a Aracaju para chefiar o Serviço de Profilaxia e Saneamento Rural, em 08 de abril de 1923. Serpa era médico sanitarista e discípulo de Oswaldo Cruz. Em 1913, iniciou o curso de Medicina na Faculdade do Rio de Janeiro, graduando-se em 1919, com a tese “A educação física e moral na puberdade masculina”. Foi promovido, em 1921, a inspetor sanitário rural por Carlos Chagas. Antes de se estabelecer a Sergipe, assumia o cargo de diretor do Posto de Saúde de Pilares, no Rio de Janeiro.⁴⁹

O plano de ação de Serpa foi publicado no Diário Oficial, no dia 19 de abril de 1923. Ele definiu as seguintes atribuições para o órgão que chefiava: a) fiscalização do exercício da medicina; b) controle dos farmacêuticos práticos e parteiras leigas; c) fiscalização das habitações; d) combate aos vetores; e) organização do serviço de demografia sanitária; f) controle das doenças de notificação compulsória, exigindo dos médicos a sua notificação; g) controle dos enterramentos; h) combate intenso às verminoses e ao impaludismo, com tratamento gratuito; i) intensificação da vacinação; j) fiscalização dos gêneros alimentícios; l) instalação de um laboratório para realização de exames de sangue, pus, escarro, fezes e urina.

Mesmo mostrando seu comprometimento com o cargo que assumiu, Phocion Serpa não permaneceu por muito tempo em Aracaju. Ele precisou se ausentar, sendo substituído temporariamente por Eleyson Cardoso, que realizou algumas mudanças, entre elas a nomeação do Dr. Carlos Menezes como médico do Serviço. Quando Serpa

⁴⁸ GUARANÁ, Armindo. **Dicionário Biobibliográfico Sergipano**. *Op. cit.*, p.127.

⁴⁹ Disponível em: <http://icaatom.coc.fiocruz.br/index.php/phocion-serpa;isaar>. Acesso em: 24/11/2012.

voltou, desfez tudo. Em junho de 1923, o contrato foi rompido, sob a alegação de ineficiência do Serviço, que seria retomado apenas em 01 de março de 1924.⁵⁰

O Serviço de Profilaxia e Saneamento Rural foi extinto definitivamente em janeiro de 1926, através da justificativa de ser custosa sua manutenção, bem como o governo já havia adquirido a experiência necessária para conduzir os serviços de saúde pública no estado.

Durante o curto período que esteve em funcionamento, o SPSR realizou importantes serviços, ajudando a consolidar um sistema de Saúde Pública em Sergipe. Esse órgão cuidou das endemias e epidemias rurais, fiscalização das habitações, assistência a gestante e as crianças, fornecimento de medicamentos gratuitos, tratamento da lepra e doenças venéreas, vacinação e injeções, fiscalização dos gêneros alimentícios. Em parceria com a Fundação Rockefeller realizou o cadastramento da população de Aracaju. Houve ainda, uma intensa propaganda na imprensa, com o objetivo de propagar a educação sanitária.⁵¹ Podemos perceber que todos os itens selecionados por Phócion Serpa foram de alguma forma contemplados.

Os médicos desse período entendiam que o papel que desempenhavam na sociedade seria capaz de salvá-la e regenerá-la, levando o país ao verdadeiro progresso. Porém, antes eles teriam que resolver os problemas do seu próprio campo, tais como: conflitos internos; o processo tardio de medicalização; as dificuldades de formação; e as epidemias sem solução.⁵² No sentido de promover a organização corporativa dos médicos sergipanos foi criada a Sociedade de Medicina de Sergipe em 15 de outubro de 1910 e a Revista médica de Sergipe. Entretanto, esta instituição foi dissolvida em pouco menos de um ano, em 24 de setembro de 1924, sem que os motivos dessa decisão fossem esclarecidos por seus membros.

Um dos grandes entusiastas e que lutou pela organização dos médicos foi o médico Helvécio de Andrade. Embora tenha se envolvido em conflitos com seus colegas de profissão por ter deixado a alopatia depois da morte de um de seus filhos, que foi vitimado por uma das epidemias que combatia na cidade de Santos, optando pela homeopatia.⁵³ No primeiro artigo da “Revista Médica de Sergipe”⁵⁴, Andrade

⁵⁰SANTANA, Antônio Samarone de. *Op. Cit.*, p.202 – 205.

⁵¹ *Ibidem*, p. 207 – 210.

⁵² VALENÇA, Cristina. **Medicina, educação e História: A trajetória de Helvécio de Andrade.** São Paulo: Scortecci, 2001.

⁵³ *Ibidem*, p. 78 e 79.

defende a união da classe médica para fortalecer o prestígio público tão desgastado por desentendimentos entre eles, chegando a fazer o seguinte apelo:

Resta-nos appellar para todos os nossos companheiros de jornada. De todos nós depende o futuro da Sociedade, o futuro da nossa classe, sua força, seu prestígio actual e futuro.(...) Unamo-nos na mesma comunhão de idéias, no mesmo sentimento de fraternidade, sejamos um por todos, que havemos de triumphar no conceito publico, tangendo bem para longe esse tempo de anarchia medica e farmacêutica, em que não sabemos bem quem manda e quem obedece.⁵⁵

Uma nova tentativa de unir os médicos sergipanos ocorreu em 1919, através da Sociedade de Medicina e Cirurgia, liderada pelo médico Augusto Leite. Desta vez, não contou com a presença de Helvécio de Andrade entre os seus associados. O principal motivo, segundo indicou Cristina Valença, foi o desentendimento entre ele e o médico Augusto Leite.⁵⁶ Estes dois médicos se desentenderam em razão do tratamento de Ewerton Coelho, filho do comerciante Estevam Pereira Coelho. O tratamento usado por Augusto Leite não surtiu o efeito desejado, assim, o pai de Ewerton buscou os cuidados da homeopatia praticada por Helvécio de Andrade. Este suspendeu o tratamento do primeiro e pediu a família que mandasse o enfermo para Salvador, mas fragilizado pela doença, Ewerton acabou falecendo. A família deste culpou Augusto Leite pela morte do rapaz, chegando a mover um processo contra ele. Augusto Leite, por sua vez, processou Helvécio e convidou a sociedade aracajuana a ouvir seu testemunho no auditório da Biblioteca Epifânio Dórea, na qual se defendeu e fez ataques a homeopatia.

As trocas de acusações entre esses dois médicos também poderia ser acompanhada através dos jornais. Diante de tais acusações, ambas com fundamentos considerados científicos, em quem os leitores iriam confiar?

Voltando a primeira década do século XX, veremos outro médico homeopata sergipano sendo criticado e ao mesmo tempo tentando deslegitimar a alopatia enquanto teoria e prática médica. Assim como Helvécio, Olinto Dantas era alopatia e abandonou a prática desta por encontrar falhas. Ele escreveu o livreto intitulado “Carta aberta ao povo”⁵⁷ e o livro “Allopathia e Homeopathia”,⁵⁸ nos quais dava esclarecimentos sobre o

⁵⁴ ANDRADE, Helvécio de. Sociedade médica de Sergipe. **Revista Médica de Sergipe**, vol. 1, nº 1, maio, 1911, p. 3-6.

⁵⁵ *Ibidem*, p. 6.

⁵⁶ VALENÇA, Cristina. Op. cit., p. 103-106.

⁵⁷ DANTAS, Olyntho. **Carta aberta ao povo**. Santos: Typ. Brazil, 1906.

que é a homeopatia e de que forma ela superaria a alopatia. Esta seria desumana, pois ao mesmo tempo em que combate uma doença, provoca outros malefícios a saúde em decorrência dos efeitos colaterais dos remédios. Enquanto isso, a homeopatia seria superior por não agredir o organismo, ativando as próprias defesas existentes nele.

Percebemos que durante a década de 1920, a saúde pública em Sergipe obteve alguns avanços, consolidando uma estrutura sanitária de acordo com os preceitos higiênicos e abandonando o modelo assistencialista, que era feito em períodos epidêmicos. Por outro lado, a tentativa do governo federal em centralizar o serviço de saúde pública causou desentendimentos entre os membros do DNSP e as elites locais, acostumadas a distribuir os cargos públicos de acordo apoiaram com interesses pessoais, embora não tenha impedido as ações do governo federal de implantar as mudanças no campo da saúde. Por fim, os médicos sergipanos e, principalmente, os que trabalhavam na capital, apresentaram discordâncias que dificultava a formação de uma imagem legítima e possuidora de verdades científicas, tal como a que presenciamos atualmente.

1.4 – A História em cena

A partir da década de 1990, a história da medicina no Brasil passou a ser alvo de críticas por alguns historiadores⁵⁹ inspirados em estudos da antropologia e da sociologia.⁶⁰ Por meio destes, as formas populares de entender e combater as doenças passaram a ser encaradas livre dos olhares preconceituosos, que geralmente aparecem nas fontes escritas por médicos e autoridades públicas, que apresentaram os curandeiros, raizeiros, rezadores, parteiras e seus clientes, como supersticiosos, ignorantes e atrasados. Percebeu-se que as escolhas no campo da cura estavam relacionadas às concepções de doença e de cura, que passavam por mudanças ao longo da história.

⁵⁸ *Idem*, 1907.

⁵⁹ Cf. EDLER, Flavio Coelho. **As reformas do ensino médico e a profissionalização da medicina no corte do Rio de Janeiro 1854-1884**. São Paulo: USP, 1992. Dissertação (Mestrado em História) – Departamento de História/Universidade de São Paulo, 1992; PIMENTA, T. S. *Op. Cit.*, 1998; SAMPAIO, Gabriela dos Reis. *Op. Cit.*, 2001; WEBER, Beatriz Teixeira. *Op. Cit.*, 1999; WITTER, Nikelen Acosta. *Op. Cit.*, 2001.

⁶⁰ Cf. BASTIDE, Roger; RIBEIRO, René. **Negros no Brasil: religião, medicina e magia**. São Paulo, Escola de comunicação e Artes, 1971; LOYOLA, Maria Andréia. **Médicos e curandeiros: conflito social e saúde**. São Paulo: Difel, 1984; MONTERO, Paula. **Da doença à desordem: a magia na umbanda**. Rio de Janeiro Graal, 1985; OLIVEIRA, Elda Rizzo. **O que é medicina popular**. São Paulo, Brasiliense, 1985.

A História da Medicina, geralmente escrita pelos próprios médicos, expôs o progresso dessa ciência de forma unívoca e factual⁶¹, deixando de lado os conflitos ligados a construção do saber médico, cujos profissionais se baseavam em diferentes teorias e terapêuticas das doenças. Além disso, o suposto prestígio dos médicos foi relativizado, ao descobrir que o saber usado por eles, em outros períodos históricos, pouco se diferenciava do que era empregado pelos curandeiros. Desse modo, foi considerado um anacronismo supor que o conhecimento empregado pelos médicos sempre possuiu o *status* de “verdadeiro saber”, superior aos saberes tradicionais de curar, conforme observamos atualmente.

Outra tendência criticada por teóricos da História da Saúde e das doenças ou História das artes de curar é a que usa abordagens marxistas e foucaultianas.⁶² Estas se preocuparam em explicar a relação entre o governo brasileiro e os médicos, exagerando o poder de intervenção social desses, que teriam eliminado as práticas de cura tradicionais ainda na primeira metade do século XIX. Entretanto, as pesquisas mostram o contrário.

É preciso registrar que as concepções de doença e de cura foram alvo de pesquisas através dos trabalhos de alguns historiadores da Escola dos *Annales*, antes dessa abordagem chegar a ser usada por pesquisadores brasileiros. No livro “Os reis taumaturgos”,⁶³ Marc Bloch analisa a importância da crença no poder miraculoso dos reis da França e da Inglaterra, entre os séculos XII e XVIII, que teriam a capacidade de curar escrófulas através do toque de suas mãos. O livro “História do medo no Ocidente”,⁶⁴ escrito por Jean Delumeau, aborda no terceiro capítulo o comportamento coletivo em torno da peste e as explicações que as pessoas davam para entender a origem dessa doença. Outro trabalho que trata das concepções ligadas às doenças, organizado por Jacques Le Goff, foi o livro “As doenças têm História”.⁶⁵ Neste caso, observamos uma continuidade e não uma ruptura nas pesquisas sobre a temática História da saúde e das doenças.

⁶¹ Ver como exemplos: SANTOS FILHO, L. dos. *Op. Cit.*; NAVA, Pedro. *Op. Cit.*

⁶² Ver, respectivamente: LUZ, M. T. **Medicina e ordem política brasileira**: políticas e instituições de saúde (1850-1930). Rio de Janeiro: Graal, 1982; MACHADO, R. ET AL. **Danação da norma**: medicina social e constituição da psiquiatria no Brasil. Rio de Janeiro: Graal, 1978.

⁶³ BLOCH, M. **Os reis taumaturgos**: o caráter sobrenatural do poder régio, França e Inglaterra. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

⁶⁴ DELUMEAU, Jean. **História do medo no Ocidente**: 1300-1800, uma cidade sitiada. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

⁶⁵ LE GOFF, Jacques et al. **As doenças têm história**. Lisboa: Terramar, 1985.

A historiografia sergipana apresenta poucos trabalhos que enfocam os curandeiros e demais terapeutas populares. Entretanto, eles são citados em alguns trabalhos que seguem a orientação da História da medicina e da História social da medicina, de inspiração foucaultiana.

O primeiro a escrever sobre a história da medicina em Sergipe foi o médico Helvécio de Andrade, em um ensaio para a Revista do IHGSE, publicado em 1920, intitulado “A medicina em Sergipe durante um século”. O período delimitado por ele se situa entre 1820 e 1920. Andrade percebe a força que possuíam certas noções populares como “quebranto”, “das rezas com asperções de galhos de arruda”, porém, seu olhar de médico enxergava apenas atraso e superstição.⁶⁶ As práticas populares de cura são vistas como algo que veio cobrir a lacuna deixada pela falta de médicos.

Outro trabalho que segue essa mesma linha é o livro “História da medicina em Sergipe”, escrito pelo médico Henrique Batista e Silva.⁶⁷ O autor utiliza o ensaio de Helvécio de Andrade como referência e partilha do mesmo ponto de vista que este em relação aos agentes populares da cura.

Os demais trabalhos selecionados seguem a perspectiva da história social da medicina, inspirados na teoria de Michel Foucault.

O livro “As febres do Aracaju”, escrito pelo médico Antônio Samarone Santana, foi originalmente uma dissertação de mestrado em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Sergipe, defendida em 1997. Santana expõe o longo processo de formação da saúde pública em Sergipe, iniciado em 1820 até a década de 1930, passando do assistencialismo à consolidação de uma estrutura sanitária moderna. Neste trabalho, os curandeiros são apenas referidos quanto à proibição na aplicação da vacina durante a primeira metade dos anos oitocentos e o combate empreendido pela Sociedade de Medicina e Cirurgia de Sergipe ao charlatanismo, já que o interesse maior era expor a formação de um sistema de saúde pública, baseado nas últimas descobertas da medicina.

Amâncio Cardoso escreveu a dissertação de mestrado intitulada “Sob o signo da Peste: Sergipe no tempo do cólera (1855-1856)” apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Unicamp em 2001. Cardoso faz uma breve referência sobre a participação de curandeiros durante a epidemia de cólera morbo numa nota de rodapé,

⁶⁶ ANDRADE, Helvécio de. A medicina em Sergipe durante um século. **Revista do Instituto e Histórico e geográfico de Sergipe** (vol. 5, nº 9, 1920), p. 100.

⁶⁷SILVA, Henrique Batista e. **História da Medicina em Sergipe**. Aracaju: Gráfica Editora J. Andrade Ltda., 2007.

explicando que os gastos com os serviços destes foram superiores ao que foi gasto com os boticários e que eles atuaram em locais em que não possuíam médicos diplomados. Essa pouca atenção dada ao papel dos curandeiros durante o surto epidêmico, é explicada em razão de o autor seguir a orientação foucaultiana, portanto, mais interessado em expor a medicalização da sociedade, do que a permanência de antigas crenças.

Encontramos duas monografias que propõem fazer uma análise da prática do curandeirismo. A primeira delas é de autoria de Valéria Correia, com o título “Entre feitiçaria, charlatanismo e tratamentos tradicionais de saúde: curandeirismo em Maruim – Análise de autos judiciais (1889 a 1897)”.⁶⁸ Correia propõe expor “uma breve reflexão sobre a importância do resgate da função terapêutica religiosa através das práticas de cura realizadas nas mais diversas religiões contemporaneidade”, o que se torna uma contradição, pois a análise parte de processos impetrados contra curandeiros durante a segunda metade do século XIX e não através das religiões contemporâneas.

A partir da leitura dessa monografia constatamos que a relação entre religião e cura passou para o segundo plano devido às conquistas dos médicos em mudar os hábitos da população, para se tornarem os únicos a combaterem os males do corpo. Esta mudança é percebida como algo negativo pela autora, que afirmar ser necessário “resgatar” as antigas práticas de cura. Entretanto, a mudança é algo inerente a história, o tempo transcorrido jamais voltará. Podem acontecer fatos semelhantes, mas nunca iguais. Assim como as tradições passam por certos reajustes para continuarem vivas. Isso pode ser observado através da permanência da crença na interseção de Deus para curar o corpo enfermo, mas a medicina não é deixada de lado, e sim vista como um instrumento enviado por Ele ou se recorre a ela para “provar” estar curado através de exames que mostrem o antes e o depois do estado do doente. Essa característica pode ser percebida facilmente ao ligarmos a TV e assistirmos a programas evangélicos que arrastam uma verdadeira multidão como os do pastor Valdomiro Santiago, por exemplo, sem contar as demais religiões.

⁶⁸CORREIA, Valeria Teresa Lima Borges. **Entre Feitiçaria, Charlatanismo e Tratamentos Tradicionais de Saúde: O Curandeirismo em Maruim – Análise de Autos Judiciais (1889 -1897)**. São Cristóvão, 2009. 62f. Monografia (Licenciatura em História). DHI, CECH, UFS. Acervo do Programa de documentação e pesquisa em História – PDPH. Orientador: Prof. Msc. Lourival Santana Santos.

Outra questão problemática é tomar partido por um lado da história. Valéria Correia se prende à análise das mudanças no sistema normativo, que acabou criminalizando os curandeiros. Embora, os curandeiros e feiticeiros tenham sofrido repressão, não podem ser tratados como vítimas inocentes e os médicos julgados como opressores, pois cada qual usou os meios que estavam a disposição para satisfazer seus interesses. Ela promete analisar dois processos, um de 1889 e o outro de 1897, contudo apenas este último é comentado no texto. O texto deixa a entender que todos os curandeiros estariam ligados “às práticas afro-religiosas”. A interpretação das fontes foi superficial, sendo as práticas de cura descritas nos processos relacionadas ao candomblé, sem que os traços dessa religião fossem indicados a partir das fontes. Além disso, o contexto de Maruim da segunda metade do século XIX não foi explorado.

A monografia escrita por Naíze Hora, Natália Amado e Tânia Mello, intitulada “Curandeirismo na República Velha: práticas de cura em Sergipe”,⁶⁹ é pretensiosa, prometendo cobrir todas as práticas de cura existentes em Sergipe durante a chamada Primeira República. Entretanto, focam os médicos que seguiam a orientação alopática, deixando de lado os médicos homeopatas. No caso dos terapeutas populares, as autoras selecionaram dois processos criminais, um de 1923 e o outro de 1928, em que foram réus José Maria Dominguez e Deoclécio Freire de Carvalho, respectivamente. Percebemos que as fontes não foram questionadas e o discurso presente nelas foi tomado como “verdade”, sem problematizá-lo.

Houve a tentativa de interpretar as práticas de Dominguez a partir do conceito de superstição laica, em que não há interferência do sobrenatural, se contrapondo a superstição mística, na qual se destaca a crença no sobrenatural, segundo a definição de Isadora Durval Peixoto. As autoras consideram o ocultismo e a teosofia formas laicas, mostrando o completo desconhecimento de tais práticas, em que o misticismo é o traço mais marcante. É importante notar que a palavra superstição é carregada de um sentido pejorativo, usada por aqueles que querem desqualificar uma crença, considerando-a fruto da mente de pessoas ignorantes. Outro ponto a ser assinalado é que as práticas

⁶⁹HORA, Naíze; AMADO, Natália; MELLO, Tânia. **Curandeirismo na República Velha: práticas de cura em Sergipe**. Aracaju, 2006, f. Monografia (Graduação em História). UNIT. Acervo da Biblioteca Central Jacinto Uchôa de Mendonça - Universidade Tiradentes. Orientadora: Prof.^a Msc. Joceneide Cunha.

sempre vêm acompanhadas de representações e as autoras não fizeram referência a estas.

A partir da revisão bibliográfica referente à História da medicina e das artes de curar em Sergipe, percebemos que o único trabalho que se refere a José Maria Dominguez y Dominguez, não responde quem foi ele e o universo cultural do qual ele participava, tarefa que escolhemos executar. As autoras apenas se basearam no pedido de habeas-corporis impetrado por Dominguez e não no processo-crime. Após meses procurando esse documento no Arquivo do Judiciário e pensando até em mudar o foco da pesquisa, eis que o encontramos. O processo contém setenta páginas e esteve aberto entre os anos de 1923 e 1928.

Foi durante a pesquisa realizada para a produção do TCC da graduação, que tive acesso ao pedido de *habeas-corporis* impetrado em favor de José Maria Dominguez y Dominguez. A defesa afirmava que ele era médico formado em medicina eletromagnética, praticava o ocultismo por “sport e sem remuneração” e requeria o direito de permanecer em Aracaju exercendo o ofício de curar, porém, este foi negado. O ponto mais interessante foi a transcrição do anúncio que Dominguez expôs na imprensa local, no qual apresentava suas práticas ligadas às filosofias orientais e ao combate à feitiços. Entretanto, resolvemos trabalhar somente a segunda metade do século XIX, em que percebemos a forte crença nos poderes dos curandeiros, tanto para curar como para causar doenças através de feitiços, assim, não havia uma oposição entre ser curandeiro ou ser feiticeiro, essas duas figuras estavam imbricadas.

Os processos criminais têm mostrado grande potencial como fonte para as pesquisas históricas. Através deles é possível descobrir detalhes da vida dos sujeitos históricos, que de outra forma estariam perdidos nas areias do tempo. Assim, foi possível conhecer as ideias de Menocchio, um moleiro do Friuli acusado de heresia pelo Tribunal da Inquisição.⁷⁰ Outra obra exemplar é “Trabalho, lar e Botequim”, na qual Sidney Chalhoub analisa cotidiano de trabalhadores da *Belle Époque* no Rio de Janeiro, tomando como ponto de partida o assassinato de um estivador conhecido como Zé Galego,⁷¹ ou ainda a história de Juca Rosa, um feiticeiro que fazia sucesso entre

⁷⁰GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

⁷¹CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, lar e botequim**: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da *Belle Époque*. 2ª ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2001.

diferentes membros da sociedade do Rio de Janeiro.⁷² E vários outros personagens históricos que emergem das sombras do esquecimento ao qual foram relegados. Porém, acima de tudo foi necessário questionar essas fontes para enxergar além dos rótulos empregados pelas autoridades judiciárias, tais como hereges, homicidas, estelionatários, curandeiros, fazendo uma “história problema”, assim como LucienFebvre e Marc Bloch defenderam, e não uma simples reprodução do conteúdo encontrado nelas.

Ao ler os depoimentos dos réus é preciso considerar a situação em que eles se encontram, entre a liberdade e a prisão. Portanto, sendo capazes de omitir certos detalhes comprometedores e inventar outros para se livrar da culpa. Sempre que possível procuraremos descobrir o que realmente aconteceu. Contudo, nem sempre teremos fontes diretamente relacionadas a Dominguez que respondam a todas as perguntas que surgem no decorrer da pesquisa. Nesse sentido, trabalharemos com a noção de verossimilhança, que fora usada por Natalie Davis na escrita do livro “O retorno de Martin Guerre”⁷³, no qual ela usa com maestria “as possibilidades históricas” existentes no povoado de Artigat, na França do século XVI, para compor a história de um impostor que se passou por um camponês de origem basca chamado Martin Guerre, reconstituindo as normas que orientavam os camponeses dessa região.

A micro-história surgiu durante a década de 1980 como uma alternativa para os historiadores diante da crise dos paradigmas funcionalistas e estruturalistas. A crítica interna estava voltada aos seguidores da Escola dos *Annales*, que fizeram parte da segunda geração de historiadores liderada por Fernand Braudel, com seu apego ao estudo do coletivo, observando regularidades dentro da longa duração e sem análise qualitativa das fontes, resultando na falta de dinamismo.⁷⁴ O problema externo foi configurado com a crise de 1968, que segundo Ciro Flamarion Cardoso,⁷⁵ marca o fim de um longo período da história humana iniciado durante o Renascimento e intensificado com o iluminismo. O fracasso do projeto revolucionário abriu as portas para a descrença na razão e no progresso, que resultaria a partir do avanço científico.

⁷²SAMPAIO, Gabriela dos Reis. **A história do feitiço Juca Rosa: cultura e relações sociais no Rio de Janeiro imperial.** Tese (doutorado), Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, SP: [s.n.], 2000.

⁷³DAVIS, Natalie Zemon. *Op. cit.*

⁷⁴ REVEL, Jacques. História ao rés-do-chão. In: LEVI, Giovanni. **A herança imaterial: trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000, p. 7 – 36.

⁷⁵ CARDOSO, Ciro Flamarion. História e paradigmas rivais. In: **Domínios da História.** Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

Era o paradigma pós-moderno em ascensão, caracterizado pelo semirracionalismo ou irracionalismo e subjetivismo, pregando o fim da história.

Os micro historiadores, através da redução da escala de observação, trouxe de volta o indivíduo para a história, trazendo questões que tornaram a história mais complexa e viva. Ao mesmo, não abandonou a ideia de racionalidade e do caráter científico da escrita da história, conforme as tradições historiográficas anteriores. Outra preocupação é com a recepção das obras pelos leitores. Nesse sentido, a narrativa é utilizada enquanto recurso para revelar o funcionamento da vida social, cheia de dinamismo e conflitos. Por meio da narração voltamos a trabalhar com o fato, mas não aquele da história positivista que expunha fatos grandiosos sobre pessoas que se destacaram por assumirem cargos importantes ou realizarem “grandes feitos”. Trata-se de um acontecimento envolvendo um indivíduo que foi preso mediante uma trama envolvendo membros da Repartição de saúde pública e com o apoio da polícia. Mesmo sendo solto no mesmo dia da prisão, ele foi impedido de fazer sua defesa. Essa trama, por outro lado, permite mostrar “um conflito de pequena abrangência que revela as tensões latentes na sociedade em geral”.⁷⁶

O silêncio, então, foi imposto a Dominguez. As fontes oficiais, de acordo como são encontradas nos arquivos, por se só não revelam a visão dele sobre si e a compreensão que possuía do mundo em que vivia. Ninguém contou a sua história, pois segundo os mesmos documentos, Dominguez foi um criminoso, charlatão, curandeiro, espírita, portanto, indigno de ser recordado se olharmos através do olhar das autoridades públicas que construíram o processo-crime.

O historiador da cultura compreende que todos partilham de uma vida cultural e reproduzem o que aprenderam, ao mesmo tempo em que são capazes de trazer novos detalhes para manter a cultura viva. Dominguez não criou a teosofia, nem a crença em feitiços ou no poder negativo que possuem certas pessoas sobre outras. Ele fala de um lugar. É aí que entra o trabalho do historiador, lendo nas entrelinhas, cruzando as várias informações encontradas nas fontes, para nos aproximar da vida de pessoas que viveram em épocas e espaços diferentes dos nossos. Assim propôs como Carlo Ginzburg através do paradigma indiciário, o historiador deve agir como um caçador que segue os sinais deixados por sua presa ou um detetive buscando pistas para desvendar um crime ou

⁷⁶ BURKE, Peter. **História e teoria social**. Trad. Klauss Brandini. São Paulo: Editora UNESP, 2002, p. 63.

ainda um médico que através dos sintomas descobre a doença que aflige o doente para curá-lo.⁷⁷

O procedimento de diminuir a escala de observação proposto pela micro-história, possibilitou observar questões que os modelos mais generalizantes não eram capazes. Através dessa abordagem podemos fazer uma “descrição mais realista do comportamento humano”⁷⁸ e enxergamos a liberdade relativa dos atores históricos relacionadas às contradições dos sistemas normativos, percebendo que “um indivíduo tem um conjunto diferente de relacionamentos que determina suas reações à estrutura normativa e suas escolhas com respeito a ela.”⁷⁹

O personagem escolhido nos guiou no entendimento da situação dos praticantes não autorizados da medicina frente às mudanças relacionadas à organização à própria medicina e da Saúde Pública em Sergipe durante a década de 1920. Nesse sentido, seguimos o modelo da biografia modal da segunda fase hermenêutica, conforme delimitou François Dosse,⁸⁰ cuja escolha de determinados sujeitos é explicada pela representatividade que possuem de uma época, possibilitando entender a relação entre pessoas comuns e a sociedade. Essa nova epistemologia do vivido, considera o lado subjetivo dos indivíduos e seus sentimentos frente às situações vivenciadas. O ser humano não é racional o tempo todo. Existem situações em que o irracional, ou seja, o lado emocional dos sujeitos, fala mais alto. Portanto, o medo, a inveja, a tristeza e a alegria, ao serem considerados, nos permite enxergar os sujeitos de forma mais completa e melhor compreender suas escolhas.⁸¹

A partir das informações colhidas no processo-crime e demais fontes ligadas a José Maria Dominguez y Dominguez, buscamos compreender quem era esse indivíduo e conhecer a cultura que ele era porta-voz.

⁷⁷GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: **Mitos, emblemas, sinais: Morfologia e História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

⁷⁸LEVI, Giovanni. *Op. Cit.*, p. 135.

⁷⁹*Ibidem*, p. 137.

⁸⁰DOSSE, François. **O desafio biográfico: escrever uma vida**. São Paulo: Edusp, 2009.

⁸¹DILTHEY, Wilhelm. *Op. cit.*, 167 – 205, *passim*.

CAPÍTULO II

O OCULTISMO E A ARTE DE CURAR: DOMINGUEZ E AS PRÁTICAS E REPRESENTAÇÕES DA CURA

Semeia ações amáveis e colherás os seus frutos. A omissão a um ato de compaixão equivale a cometer um pecado mortal. (Helena Blavatsky)⁸²

Nada é indiferente no imenso cenário da Vida, seja sob o aspecto físico ou moral. Quem souber descobrir todos os caminhos que das causas conduzem aos efeitos, poderá, com certeza, predizer ou adivinhar os acontecimentos futuros. (F. Valdomiro Lorenz)⁸³

La telepatia, la clarividencia y la transmisión de la energia sin contacto no forman aún parte de la ciencia, pero no tardarán em ocupar el lugar que les corresponde. (Annie Besant e C. W. Leadbeater)⁸⁴

Nesse capítulo buscaremos compreender o universo cultural ao qual Dominguez fazia parte. A lista de objetos que foram apreendidos pela polícia nos aponta as pistas necessárias para desvelar a identidade que ele assumira, que conforme as fontes eram a de médico e de ocultista.

Gilberto Freyre dedicou especial atenção a importância dos artefatos da cultura material para o conhecimento do passado. De acordo com Peter Burke um dos méritos de Freyre foi “colocar a comida, as roupas, os móveis e as casas dentro do mapa da história”.⁸⁵ Em “Casa-Grande & Senzala”,⁸⁶ ele fez uma famosa analogia, na qual a casa grande é vista como símbolo do sistema patriarcal nordestino. Os objetos funcionam como indícios históricos, que quando devidamente lidos, nos dá acesso ao mundo sociocultural ao qual fez parte.

⁸² BLAVATSKY, Helena Petrovna. **A voz do silêncio**. Editora Pensamento: 1987, p.17.

⁸³ LORENZ, F. Valdomiro. **A sorte revelada pelo horóscopo cabalístico**. São Paulo, SP: Editora Pensamento, 1997, p. 13.

⁸⁴ BESANT, Annie; LEADBEATER, C. W. **Formas del pensamiento**. Buenos Aires: Editora Kier, 1964, p. 14.

⁸⁵ BURKE, Peter. Uma história da intimidade. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 12 març. 2000.

⁸⁶ FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande & senzala**. São Paulo: Global Editora, 2006.

A partir dos objetos chegaremos às práticas e, por seguinte, às representações que lhes dão sentido. Segundo Roger Chartier, as representações funcionam como categorias de percepção e apreensão do real, que permitem “ver uma coisa ausente”. Contudo, as representações não devem ser confundidas com o real, pois estão atreladas aos “interesses de grupo que as forjam”. O signo, desta forma, precisa ser relacionado ao seu referente, e não confundido com ele.

Os objetos pertencentes a Dominguez foram divididos em três categorias. A primeira diz respeito a medicina oficial do Brasil no período em que esteve em Aracaju, que foram livros, medicamento, instrumentos cirúrgicos e seringas. A segunda é um tipo de medicina que já foi reconhecida no meio acadêmico, mas deixara de ser durante o século XIX, por estar relacionada ao universo mágico das práticas de cura populares. A terceira categoria é a do ocultismo, que age por meio das práticas mágicas, mantendo uma relação com essa última. A junção dessas formas de curar constituía uma prática híbrida.⁸⁷

Neste caso, estaremos articulando três níveis de tempo diferencial. Os tempos diferenciais vão além dos ritmos, sendo englobados no “espaço de inteligibilidade”.⁸⁸ Esse espaço pode ser físico ou social, capaz de reunir características que definem certo “sistema” ou “modelo”. As práticas podem ser percebidas em relação ao tempo diferencial, o tempo mais longo englobando os demais.

O problema da apropriação das práticas exercidas por Dominguez estará presente, à medida que iremos comparar as teorias existentes nos livros e os demais objetos da lista de apreensão. O conceito de apropriação permite enxergar o lado criativo dos sujeitos históricos, ao invés de considerá-los um mero resultado das estruturas vigentes. Assim, daremos atenção às “operações de construção do sentido”⁸⁹, percebendo a leitura que ele fez do conteúdo dos livros e as práticas que executou baseadas neste.

As interações culturais estabelecidas por Dominguez entre diferentes artes de curar, o torna um “mediador”.⁹⁰ Essa noção foi usada por Peter Burke na tarefa de

⁸⁷ BURKE, Peter. **Hibridismo cultural**. Trad. Leila Souza Mendes. São Leopoldo, RS: Editora Unisinos, 2003.

⁸⁸ ARÓSTEGUI, Júlio. A análise da temporalidade. In: **A pesquisa histórica: teoria e método**. Bauru, SP: EDUSC, 2006, p. 340 - 354.

⁸⁹ CHARTIER, Roger. *Op. Cit.*, p. 27.

⁹⁰ BURKE, Peter. **Cultura popular na Idade Moderna: Europa, 1500-1800**. Trad. Denise Bottmann. São Paulo, Companhia das Letras, 2010.

compreender os indivíduos que transitavam entre a “cultura letrada” e a “cultura oral tradicional” na Europa moderna, formando a “cultura dos folhetos”. O mediador funcionava como um tradutor cultural, que reunindo referências diversas, faz sua própria tradução dos signos que entrou em contato.

2.1 – Dos objetos às representações

A partir dos objetos apreendidos pela polícia no consultório de Dominguez identificaremos suas práticas e a representação as envolve. Os 25 itens elencados no processo foram divididos por nós entre duas categorias, a medicina e o ocultismo. Outros itens, entretanto, não se encaixaram nessa delimitação, tais como o “borrador de notas”, “caderneta de notas”, “impresos e reclamos”, “cartão do Dr. Ávila Lima”, “nota sobre o Dr. Estefanio Dantas”; “caixa de charutos, vasia”; “depósito de madeira c\ tampa de roca”.⁹¹

Os objetos relacionados às práticas médicas são: “livro, Formulaire de consultations médicalis et chirurgicales” (Formulário de consultas médicas e cirúrgicas); “livro, Nuevas teorías de Hipnotismo y sugestión”; “folheto Como tratar qualquer moléstia”; frasco contendo “pó de laudacio sidenham”; “caixa metal branco contendo ferramentas cirúrgicas”; “seringa vidro” e “seringa borracha”.⁹²

A obra “Formulaire de consultations médicalis et chirurgicales”⁹³ é um manual que orienta a realização de consultas médicas e cirurgias. Os autores desse livro oferecem noções de farmacologia, organoterapia, soroterapia, anafilaxia, vacinoterapia, obstetrícia, eletroterapia, tratamentos em estações hidrominerais e climáticas; os tipos de injeção e sua aplicação; os cuidados reservados as crianças; como identificar e tratar doenças de pele e venéreas; informações sobre os principais sanatórios da França; regimes alimentares para cada tipo de doente. Por meio desse manual é possível relacionar a teoria aos objetos que são indicativos das práticas realizadas por Dominguez.

⁹¹ SERGIPE. Processo-crime em que foi réu José Maria Dominguez y Dominguez. Op. cit. fl. 49.

⁹² *Ibidem*, fl 49.

⁹³ DOMER, E.; GÉRAR, E.; LEMOINE, G.; VANVERTS, J. **Formulaire consultations médicales et chirurgicales**. Editora: Vigot Frères Éditeurs, 1925.

Identificamos no “Formulaire” o pó de “laudacio sidenham”, cujo nome científico é “Laudanum de Sydenham”.⁹⁴ Esse pó é feito a base de ópio e é empregado como hipnótico e calmante; no combate a cólicas hepáticas e renais; asma; enfisema; diarreias; bronquite aguda; afecções estomacais, cardíacas e mentais; hemoptise e depressão. A posologia também é indicada, contribuindo para a prescrição do mesmo.

As ferramentas cirúrgicas e as seringas de borracha e de vidro apontam a realização de pequenas cirurgias, bem como a aplicação de injeções. Ambas são práticas descritas no “Formulaire”.

O eletromagnetismo, comentado no “Formulaire”, foi uma das práticas anunciadas por Dominguez na imprensa de Aracaju. É também conhecido como bioeletromagnetismo, quando está relacionado às consequências que produz no organismo dos seres vivos. O bioeletromagnetismo começou a ser estudado a partir de 1700, após Michel Faraday ter descoberto a indução eletromagnética. O médico e físico Luigi Galvani mostrou através de experimentos, que os músculos de um sapo se contraíam em conexão com a eletricidade. Em seguida, Alessandro Volta apresenta uma interpretação diferente, explicando que são os eletrodos metálicos que geram corrente elétrica, e não o tecido muscular. Posteriormente, físicos descobrem que ambos estavam corretos.⁹⁵

Em 1748, médicos de Genebra começaram a tratar seus pacientes através de choques elétricos. A descoberta da eletricidade animal por Luigi Galvani estimulou ainda mais os médicos a fazerem experimentos para descobrir as propriedades terapêuticas da energia eletromagnética. Em 1895, a máquina de raios-X passou a ser usada pela medicina.⁹⁶

O médico neurologista francês Guillaume-Benjamin Duchenne realizou estudos sobre a aplicação de correntes elétricas para tratar problemas nervosos e musculares. Ele também foi responsável pela criação do eletro diagnóstico e da eletroterapia. Entre os anos 1831 e 1875, em Bolonha e Paris, realizou pesquisas e tratamentos com base no

⁹⁴ *Ibidem*, p. 50.

⁹⁵ FELLIPE JÚNIOR, José de. Campos eletromagnéticos na medicina. **Associação Brasileira de Medicina Complementar**. Disponível em: <http://www.medicinacomplementar.com.br/tema200306.asp>. Acesso em: 10/09/2013.

⁹⁶ CÉREBRO & mente. **A descoberta da bioeletricidade**: Galvani e Volta. Disponível em: <http://www.cerebromente.org.br/n06/historia/bioelectr2.htm>. Acesso: 11/09/2013.

eletromagnetismo.⁹⁷ Durante a segunda metade do século XIX e início do século XX, o uso de correntes elétricas para o tratamento de doenças era um grande sucesso da medicina.

O uso da energia eletromagnética ainda hoje causa controvérsias. Alguns mostram os efeitos negativos para os seres humanos. Por outro lado, diversas pesquisas mostram o contrário, sendo auxiliar no diagnóstico e tratamento de diversas doenças, que segundo a Associação Brasileira de Medicina Complementar, são as seguintes:

1. Câncer
2. Osteoartrite
3. Depressão
4. Regeneração de tecidos
5. Cicatrização de feridas
6. Estimulação do sistema imune
7. Modulação neuro endócrina
8. Condições degenerativas associadas à idade
9. Não união de fraturas ,osteonecrose
10. Dor intratável
11. Estados psico fisiológicos (epilepsia e dependência de drogas)
12. Paralisia cerebral (redução da espasticidade)
13. Lesão da medula espinhal
14. Doença de Parkinson
15. Dificuldade de aprendizado
16. Estimulação nervosa
17. Infecções crônicas
18. Osteoporose
19. Pseudo-artrose congênita
20. Aumento da síntese de neuro transmissores⁹⁸

O livro “Nuevas teorías de Hipnotismo y sugestión”⁹⁹ foi escrito por Thomson Jay Hudson (1834 – 1903). Pesquisador estadunidense dos fenômenos psíquicos e do poder extrassensorial resultante deles, Hudson buscava compreender o desenvolvimento da “faculdade espiritual”. Ele cursou a Faculdade de Direito, mas abandonou a advocacia em 1860 para ser jornalista. Em 1880, assumiu um cargo no escritório de patentes dos EUA, posteriormente foi promovido para a Divisão Científica. O interesse pelo hipnotismo ocorreu em razão de perceber semelhanças entre a hipnose e os transe

⁹⁷ENCYCLOPEDIA Britannica. **Guillaume-Benjamin Amand Duchenne**. Disponível em: <http://www.britannica.com/EBchecked/topic/172882/Guillaume-Benjamin-Amand-Duchenne>. Acesso: 11/09/2013.

⁹⁸ FELLIPE JÚNIOR, José de. *Op. Cit.*

⁹⁹ HUDSON, Thomson Jay. **Nuevas teorías de hipnotismo y sugestión**. Barcelona: Gasso Hermanos Editores, 1920.

dos médiuns espíritas. A relação entre o hipnotismo e a espiritualidade era fruto de críticas por parte dos médicos, que viam um afastamento do campo científico nessas pesquisas.¹⁰⁰ Embora fosse alvo de discussões entre os médicos, essa prática foi citada no Código Penal brasileiro de 1890, determinando que apenas médicos qualificados pudessem praticá-la. Portanto, era uma prática reconhecida segundo a legislação brasileira em vigor.

As descobertas sobre o hipnotismo surgiram a partir das pesquisas sobre o magnetismo. O termo magnetismo foi formulado pelo alquimista suíço Paracelso (1493 – 1541). Segundo ele, o magnetismo é a vida universal presente em animais, plantas e minerais, que poderia ser transmitida para o ser humano e funcionaria como um “ímã animado”. Antes dele, Agrippa (1486 – 1535), que era médico, filósofo e alquimista cristão, já defendia a ideia de que os elementos que constituem o universo possuem uma alma.¹⁰¹

O magnetismo animal usado na cura de doenças se tornou popular através de Franz Anton Mesmer. Doutor em medicina pela Faculdade de Viena na Áustria e ocultista, Mesmer chega a Paris em 1778 afirmando ter encontrado um fluido ultrafino que cercava os corpos ou fluido vital. As doenças, então, seriam resultado da interrupção do fluxo desse fluido e a cura seria alcançada através de uma crise em forma de convulsões, provocada por magnetos estáveis (dedos e nariz), haste de ferro, ou através de uma cuba com cordas e hastes de ferro.¹⁰²

Mesmer foi visto por muitas pessoas de sua época como um charlatão. Os médicos parisienses tentaram a todo custo prendê-lo e expulsá-lo da França. Contudo, havia outros intelectuais que enxergaram a perseguição sofrida por ele como resultado da tirania das academias. Além disso, este era o século XVIII, cujas descobertas fascinavam a todos, e ele atingiu grande popularidade entre diferentes grupos sociais. O uso da imaginação era essencial ao cientista para interpretar suas descobertas, portanto, as ideias de Mesmer não pareciam absurdas.

O discípulo de Mesmer, Marques Puységur (1751 – 1825) descobriu o que chamou de Sonambulismo Magnético, mais tarde conhecido como hipnose. Ele era

¹⁰⁰ Disponível em: <http://thomsonjayhudson.wwwhubs.com/>. Acesso em 14/09/2013.

¹⁰¹ ASSOCIAÇÃO Jauense de estudos espíritas. **O magnetismo animal:** seus precursores e fenômenos correlatos. Disponível em: <http://files.comunidades.net/tendetudonet/magnestimoanimal.pdf>. Acesso em: 19/08/2013.

¹⁰² DARNTON, Robert. **O lado oculto da Revolução:** Mesmer e o final do iluminismo na França. Tradução de Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

militar, filantropo e pesquisador de fenômenos psíquicos, que acreditava que através do sonho hipnótico seria possível a comunicação com os espíritos, a telepatia, a autoscopia e o diagnóstico de doenças.¹⁰³

Os estudos sobre o magnetismo animal ou hipnotismo continuaram durante o século XIX, mesmo diante da condenação e descrença de alguns cientistas e médicos que o considerava puro embuste. O racionalismo e o ceticismo científico levaram muitos a condenarem tal prática antes mesmo de conhecê-la.

O hipnoterapeuta Peter Blythe expõe algumas atitudes dos médicos diante da hipnose. De acordo com Blythe, a maioria dos médicos trata a hipnose com descrença, colocando-a no mesmo patamar da alquimia. Existem aqueles que usam, mas depois abandonam por não conseguir obter bons resultados e apenas uma minoria se dedica a pesquisar e entender a hipnose, conseguindo, deste modo, resultados positivos. Outros obstáculos apresentados pelo autor é o tempo gasto, que os médicos alegam não possuir o necessário para a aplicação da hipnose ou por seus efeitos serem transitórios.¹⁰⁴

Dominguez, assim como Mesmer, foi perseguido pelas práticas que realizava e considerado um charlatão, ou seja, pessoa que deseja apenas explorar outras para obter lucro financeiro. É interessante notar que Mesmer possuía formação em medicina numa universidade célebre, mas, mesmo assim, foi criticado por seus colegas de profissão por ter seguido práticas não reconhecidas pela academia.

Os objetos que representam práticas ocultistas e outras que haviam sido abandonadas pela medicina, são os seguintes: livro “A sorte revelada pelo horoscopo cabbalístico”; livro “Methode de Dédoublement Personel”; livro “Forcias del Pensamiento”; livro “Nuevas teorías de Hipnotismo y sugestión”; livro “Para combater o feitiço”; “Catalogo de obras de Magia”; “caveira de macaco da Índia (embrulhada em lenço)”; “baralho”; “anel com pedras”; “Envelope contendo 10 beija-flores, secos”; “Frasco contendo pó”; “Garrafa contendo liquido”.

O livro “A sorte revelada pelo horóscopo cabalístico”,¹⁰⁵ editado pela primeira vez em 1916, foi escrito pelo médium tchecoslovaco e radicado brasileiro, Francisco Valdomiro Lorenz. Em seu prefácio, Lorenz faz uma defesa da astrologia, informando o valor desta para a vida das pessoas, ao ajudar a ter uma vida equilibrada através do

¹⁰³ ASSOCIAÇÃO Jauense de estudos espíritas. *Op. Cit.*

¹⁰⁴ BLYTHE, Peter. **O hipnotismo**: seu poder e sua prática. Trad. Nair Lacerda. São Paulo: Editora pensamento, 1971, p. 20 – 26.

¹⁰⁵ LORENZ, F. Valdomiro. *Op. cit.*

conhecimento das tendências positivas e negativas de cada signo do horóscopo. Isso mostra que todos são capazes de mudar o futuro. Os 26 capítulos que compõem o livro ensinam a fazer cálculos astrológicos e a entender a influência dos astros na vida das pessoas. Os temas versam sobre análise do nome; os 78 arcanos do tarô; os gênios bons e os maus, descobertos com base no dia do nascimento e o mês; as influências do sol e da lua nos doze signos zodiacos; presságios relacionados aos dias do nascimento; as influências dos planetas na vida das pessoas; o signo ascendente; e o horóscopo astro cabalístico.

O conhecimento sobre o tarô presente nesse livro pode ser associado ao baralho que se encontrava entre os objetos apreendidos, indicando que Dominguez poderia praticar a cartomancia. Esta é a arte de fazer previsões sobre futuro por meio de cartas. Não foi detalhado o tipo de baralho, mas os principais modelos são o baralho tradicional, o tarô e o baralho cigano. O baralho tradicional é composto por 52 cartas, divididas em quatro naipes (paus, copas, espadas e ouros), que podem ser lidas de acordo com as semanas do ano, as estações, os quatro elementos da natureza ou através das cores, o vermelho representando características femininas e o preto características masculinas. Já o tarô possui 78 cartas, sendo vinte e um trunfos, um curinga e quatro conjuntos de naipes, sua interpretação divinatória é feita, principalmente, por meio da cabala e da alquimia medieval. O baralho cigano deriva deste último.¹⁰⁶

A astrologia possuiu *status* de ciência até as últimas décadas do século XVI, quando passou a ser questionada. As previsões se baseavam na ideia de que os astros e estrelas eram imutáveis, diferente dos corpos terrestres que são mutáveis. A descoberta de novos cometas e estrelas começou a lançar dúvidas sobre os prognósticos feitos pelos astrólogos. A descoberta feita por Nicolau Copérnico de que a terra girava em torno do sol, e não o contrário, contribuiu para essas críticas. Os filósofos iluministas, através da crítica, ligaram a astrologia à superstição.¹⁰⁷

O livro “Formas del pensamiento”¹⁰⁸ é de autoria da teosofista inglesa Annie Wood Besant (1847 – 1933), em parceria com o também teósofo inglês, Charles

¹⁰⁶ SPECTRUM Gothic. **Cartomancia**. <http://www.spectrumgothic.com.br/ocultismo/ciencias/cartomancia.htm>. Acesso em: 10/06/2014.

¹⁰⁷ CAROLINO, Luís Miguel. O declínio do império astrológico. **Revista de História da Biblioteca Nacional**. Disponível em: <http://www.revistadehistoria.com.br/secao/dossie-imigracao-italiana/o-declinio-do-imperio-astrologico>. Acesso em: 08/02/2014.

¹⁰⁸ BESANT, Annie; LEADBEATER, C. W. *Op. Cit.*

Webster Leadbeater (1847 – 1934). Besant entrou para a Sociedade Teosófica em 1889, após escrever uma resenha sobre o livro “A doutrina secreta”, escrito pela fundadora dessa instituição, Helena Blavatsky. Ela acabou se tornando a sucessora desta na Secretaria da Sociedade Teosófica.

A primeira edição de “Formas del pensamiento” é de 1901. Os autores buscam compreender o poder do pensamento, bem como sua natureza. Segundo eles, todo pensamento produz uma série de vibrações que atuam na matéria do corpo mental. Existe uma relação entre as cores e as formas (aura) do pensamento e os sentimentos que as correspondem. Pessoas cujo corpo mental é mais grosseiro têm o corpo astral mais denso, com cores opacas e escuras. Pessoas de nobres sentimentos têm o corpo astral composto por uma matéria mais leve, de cores brilhantes e puras. Quando o corpo mental é afetado por determinadas vibrações, tende a produzir pensamentos semelhantes, sem que a situação que o desencadeou esteja presente.

O anel com pedras foi descrito no *habeas corpus* de forma mais detalhada: “com esmeralda e brilhantes, cobras no aro”.¹⁰⁹ Na composição do símbolo que representa a Sociedade Teosófica existe uma cobra que morde a própria cauda. Trata-se de um antigo símbolo místico chamado ouroboros. Este símbolo representa a eternidade e a continuidade da vida em eterno movimento que caracteriza toda a manifestação no universo. Isso quer dizer que “todo começo contém em si o fim, e todo fim contém em si o começo”.¹¹⁰

Figura 1: Símbolo da Sociedade Teosófica.



¹⁰⁹ SERGIPE. Petição de *Habeas corpus* impetrada ao réu José Maria Dominguez y Dominguez. **Arquivo do Judiciário de Sergipe**. Livro de Registro de Acórdãos. Cx. 06/1963. 15/05/1923, p. 03.

¹¹⁰ PELLEGRINI, Luis. **Dicionário de símbolos esotéricos**. São Paulo: Editora Três, 1995, p. 41.

Fonte: <<http://www.vislumbresdaoutramargem.com/2010/06/guia-de-leitura-das-cartas.html#.UwNuabePJgU>>. Acesso em 20/11/2012.

Acima do ouroboros está a cruz suástica, que simboliza a criação do universo e a condição cósmica de constante movimento, associado ao sol e ao “fogo divino e sua força criadora.”¹¹¹ Este é um símbolo antigo usado por indianos, chineses, tibetanos, germanos, na América Pré-colombiana e pelo budismo esotérico.¹¹² Logo, acima deste símbolo está a sílaba em sânscrito AUM que “representa o fundamento de todos os sons, e emana da própria vibração cósmica primordial. É usada como símbolo da divindade (*Brahma*), e é considerada um *mantra* de grande valor energético sutil.”¹¹³ É o Princípio UNO formado por três aspectos, 1º, 2º, 3º LOGOS.

Os dois triângulos equiláteros entrelaçados representam a dualidade entre matéria e espírito. O vértice voltado para cima é o do fogo, espírito ou pai; o vértice voltado para baixo é a água, matéria ou mãe. Os lados do triângulo do fogo significam existência, consciência e bem-aventurança. Os lados do triângulo da água significam as três características da matéria: inércia, movimento e equilíbrio. Os doze lados iguais formados pelo cruzamento das linhas da figura consideradas em conjunto, representam os "doze deuses" da cabala e de outras religiões antigas, os doze signos do zodíaco e os doze meses do ano.¹¹⁴

A cruz ansata no meio dos triângulos representa o espírito mergulhado na matéria, mas que dela emerge para a imortalidade.¹¹⁵

A relação com a tradição ocultista da teosofia foi afirmada por Dominguez nos anúncios que publicou na imprensa de Aracaju. Assim, procuramos saber se é comum o uso de anéis simbólicos pelos teósofos. A identificação dos membros da Sociedade Teosófica através de anéis não é uma prática comum entre eles, como fazem os maçons, por exemplo. Contudo, os ocultistas em geral fazem o estudo de símbolos antigos e a liberdade de pensamento é uma das prerrogativas dos seguidores da teosofia, assim, não existe impedimento para o uso de símbolos.

¹¹¹ *Ibidem*, p. 41.

¹¹² *Ibid.*, p. 53.

¹¹³ *Ibid.*, p. 11.

¹¹⁴ SOCIEDADE Teosófica no Brasil. **O símbolo da Sociedade Teosófica**. Disponível em: <<http://www.sociedadeteosofica.org.br/>>. Acesso em: 12/03/2013.

¹¹⁵ *Ibid.*

O físico francês e ocultista Charles Lancelin (1852-1941) é autor do livro “Méthode de dédoublement personnel” – em português “Método de duplicação pessoal”, que é a separação entre o corpo astral e o corpo físico. Ela pode ocorrer de maneira involuntária ou voluntária. No primeiro caso, acontece de maneira inconsciente durante o sono, transe, desmaio, vertigens ou sob o efeito de anestésicos. O segundo caso acontece de maneira voluntária e o indivíduo se mantém consciente o tempo todo. Durante a projeção ou viagem astral o indivíduo é capaz de flutuar sobre o corpo físico, observá-lo e ainda ir para vários lugares.¹¹⁶

O livro “Para combater o feitiço” e o “Catalogo de obras de magia”, que constam entre os itens apreendidos pela polícia, não foram localizados. Porém, os mesmos fazem parte dos assuntos estudados pelos ocultistas, como o uso da magia e o poder para controlar forças maléficas, como os feitiços. O combate a feitiços foi um dos serviços oferecidos por Dominguez.

Outros objetos citados, tais como a “caveira de macaco”, os “beija-flores secos”, o “frasco contendo pó”, a “garrafa contendo liquido”, também remetem ao universo das práticas mágicas e da medicina tradicional, que utilizam pós e líquidos feitos a partir de elementos do reino vegetal, animal e mineral.

Durante o século XVIII na América portuguesa, a fluidez entre o saber médico e as práticas populares de cura era notória. O desconhecimento da etiologia das doenças contribuía para entender a doença a partir da ação de forças sobrenaturais, tais como a ação de feitiços. O saber tradicional dos portugueses e a cultura indígena e africana lançavam mão de elementos da natureza para combater doenças. Além de ervas e raízes, eram utilizados “cabelos, ossos de bichos e de gente, sapos, morcegos, galo preto e bode, ou seja, ingredientes e animais que lembravam o universo demoníaco (...)”¹¹⁷ Contudo, os médicos buscavam se diferenciar dos curandeiros através da “erudição, familiaridade com os autores antigos e forte embasamento teológico”¹¹⁸. Os empíricos eram perseguidos, não por suas práticas, mas enquanto agentes da cura indesejados, sendo estigmatizados pela Igreja como feiticeiros e pelos médicos como charlatães.

¹¹⁶ CARRINGTON, Hereward; MULDOON, Sylvan J. **Projeção do corpo astral**. Trad. Beraldo Lopes Figueiredo. Editora Pensamento, 1995.

¹¹⁷ SOUZA, Laura de Mello e. **O diabo e a Terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil Colonial**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 86.

¹¹⁸ RIBEIRO, Márcia Moisés. **Ciência nos trópicos: a arte médica no Brasil do século XVIII**. São Paulo: HUCITEC, 1997, p. 89.

O “sistema Calioistro” citado na imprensa por Dominguez enquanto uma das práticas por ele realizadas, faz referência ao trabalho de Alessandro conde de Cagliostro. Isso revela que Dominguez seguia práticas de cura de um ocultista que vivenciou as situações que mencionamos acima. Cagliostro foi ocultista, alquimista, curandeiro e maçom italiano. Nasceu na cidade de Palermo em 1743. Logo cedo perdeu o pai e em razão de dificuldades financeiras foi morar com um tio. Tentou fugir da casa do tio, que resolveu mandá-lo para um seminário, do qual também fugiu, sendo depois levado a um mosteiro beneditino. Depois viajou pelo mundo, conhecendo o Egito, Etiópia, Pérsia, Índia, Grécia e Rhodes. Na corte do rei Luís XVI, entretia as pessoas com números de mágica e contos. Criou em Lyon, no ano de 1786, uma loja maçônica aberta à participação de mulheres. Ficou famoso pelo dom de cura e a venda de elixires. Em 1789, foi perseguido pela inquisição e preso no Vaticano, obteve a sentença de morte pelos crimes de heresia, bruxaria e prática ilegal da maçonaria. O papa revogou a sentença pela pena de prisão perpétua. Existem controvérsias sobre sua morte. Oficialmente ele morreu na prisão em 1895, mas muitos discordam e crêem que ele fugiu.¹¹⁹ Cagliostro era admirado por Helena Blavatsky, que o considerava um mártir.¹²⁰

Foi notado que Dominguez transitava entre as práticas da medicina oficial na época em que foi preso. Possuía um manual de medicina que lhe orientava teoricamente a utilizar de medicamentos, instrumentos cirúrgicos, aplicação de injeções e a eletroterapia. O trabalho com o hipnotismo já era reconhecido enquanto prática médica no Brasil, no período em que esteve em Aracaju. Contudo, o livro “Nuevas teorías de hipnotismo y sugestión” ultrapassa os limites do que era considerado científico para a medicina e envereda pelo campo da espiritualidade. Percebemos que os ocultistas Agrippa, Paracelso e Mesmer abriram o caminho para o conhecimento da hipnose a partir da descoberta do magnetismo animal, mostrando que não havia uma oposição entre o pensamento mágico e o científico para eles.

Para os ocultistas não existe fronteiras entre espiritualidade, magia e ciência, portanto, eles não seguem regras rígidas conforme determina o saber científico moderno. Neste campo os astros influenciam a vida das pessoas, os pensamentos interferem no plano físico e o espírito é capaz de se projetar para outros espaços. Por

¹¹⁹HALL, Elton. **Cagliostro**. Trad. Maurilena Ohana Pinto. Levir – Loja Esotérica Virtual. Disponível em: <<http://www.levir.com.br/inst-010.php>>. Acesso em: 08/12/2013.

¹²⁰AVELINE, Carlos Cardoso. O mistério de Alessandro Cagliostro. **Filosofia Esotérica**. Disponível em: <<http://www.filosofiaesoterica.com/ler.php?id=1159>>. Acesso em: 08/12/2013.

outro lado, Dominguez combatia feitiço e possuía elementos do reino animal que sugerem sua utilização na fabricação de remédios. Essas práticas que também faziam parte da medicina até, aproximadamente, o final do século XVIII, momento em que os médicos cada vez mais irão buscar se afastar das formas populares de cura.

2.2 – Anúncios no “Sergipe-Jornal”

Essa primeira leitura dos anúncios expostos por José Maria Dominguez y Dominguez na imprensa de Aracaju, busca identificar outras características que fazem parte do universo cultural dos ocultistas, no intuito de continuarmos a compreender as representações de mundo pertencentes a ele. Nesse momento, não iremos adentrar no campo da recepção do anúncio veiculado na imprensa de Aracaju, que será tratada no terceiro capítulo.

Iniciaremos pela análise da fotografia de Dominguez exposta no jornal. Segundo Ana Maria Mauad a fotografia deve ser considerada “simultaneamente como imagem/documento e imagem/monumento”.¹²¹ No primeiro caso, considerando-a uma fonte, que informa sobre um dado acontecimento do passado, sujeito à crítica interna e externa. No segundo caso, a imagem fotográfica é tratada como um símbolo que representa uma determinada visão de mundo. Mauad toma a noção de “espaço” enquanto chave para a leitura de imagens. Esse espaço engloba outros espaços, que são: “o espaço geográfico, o espaço dos objetos (interiores, exteriores e pessoais), o espaço de figuração e o espaço das vivências, comportamentos e representações sociais”.¹²² Seguindo o procedimento sugerido pela autora, escolhemos outras fotografias de ocultistas que viveram durante o período de vida de Dominguez, buscando identificar semelhanças e diferenças, sempre levando em conta que a fotografia deve ser percebida “como uma escolha efetuada em um conjunto de escolhas possíveis”,¹²³ que segue convenções sociais e históricas.

Foram encontrados três anúncios feitos por Dominguez no “Sergipe-Jornal” do mês de abril de 1923, publicados nos dias 17, 18 e 19. Eles ocupam um grande espaço da página três do periódico, aparecendo ao lado de anúncios de remédios que prometiam

¹²¹ MAUAD, Ana Maria. Através da imagem: fotografias e história interfaces. **Tempo**, Rio de Janeiro, vol.1, nº 2, 1996, p. 73 – 98.

¹²² *Ibidem*, p. 10.

¹²³ *Ibidem*, p. 12.

verdadeiros milagres, como o “Elixir 914”, a “Emulsão de Scott”, a “Solução anti-asthmatica de Hartmann”, e serviços como o do médico Antônio Carlos. Neles visualizamos uma foto de Dominguez usando um broche em forma de cruz, que de acordo com o texto do jornal se trata da “Cruz de Ouro”, recebida pela “Unione Theosophique Universal de S. Francisco da California” em razão dos serviços prestados. Abaixo da foto está a legenda na qual se lê “professor em ciencias ocultas, physics e naturaes”, em seguida continua “Dr. em medicina Electro-magnetica, titulado pela Universidade Escolar Internacional do Rio de Janeiro e aprovado pelo Instituto Americano de Ciencias teosophicas”.

Figura 2: José Maria Dominguez y Dominguez



Fonte: “Sergipe-Jornal”, em 17 de abril de 1923, p. 03.

Na fotografia acima, Dominguez está vestido à maneira das pessoas da classe mais elevada da época, usando terno e gravata. Essa forma de exhibir-se na imprensa difere da maneira como outros ocultistas se expuseram. Os ocultistas Aleister Crowley e Rasputin usaram, por exemplo, túnicas que lembram as cerimônias ocultistas. A aproximação da representação de um doutor está mais ressaltada, exceto pelo uso do broche em forma de cruz, associado a teosofia.

O símbolo da cruz está presente em diversas religiões da Antiguidade. Entretanto, o fato de Dominguez mencionar que recebeu o broche de uma instituição teosófica, nos leva a buscar o sentido da cruz para os teósofos. Vimos que uma cruz compõe o símbolo da ST. A cruz representa o “homem regenerado, aquele que

conseguiu integrar harmoniosamente suas duas partes e que, ‘crucificado’ como mortal, renasce como imortal.”¹²⁴ Deste modo, a suposta condecoração mostra que ele alcançou um estado considerado exemplar para um teósofo.

Vamos comparar a foto de Dominguez com as fotos de três famosos ocultistas, Aleister Crowley (12/10/1875 – 01/12/1947), Grigori Rasputin (1864? – 16/12/1916) e Papus (13/07/1865 – 25/10/1916). A escolha desses ocultistas se deveu a proximidade temporal de suas vidas com a de Dominguez, que no momento em que foi preso, em 1923, possuía 44 anos, tendo nascido provavelmente em 1879.

Figura 3: Aleister Crowley



Fonte: <http://en.wikipedia.org/wiki/Aleister_Crowley>. Acesso em 21/02/2014.

A primeira fotografia é do ocultista Aleister Crowley, apenas quatro anos mais velho que Dominguez. Na fotografia, Crowley aparece vestindo uma túnica, com pele de onça por cima e usando um turbante, que lembra os que eram usados pelos faraós egípcios. Na mão direita ele segura um cetro, que é utilizado nos rituais de magia. A

¹²⁴ PELLEGRINI, Luis. *Op. Cit.*, p. 16.

foto foi tirada quando esse ocultista fazia parte da Ordem Hermética da Aurora Dourada, entre 1898 e 1899.

Ele nasceu em Leamington, Inglaterra, e recebeu o nome Edward Alexander Crowley. Seus pais eram membros de um culto cristão, chamado Irmãos de Plymouth. A educação rígida que recebeu fez com que Crowley se voltasse contra os ensinamentos cristãos. Em 1898, foi iniciado na Ordem Hermética da Aurora Dourada, mas as desavenças com membros dessa ordem determinaram sua saída da mesma em 1899. Após esse fato, o mago resolveu fazer uma viagem pelo mundo. Foi líder da Ordo Templi Orientis.

Em 1904, durante sua lua de mel com Rose Edith Kelley, Crowley escreveu sua obra mais importante o “Livro da Lei”. Por meio deste livro inaugurou a doutrina thelema, que é sintetizada nas palavras “Faze o que tu queres será o todo da Lei” e “Amor é a lei, amor sob vontade”. Para seguir lei da thelema, é necessária uma viagem de autoconhecimento, a fim de descobrir a verdadeira vontade. Essas ideias, contudo, receberam interpretações diferentes. A mídia o atacou de todas as formas, considerando-o satanista, hedonista e acusando-o de incitar as pessoas à imoralidade, numa busca incessante por prazer.

Figura 4: Grigori Rasputin



Fonte:<<http://www.spectrumgothic.com.br/ocultismo/personagens/rasputin.htm>>
Acesso em 21/02/2014.

O ocultista Rasputin (1864? – 16/12/1916) aparece na fotografia acima usando a uma túnica preta, que lembra uma batina, exceto pelos botões laterais. Ele está com a barba comprida, sua característica visual mais marcante, à maneira dos místicos orientais.

Grigori Yemovich Novykh nasceu na Aldeia de Pokrovskoe, Sibéria. Era filho de um camponês e recebeu o apelido de Rasputin (Rasputinik), que significa pervertido, em razão do envolvimento com muitas mulheres, álcool e brigas. Foi parcialmente alfabetizado e desde jovem demonstrava a capacidade de prever o futuro. Aos 18 anos conhece o bispo Barnaul, que o leva para o mosteiro de Verkhoture. Durante essa viagem ele entra em contato com a seita Khlysty (flagelantes), que considerava o ato sexual uma forma de salvação. Grigori Rasputin chega a se casar e ter três filhos, mas abandona a família e sai em peregrinação pela Grécia e Jerusalém, realizando curas e adivinhações, que o torna famoso. Ao voltar a sua terra natal é recebido pelo bispo Theophan, porém, outros clérigos reprovam tal ato.

Assim, percebemos de onde veio a influência nos gestos e na vestimenta de Rasputin. Ele não chegou a se ordenar padre, mas o contato com clérigos e com o mosteiro o deve ter inspirado.

Em 1902, Rasputin forma um grupo chamado “*Polite Society*”, conduzindo muitos discípulos. A cura de Anya Vyrubova, amiga da czarina Alexandra Federovna, em 1905, que se encontrava em coma após ter se machucado num descarrilamento de trem, o levou a ter contato com a família real russa.

Quando Tsarevich Alexei Romanov adoeceu, a czarina o mandou chamar. Rasputin segurou a mão do garoto e ficou por horas entoando orações, até que o garoto restabeleceu a saúde. Ele passa a morar no palácio, entretanto, logo foi mandado embora, devido a sua fama de “monge devasso”. Em 1912, o jovem príncipe volta a adoecer. A czarina, então, escreve para Rasputin que lhe responde com um telegrama afirmando que seu filho ficaria bem, e de fato isso acontece. Em razão desse ato, ele volta a morar no palácio.

Durante o afastamento do czar em 1915, que iria liderar o exército na Primeira Guerra Mundial, Rasputin é envolvido por novas polêmicas. Começa a expor sua opinião nas decisões políticas, sendo contrário a entrada da Rússia na guerra, fez muitos

rivais. Outro fato que agravou a situação foi a acusação de ser amante da czarina, que já despertava a desconfiança da população por ser austríaca.

A morte de Grigori Rasputin foi planejada pela família real. Ele foi convidado a ir para a residência do príncipe Felix Yussupov. Ao chegar deu-lhe uma taça de vinho envenenada, e chegando a sentir os efeitos, se lança contra Yussupov, que atira nele, matando-o.

Até agora vimos as diferenças entre Dominguez e dois famosos ocultistas de sua época. Através de Papus, veremos alguns pontos de convergência.

Figura 5: Papus



Fonte:<<http://abaara.blogspot.com.br/2010/09/papus-gerard-anaclet-vincent-encausse.html>>
Acesso em 21/02/2014.

Nesta fotografia Papus aparece vestindo terno e gravata assim como Dominguez. Usa barba comprida, mas não chega a ser como a de Grigori Rasputin, que era bem mais comprida. O broche que aparece na imagem é um tipo de prendedor para o relógio de bolso. Assim, não foge dos padrões das classes mais abastadas do século XIX.

O nome Papus significa “médico da primeira hora”. Esse foi o pseudônimo usado por Gérard Anaclet Vicent Encausse. Filho do químico francês Louis Encausse e

da espanhola de origem cigana, Irene Perez. Nasceu na Corunha, Espanha. Quando Gérard possuía quatro anos sua família estabeleceu residência em Paris. Estudou na Faculdade de Medicina de Paris, obtendo o título de doutor em 1894, com a tese “A anatomia filosófica e suas divisões”.

O interesse de Papus pelo ocultismo ocorreu paralelamente aos estudos de medicina. Na Biblioteca Nacional de Paris, ele teve acesso a várias obras que versam sobre o tema. Em 1887, escreveu seu primeiro livro “O ocultismo contemporâneo” e no ano seguinte a obra que alcançou sucesso internacional, intitulada “Tratado elementar da ciência oculta”. Em 1894, mesmo ano em que defendeu sua tese de doutorado, se filiou a Sociedade Teosófica e ao Templo da Aurora Dourada, também foi reconhecido como “bispo” da Igreja Gnóstica da França, que buscava resgatar a religião dos cátaros.

Papus conciliou a medicina aos ensinamentos ocultistas. O objetivo dele era desenvolver métodos para curar qualquer doença. Nessa busca viajou por vários países da Europa, usando hipnose, homeopatia e técnicas usadas por curandeiros. Ele dividia as enfermidades em três categorias: as do corpo físico, do corpo astral e do espírito. O diagnóstico das doenças era feito através do uso da clarividência para observar o corpo astral do enfermo e saber a origem e a cauda da doença. Os bons resultados no cuidado dos doentes o fez atingir uma boa reputação como médico. Além disso, era reconhecido pelo valor de suas obras nas ordens ocultistas e herméticas. Morreu em 1916, vítima de tuberculose, enquanto atua como médico durante a Primeira Guerra Mundial.

Nota-se que Papus conciliava a medicina e o ocultismo, cuidando do corpo físico, astral e espiritual, concepção compartilhada por Dominguez. Ele utilizava a técnica da hipnose e práticas de cura usadas por curandeiros, sendo outro ponto de convergência entre os dois.

Continuamos analisar outros detalhes do anúncio. Dominguez apresentou ainda o breve currículo, que transcrevemos abaixo:

Unico no mundo que anunciou a guerra européa seis mezes antes de começar, isto é, no dia 21 de Fevereiro de 1914, na cidade de S. Thomé, província de Corientes, Republica Argentina, no período **EL RADICAL**.

Premiado com duas medalhas de ouro na Argentina e Chile; ultimamente condecorado com a Cruz de Ouro de grande merito pela **Unione Theosofique Universal** de S. Francisco da California. Percorreu Bombain, Himalaia, França, Italia, Inglaterra, Norte America, S. Francisco da California, Mexico, Nicaragua, Venezuela,

Equador, Perú, Bolívia, Argentina, Montevideo e os vinte e um Estados do Brasil, etc., etc.

Nessa passagem ele explora a imagem de grande adivinho, ao ter previsto a Primeira Guerra Mundial e o reconhecimento internacional obtido na Argentina e no Chile, além da medalha que recebeu por seus méritos através da União Teosófica Internacional do Estado da Califórnia dos Estados Unidos. Outro traço que foi enfatizado, é que ele percorreu vários países do mundo. Os leitores do jornal poderiam relacionar isso à fama e consequente competência adquirida por Dominguez.

Em busca pela “Unione Theosofique Universal de S. Francisco da California”, começamos através do intermédio da Sociedade Teosófica do Brasil (ST), cuja sede se encontra em Brasília. Entretanto, os membros que participam da organização da ST no Brasil, afirmaram desconhecer a referida instituição e que não possuem arquivos do período em que José Maria esteve no Brasil. Eles acreditam que deve se tratar de um grupo dissidente, pois muitos surgiram desde a formação da ST.

Esse trecho do anúncio reafirma a ligação de Dominguez à teosofia. Foi citado o nome de Helena Petrovna Blavatsky (30/07/1831 – 31/05/1875), uma das fundadoras da Sociedade Teosófica (ST). Ela instituiu a Sociedade Teosófica em Nova Iorque no dia 17 de novembro 1875, com a ajuda do coronel Henry Steel Olcott (02/08/1832 – 17/02/1907).¹²⁵

A idealizadora e fundadora da Sociedade Teosófica nasceu na Ucrânia em 1831 e foi registrada com o nome Helena Petrovna Von Hahn. Os pais dela eram nobres russos, que lhe permitiu uma boa educação, segundo os padrões da época. Aos 17 anos de idade casou-se com o general Blavatsky, que na ocasião, possuía aproximadamente 70 anos. Entretanto, pouco tempo depois ela o abandonou e seguiu em viagem pelo mundo em busca da verdade. Sua iniciação esotérica foi feita no Tibete.

Em 1873, Helena Blavatsky foi para os Estados Unidos e conheceu o coronel Henry Steel Olcott. Dois anos mais tarde eles fundariam a Sociedade Teosófica em Nova York. Seus livros mais importantes são “Ísis sem véu” (1877) e a “A Doutrina Secreta” (1888). O segundo surpreendeu os leitores pela quantidade de informações que reuniu. Segundo Blavatsky, a autoria pertence aos espíritos superiores. Ela teria sido apenas um instrumento para materializar esse conhecimento.

¹²⁵ SPECTRUM GOTHIC. **Helena Blavatsky.** Disponível em: <http://www.spectrumgothic.com.br/ocultismo/personagens/helena.htm>. Acesso em: 13/11/2012.

Quando Helena Blavatsky chegou aos Estados Unidos, as sessões com médiuns que entravam em contato com os espíritos eram muito populares. As irmãs Leah e Margareth Fox foram as primeiras médiuns a fazer esse tipo de reunião.¹²⁶ Ela atacava esse tipo de espiritualismo como charlatanismo, defendendo o estudo e a compreensão dos grandes temas da humanidade. Entretanto, acabou se rendendo a essa prática, que tanto aguçava a curiosidade das pessoas. Em suas sessões cartas de entes queridos dos frequentadores eram materializadas. Blavatsky foi investigada pela Sociedade Londrina de Pesquisa Psíquica, que descobriu um mecanismo no andar superior ao que aconteciam as sessões. Através desse aparelho, as cartas eram transportadas de um cômodo ao outro. Esse fato abalou a imagem dessa médium, mas vários seguidores não a abandonaram.¹²⁷

Blavatsky foi pioneira na divulgação do misticismo Oriental no Ocidente, popularizando as noções de karma e reencarnação, além da crença de que a essência do universo é energia e não matéria. Isso antecipou as descobertas da física moderna.

A palavra teosofia é de origem grega e significa sabedoria divina, sendo forjada por Amônio Saccas e seu discípulo Plotino no século III d. C., em Alexandria. Eles eram filósofos neoplatônicos e fundaram a Escola Teosófica Eclética, que defendia a existência de uma Força Suprema que governaria o universo através de leis imutáveis, e ainda pesquisavam o que as religiões têm em comum, visando reconciliar a humanidade dividida por diferentes crenças. O hinduísmo e o budismo foram fonte de grande inspiração para esses teosofistas.¹²⁸ Helena Blavatsky deu continuidade aos ensinamentos de Saccas e Plotino através da fundação da Sociedade Teosófica.

A teosofia também é chamada de filosofia esotérica ou filosofia oculta. De acordo com Helena Blavatsky, o ocultismo está dividido em quatro ordens de conhecimento: os poderes ocultos despertados na natureza; a feitiçaria, a magia dos cabalistas e da adoração tântrica; os poderes do som (Mântras); o Conhecimento da Alma. Este último é considerado superior aos demais, pois liberta o homem da ilusão. Já os demais, que também são conhecidos como artes ou ciências ocultas, podem levar a práticas egoístas, ao serem usados em benefício próprio. Mas, os teósofos não estão

¹²⁶HESSEN, Jorge; HESSEN, W. **As irmãs Fox**. Autores espíritas clássicos. Disponível em: <http://www.autoresespiritasclassicos.com/Historia/Irmãs%20Fox/As%20Irmãs%20C3%A3s%20Fox%20e%20Margaret,%20Kate%20e%20Leah%29.htm>. Acesso em: 31/01/2014.

¹²⁷ SEGREDOS do ocultismo, Os. Discovery Channel, 2012. Cor, 45 min.

¹²⁸ BLAVATSKY, Helena Petrovna. O que é a teosofia? **Sociedade Teosófica no Brasil**. Disponível em: <http://www.sociedadeteosofica.org.br/artigos.asp?item=149&idioma>. Acesso em: 11/03/2013.

proibidos de usá-los, desde que tenham em mente os perigos de aumentar os poderes, podendo cair na exaltação do próprio ego.¹²⁹

Devido à influência do budismo nos ensinamentos teosóficos, se torna esclarecedor entender a diferença entre as duas escolas da Doutrina de Buda, a Esotérica ou Doutrina do Coração e a Exotérica ou Doutrina do Olho. Ambas buscam libertar o ser humano das ilusões, mas a primeira se baseia na sabedoria da Alma, que vai além do aprendizado mental, penetrando o interior das coisas.¹³⁰ A segunda doutrina provém do conhecimento do mundo externo, através dos sentidos físicos. Blavatsky segue a primeira doutrina, justificando que “a ignorância é melhor que um aprendizado mental sem sabedoria da Alma para iluminá-lo e para guiá-lo”.¹³¹

Exploraremos alguns temas mencionados por ele nessa fonte para percebemos a apropriação que o mesmo fez da Teosofia e que influenciava sua visão de mundo. Destacamos os termos “An sit qui sit divinus”; Deus na filosofia antiga e nas teorias orientais; o plano divino; a teoria karmica; escatologia teosófica; morfologia pneumatológica; psicologia esotérica; Devakan; Nirvana psvante; tradicionalismo cristão; progresso desenvolvido no universo.

As palavras “An sit qui sit divinus” estão em latim e significam “o que é divino”. A noção de divindade usada pelos teósofos é ampla, sendo considerada a fonte da vida. Não há uma verdade revelada, mas sim a o conhecimento de determinadas verdades universais através da experiência. O divino é atributo de todos os atos em que exista o desapego. Isso acontece quando uma pessoa realiza uma ação sem esperar receber benefícios em troca.

Na teosofia existe a crença de que tudo o que pertence ao universo possui uma finalidade, ou seja, um plano divino. Este plano tem como objetivo a evolução da humanidade. Para ajudar nessa tarefa existem hierarquias de anjos e adeptos. Na terra, a “Grande Fraternidade Branca,” formada por pessoas iluminadas espiritualmente, é responsável pelo estudo e disseminação de verdades ligadas aos problemas que surgem em nossas vidas.¹³²

¹²⁹ *Idem*, 2006.

¹³⁰ *Idem*, 1987, p.15.

¹³¹ *Ibidem*, p. 15.

¹³² TAIMNI, I. K. O Plano Divino e a Sociedade Teosófica. **Sociedade Teosófica no Brasil**. Disponível em: <<http://www.sociedadeteosofica.org.br/artigos.asp?item=1175&idioma=>>>. Acesso: 07/12/2013.

Os conceitos de Karma, Nirvana e Devakan fazem parte das crenças orientais, encontradas no budismo e no hinduísmo. O Karma está relacionado à ideia de que para toda a ação existe uma reação em igual proporção. Práticas boas ou más produzem seu semelhante.¹³³

O nirvana é um conceito básico do budismo, que corresponde a um estado de paz e tranquilidade absoluta. Quem o atinge chega ao fim do ciclo de renascimentos e sofrimentos, chamado de samsara. Para alcançar o nirvana os budistas praticam a meditação e gestos caridosos, comportamento ético e paciente.¹³⁴

O plano mental é chamado de Devakan. Para conseguir entrar nesse plano é necessário estabelecer uma mudança no estado de consciência. Neste plano não existe a dimensão espaço/tempo, tudo é simultâneo, cheio de luzes e sons intercambiáveis, formas e cores. Os habitantes do Devakan sentem uma comunhão universal, felicidade e bem aventurança intensa. Apenas os sentimentos mais elevados da consciência estão presentes. Além disso, as percepções e faculdades são ampliadas.¹³⁵

A escatologia teosófica está relacionada a libertação da humanidade através do fim da ignorância, segundo Blavatsky ela é a causadora de todo o sofrimento.

O campo da metafísica responsável pelo estudo do espírito chama-se pneumatologia.¹³⁶ Como Dominguez associou esse termo a palavra morfologia, quer dizer a forma do espírito, que varia conforme os diferentes planos.

O tradicionalismo cristão, ao qual se reporta Dominguez, possivelmente se trate das ações dos primeiros cristãos que imitavam o comportamento de Cristo, com sua humildade e altruísmo, comportamento apreciado pelos teósofos.

A psicologia esotérica analisa o homem em sua totalidade, e não somente as questões ligadas à personalidade, mas os processos e energias do corpo físico. O

¹³³BHRAMA KUMARIS. O que é o Karma. **World Spiritual University**. Disponível em: <http://www.brahmakumaris.org/what-we-do-pt/courses-pt/fcirym-pt/topics.htm-pt/karma.htm-pt?set_language=pt>. Acesso: 07/12/2013.

¹³⁴MUNDO ESTRANHO. **O que é o nirvana**. Editora Abril. Disponível em: <<http://mundoestranho.abril.com.br/materia/o-que-e-o-nirvana>>. Acesso: 07/12/2013.

¹³⁵LEADBEATER, C. W. Devachan: morada dos Devas. **Revista Ocultista Sofá da Sala**. Disponível em: <<http://www.sofadasala.com/ocultismo/devakan00leadbeater.htm>>. Acesso em: 17/11/2013.

¹³⁶GREGÓRIO, Sérgio Biagi. **Dicionário de Filosofia**. Disponível em: <<https://sites.google.com/site/sbgdicionariodefisofia/pneumatologia>>. Acesso em: 15/02/2014.

esoterismo leva a uma busca pelo conhecimento de si, incluindo as questões da alma, tendo como objetivo a evolução do ser humano.

Viajar para vários lugares do mundo é uma das características dos ocultistas. É deste modo, que eles adquirem experiência e fazem descobertas sobre a vida e o mundo. O Oriente é um dos principais roteiros de viagem, em especial a Índia. Mas por que o Oriente tanto os atrai? Percorrendo brevemente a história do ocultismo entenderemos melhor o significado do Oriente para eles.

Os primeiros registros históricos da tentativa de descobrir os mistérios do universo pertencem aos povos babilônicos e egípcios. Através da astrologia, astronomia, matemática e demais conhecimentos voltados ao entendimento do mundo, magos, alquimistas e proto-matemáticos buscavam descobrir a vontade dos deuses para viver em harmonia com eles. Não havia uma separação entre espiritualidade e pensamento científico.¹³⁷

Os babilônios foram os precursores da astrologia e astronomia, analisando os movimentos dos planetas, a fim de estabelecer uma relação com o divino.

No Egito, o deus Thoth representava a magia, a escrita, a astronomia e a matemática. Os sacerdotes egípcios tinham acesso ao “Livro de Thoth”, que estaria presente no plano astral e continha os segredos dos deuses. Os egípcios realizavam práticas de adivinhação e rituais para conseguir prosperidade e saúde.

Os fenícios difundiram os conhecimentos dos egípcios pelo mundo mediterrâneo. Na Grécia, durante o século VI a. C., Pitágoras viajou para várias partes do mundo antigo. Ele uniu matemática, filosofia e o estudo do divino para compreender a criação do mundo. Segundo Pitágoras, os números são a linguagem de Deus e a descoberta do cálculo harmônico seria a chave para a sua compreensão. Muitos pesquisadores o consideram o precursor da numerologia e da cabala. Pitágoras e seus discípulos foram perseguidos e suas escolas incendiadas. O destino final dele é desconhecido.

A ascensão da Igreja Católica durante a Idade Média levou o ocultismo à clandestinidade. Suas pesquisas eram proibidas e o divino somente poderia ser compreendido através do clero, que era seu intermediário.

¹³⁷SEGREDOS do ocultismo, Os. *Op. cit.*

Durante o século XIV, os soldados das cruzadas tiveram acesso a textos antigos que foram conservados no Oriente e os trouxeram para a Europa. Esses textos causaram grande interesse pela Antiguidade e pelo conhecimento que fora produzido nesse período. Era a Renascença que surgia.

O italiano Marcelo Fatini traduziu alguns livros do mago egípcio Hermes Trimegistus, que reanimou o interesse pelo ocultismo. O texto intitulado “Tábua Esmeraldina”, se tornou uma espécie de bíblia para os ocultistas renascentistas. Nele existe a analogia entre o céu e a terra, explicando que existe uma correspondência entre o padrão encontrado no universo, que se repete terra. A meta seria transcender a nossa mortalidade para voltarmos ao estado original de unidade espiritual.

Muitos ocultistas foram acusados de serem feiticeiros e acabaram sendo perseguidos e presos pelo Tribunal da Inquisição. Esse foi o caso dos ocultistas ingleses John Dee e Edward Kelley, que, entre outros interesses, usavam a cristalomancia como técnica de adivinhação através de superfícies refletoras. Eles afirmaram entrar em contato com anjos, que se comunicavam através da linguagem enocquiana. O primeiro chegou a ser astrólogo pessoal da rainha Elizabeth, mas ao realizar uma viagem pela Europa, a fim de divulgar suas descobertas se tornou alvo da Igreja Católica e ao voltar para a Inglaterra encontrou seus instrumentos e biblioteca destruídos.

As sociedades secretas se tornaram o refugio do ocultismo, tais como a maçonaria e a rosa-cruz.

Em 31 de março de 1848, as irmãs Liah e Margareth Fox divulgaram que haviam entrado em contato com espíritos. As seções espíritas se tornaram mania. A comunicação com os espíritos fascinava as pessoas.

Helena Blavatsky e Aleister Crowley contribuíram para a divulgação do conhecimento ocultista, que estava restrito às sociedades secretas. Com isso, conseguiram conquistar muitos adeptos, mas, por outro lado, atraíram a atenção daqueles que relegavam seu trabalho a condição de charlatanismo ou atividades ligadas ao satanismo.

Depois de cair em decadência durante as primeiras décadas do século XX, entre os anos de 1960 e 1980, o movimento hippie e o pensamento da Nova Era reuniu aqueles que rejeitavam as religiões, preferindo uma forma direta e individual de

comunicar-se com o divino. Assim, as ideias de Blavatsky e Crowley voltaram a ser consultadas.

O Oriente possui as fontes mais antigas ligadas ao pensamento mágico, que tanto interessa aos ocultistas. A crença nos poderes mágicos é central para a visão de mundo deles. Para eles, todo o universo é constituído de energia e trabalhando bem nossas mentes podemos acessar esse poder para transformar as coisas ao nosso redor.

Por outro lado, as viagens dos ocultistas também podem ser interpretadas como uma fuga, devido às perseguições que sofreram seja pelo Tribunal da Inquisição ou por serem vistos como pessoas de comportamento desviante, podendo ser considerados feiticeiros, que atuam ao lado de forças malignas, ou charlatães enganando pessoas para obter lucros financeiros.

2.3 – A teosofia e as ciências ocultas

No tópico anterior vimos que Blavatsky adverte seus seguidores sobre os perigos do estudo das ciências ocultas, podendo levar a uma busca sem limites por poder e ao esquecimento do principal objetivo dos teósofos, que é a busca pela verdade. É a verdade que irá oferecer a libertação da ignorância, na qual a humanidade está mergulhada.

A ciência oculta pode ser definida como “a ciência dos segredos da natureza física, psíquica, mental e espiritual, que tem por objetivo o estudo da tradição antiga, no que concerne às forças ocultas (metafísicas) da natureza, do homem e do plano Divino”.¹³⁸ No plural, as ciências ocultas se referem a cartomancia, a astrologia, a alquimia, a numerologia, a psicomancia e algumas formas de magia e oráculos.¹³⁹

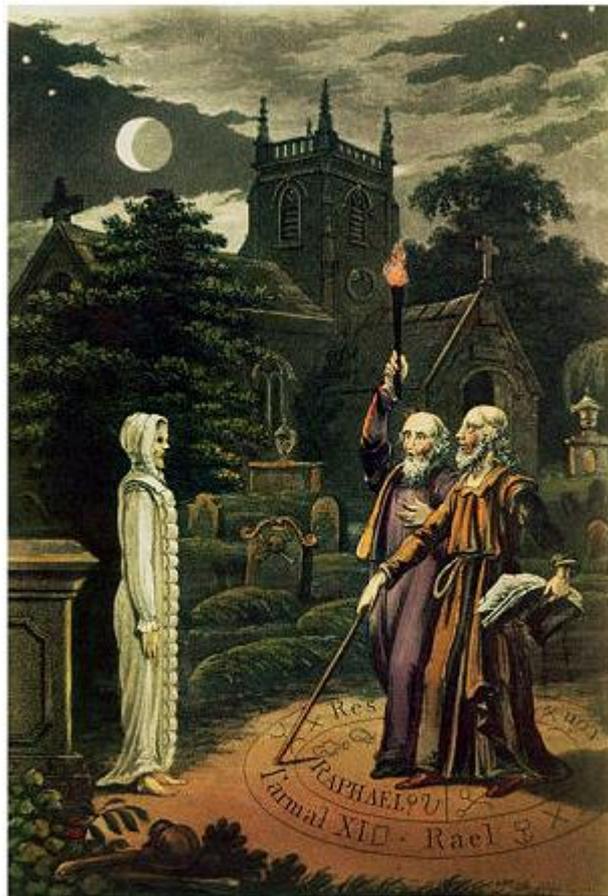
Através da psicomancia, também conhecida como necromancia ou nigromancia, Dominguez anunciou realizar suas adivinhações. Essa forma de adivinhar o futuro é feita através da invocação de espíritos dos mortos. A psicomancia é uma prática divinatória muito antiga. Há registros dela na Bíblia, entre os gregos, romanos e persas. Os mais famosos necromantes da história do ocultismo foram a bruxa de Endor que

¹³⁸ Disponível em: <http://www.academiadecienciasocultas.com.br/?sobre=a-ciencia-oculta>. Acesso em: 20/09/2013.

¹³⁹ Disponível em: <http://www.spectrumgothic.com.br/ocultismo/ciencias.htm>. Acesso em: 13/11/2012.

aparece na Bíblia¹⁴⁰, o filósofo grego Apolônio de Tiana e os ocultistas John Dee¹⁴¹, Edward Kelley¹⁴² e Eliphas Levi.¹⁴³

Figura 6: John Dee e Edward Kelley numa cerimônia necromântica.



Fonte:< http://www.occultopedia.com/k/kelley_edward.htm>. Acesso 13/05/2014.

¹⁴⁰ Cf. Livro 1, Samuel 28. Samuel procura a necromante de Endor para que esta entre em contato com o rei Saul que havia falecido.

¹⁴¹ Nasceu em 13 de julho de 1527 em Londres, Inglaterra. Foi geógrafo, astrólogo, matemático e astrônomo. Estudou alquimia e ciências herméticas, sem nunca ter participado de uma sociedade secreta, porém, influenciou muitas. Disponível em: <http://www.spectrumgothic.com.br/ocultismo/personagens/dee.htm>. Acesso em: 14/11/2012.

¹⁴² Nasceu em Worcester, Inglaterra, no dia 1 de Agosto de 1555. Os princípios da vida de Kelley frequentou uma universidade, Kelley foi educado e conhecia Latim e talvez até mesmo Grego. De acordo com várias descrições, Kelley foi ridicularizado em Lancaster por falsificação. Kelley auxiliou John Dee em suas experiências com o ocultismo. Disponível em: <http://www.spectrumgothic.com.br/ocultismo/personagens/dee.htm>. Acesso em: 14/11/2012.

¹⁴³ Foi um importante ocultista do século XIX, nascido em 08/02/1810. Seu verdadeiro nome é Alphonse Louis Constant, mas resolveu adotar a tradução hebraica do seu nome. Ele foi abade, entretanto, interrompeu a carreira eclesiástica em 1836. Entrou em contato com o ocultismo no ano de 1839 através de um abade da cidade de Solesmes, que conservava uma biblioteca com textos gnósticos e de magia. Levi falece em 31/05/1875. Disponível em: <http://www.spectrumgothic.com.br/ocultismo/personagens/eliphas.htm>. Acesso em: 13/11/2012.

A imagem retrata uma cerimônia necromântica. Nela John Dee e Edward Kelley estão representados dentro de um círculo mágico, que possui algumas inscrições, e à frente deles, está um espírito, vestindo uma mortalha branca. O ritual acontece em um cemitério, no qual podemos visualizar algumas lápides e uma igreja.

O uso de círculos mágicos em rituais ajuda a proteger o ocultista ou mago das influências de espíritos que podem atrapalhar os resultados da cerimônia, que deve acontecer à meia noite. Outros efeitos esperados são a intensificação e a harmonização das energias mágicas e a invocação do poder de deuses e espíritos guardiões dos elementos da natureza.¹⁴⁴

2.4 – A teosofia e a arte de curar

O atendimento prestado por Dominguez ao guarda sanitário Antônio Bastos, que na ocasião estava se passando por doente, apresenta elementos que nos ajuda a compreender sua prática. Quando Bastos abordou o investigado disse sofrer “aflição de espírito” e estar desempregado. Conversando com ele, Dominguez chega a conclusão de que o “sofrimento” de Bastos seria uma consequência de uma promessa de casamento não cumprida. Ora, se para os teósofos todas as ações realizadas à outras pessoas, sejam boas ou más, retornam para quem as realizou, a interpretação está coerente com a lei Kármica.

Para o “tratamento” de Bastos, Dominguez pediu um lenço pertencente ao “enfermo” e o mesmo deveria voltar para buscá-lo. Entendendo a doença como algo que vai além do plano físico, o ritual de purificação envolvendo objetos pertencentes ao doente tem o objetivo de concentrar energias positivas, devendo ser usado posteriormente como um amuleto de proteção, que equilibra as energias do corpo do seu portador. Outra forma de proteção é o talismã. O lenço poderia ser parte da confecção um tipo de talismã chamado no Brasil de patuá, que se trata de um saquinho de tecido, em que se colocam pequenos objetos e símbolos próprios para atrair a sorte.¹⁴⁵

¹⁴⁴ OLD RELIGION. **O círculo mágico.** Disponível em: http://www.oldreligion.com.br/novo/conteudo/index.asp?Qs_idConteudo=71. Acesso em: 25/05/2014.

¹⁴⁵ ABRAHÃO, J.R.R. Talismans: O que são e como funcionam. **Imagick.** Disponível em: <http://www.imagick.org.br/pagmag/pratick/talismans/talismans1.html>. Acesso: 06/06/2014.

Vimos no capítulo anterior que Dominguez negou cobrar pelos serviços ligados ao ocultismo, que eram a adivinhação e o combate a feitiços, a fim de não ficar ainda mais complicado com as autoridades fiscalizadoras. Isso não exclui a possibilidade de que possa ter realizado atos de caridade. A abordagem do guarda sanitário Antônio Bastos disfarçado de doente, converge com o depoimento de Dominguez, que disse atendê-lo por caridade.

A caridade é uma qualidade muito importante para um teósofo e podemos relacioná-lo ao primeiro objetivo da ST, que é “Formar um núcleo da Fraternidade Universal da Humanidade, sem distinção de raça, credo, sexo, casta ou cor”. Esse objetivo se baseia no princípio de que a realidade é una e absoluta. Isto significa que somos partes de um todo e a ideia de unidades separadas é apenas fruto da ignorância. O resultado dessa ideia é o senso de responsabilidade para com as demais pessoas. Assim, para termos paz devemos ajudar aos outros, que são partes de nós mesmos.

Expor os conhecimentos que adquiriu num anúncio de jornal e o próprio tom de exaltação dos seus talentos, afasta Dominguez do senso de anonimato, necessário para uma vida voltada para o exercício da humildade e simplicidade. Entretanto, considerando que vivia da renda dos serviços que prestava, é possível redimi-lo de um possível ato de orgulho, podendo situar o próprio trabalho como um modo de ajudar as pessoas.

Nas palavras de Blavatsky “Semeia ações amáveis e colherás os seus frutos. A omissão a um ato de compaixão equivale a cometer um pecado mortal”.¹⁴⁶ Desse modo, funciona a lei Kármica, igual atraindo igual, assim como o sentimento de dever para com a humanidade.

O poder de curar pessoas depende uma vida extremamente regrada e do desapego das coisas passageiras existentes no plano físico. Helena Blavatsky indica três condições para atingir essa finalidade:

nobreza de alma; 2º vontade poderosa e capacidade imaginativa; 3º um paciente mais fraco que o magnetizador, senão ele resistirá. Um homem livre dos estímulos e da sensualidade mundanos pode curar dessa maneira as doenças

¹⁴⁶ BLAVATSKY, Helena Petrovna. *Op. Cit.*, p. 17.

mais incuráveis, e a sua visão pode tornar-se lúcida e profética.¹⁴⁷

Curar exige pureza de espírito e uma vontade livre das limitações do plano material. A vontade depende da imaginação criadora, que apresenta infinitas possibilidades. Porém, o processo de cura não depende apenas daquele que realiza a prática da cura, mas também do doente, que precisa confiar plenamente no curador.

Essa visão da arte de curar está relacionada ao pensamento mágico. Algumas obras teosóficas explicam como funciona a magia e como dominá-la. Em “A Doutrina Secreta”, Blavatsky ensina de que forma é possível despertar os poderes mágicos. A magia é considerada uma ação à distância, que nasce da vontade. Esta, por sua vez, gera força, que provoca uma aglomeração de átomos em torno da imagem daquilo que foi desejado, alterando o plano físico. O controle da vontade, contudo, não é uma tarefa tão simples, quanto pode parecer. É preciso lutar contra os próprios demônios interiores e transcender os limites impostos pela Terra. Assim, a vontade se torna soberana. Fazendo referência a obra “Magia Natural” escrita pelo filósofo italiano Batista Porta, a médium explica

[...] que a luz astral age em harmonia e simpatia com toda a natureza que ela é a essência da qual os nossos espíritos são formados; e que, agindo em uníssono com a sua fonte-mãe, nossos corpos siderais se tornam capazes de produzir maravilhas mágicas. Todo o segredo depende de nosso conhecimento dos elementos afins.¹⁴⁸

A luz astral pertence a sétima e última ordem de textura do plano astral, por essa razão, é a menos densa. O plano astral é composto por uma essência elemental, que é animada pelo pensamento, “como se o ar fosse visível e estivesse em constante movimento ondulatório, mostrando um colorido igual ao da madrepérola.”¹⁴⁹Essa luz é formada pela “força não equilibrada, na energia que circula entre os planetas, sendo influenciada por eles e pela posição relativa dos demais planetas particularmente pelo

¹⁴⁷BLAVATSKY, Helena Petrovna. **Ísis sem véu** – vol. 1. Disponível em: <<http://bvespirita.com/Isis%20Sem%20V%C3%A9u%20-%20Volume%201%20%28Helena%20%27%27>>. Acesso 15/04/2013, p.58.

¹⁴⁸ *Ibidem*, p. 58.

¹⁴⁹ POWELL, Arthur E. **O plano astral**. Disponível em: <<http://www.pgem.hpg.com.br>>. Acesso em: 15/11/2013, p.100.

Sol e pela Lua”,¹⁵⁰ que também está presente em nós e representa aspectos dissociativos da nossa personalidade. Dessa forma, precisa ser combatida a fim de estabelecer o equilíbrio. O domínio dos poderes mágicos depende da capacidade de tornar essa luz perceptível aos sentidos, para depois controlá-la.

Conhecer os elementos facilita esse processo, pois ao saber quais são suas propriedades, o aspirante a mago pode agir de acordo com as leis naturais e absorver seus poderes.

No anúncio, Dominguez se referiu ao trabalho com o sistema “sistema faquir da Índia”. Os faquires indianos são homens que atingiram uma elevada purificação espiritual. Eles são capazes de comandar os elementos e os poderes da natureza, sujeitando a matéria ao seu sistema corporal. Um tipo de demonstração dos seus poderes é a capacidade de fazer uma semente germinar na palma da mão. Blavatsky esclarece uma distinção entre os faquires e os prestidigitadores indianos. Os primeiros utilizam a energia da sua própria alma divina e alguns *pitris* familiares, que são seres puros e etéreos. Enquanto, os outros utilizam os elementais, seres comandados por feiticeiros. A intenção de cada pessoa por si só já define o tipo de seres que irá atrair.¹⁵¹

Os temas estudados por Dominguez estão ligados notoriamente à metafísica, que são assuntos de interesse dos ocultistas. Ele demonstra ter a mente aberta para o conhecimento, que é uma das qualidades que se espera de um teósofo. Outra questão central na teosofia é a liberdade de pensamento e a responsabilidade por todas as ações cometidas, com base na lei Kármica ou lei do retorno, que ele estava ciente de acordo com as leituras que fez.

O próximo passo será entendermos as relações socioculturais estabelecidas por Dominguez no interior da Bahia, Ilhéus e Alagoinhas, lugares por onde passou antes de chegar a Sergipe, para, enfim, chegarmos a uma compreensão da recepção que dele em Aracaju, ampliando o foco para além das concepções dos médicos e juristas.

¹⁵⁰SOCIEDADE das ciências antigas. **A luz astral.** Disponível em:<<http://www.sca.org.br/uploads/news/id28/ALuzAstral.pdf>>. Acesso em: 28/11/2014.

¹⁵¹ BLAVATSKY, Helena P. *Op. cit.*, p. 36 e 37.

CAPÍTULO III

VIVER COMO UM OCULTISTA: O PERTENCIMENTO SOCIOCULTURAL DE DOMINGUEZ

No primeiro capítulo acompanhamos a trama que levou Dominguez a prisão e alguns aspectos do contexto de transformações no campo da saúde pública e da medicina em Sergipe, além da interpretação que os juízes e promotores fizeram com base nos autos do processo em que Dominguez foi réu. Agora, tentaremos entender a situação dele após ficar em liberdade e as relações socioculturais que ele estabeleceu em Aracaju.

Usamos a petição de *habeas corpus*¹⁵² construída por José Maria Dominguez y Dominguez e o advogado dele, como um indício na compreensão da recepção que ele obteve por parte da população aracajuana, diferente daquela que acompanhamos anteriormente. Através desse documento ele tentou permanecer em Sergipe assumindo legalmente o ofício de curar. Ao refletirmos sobre essa atitude, entendemos que o desejo dele em permanecer em Sergipe, mesmo após ser preso, aconteceu pela boa aceitação que obteve por pessoas a quem ele prestou seus serviços. Afinal, que pessoa ficaria em um lugar que não é aceito e não pode exercer sua profissão? Contudo, não dispomos de fontes que revelem quem eram as pessoas que foram atendidas por Dominguez. Mas, trabalhando a partir da verossimilhança, iremos expor outras situações envolvendo os praticantes da medicina não autorizados e que revelam práticas culturais semelhantes as que eram desenvolvidas por Dominguez. Assim, entenderemos de que forma ele poderia ser visto por seus clientes, dentro das possibilidades históricas do contexto em que viveu.

Essa tomada de posição, juntamente com outras ações empreendidas por José Maria desde o momento em que foi alvo da fiscalização, pode ser compreendida enquanto uma “tática”, que segundo a definição Michel de Certeau

[...] é movimento ‘dentro do campo de visão do inimigo’, como dizia von Büllow, e no espaço por ele controlado. Ela não tem portanto a possibilidade de dar a si mesma um projeto global nem de totalizar o

¹⁵² SERGIPE. Petição de *Habeas corpus* impetrada ao réu José Maria Dominguez y Dominguez. *Op. cit.*

adversário num espaço distinto, visível, objetivável. Ela opera golpe por golpe, lance por lance. Aproveita as ‘ocasiões’ e delas depende, sem base para estocar benefícios, aumentar a propriedade e prever saídas. O que ela ganha não se conserva. Este não-lugar lhe permite sem dúvida mobilidade, mas numa docilidade aos azares do tempo, para captar no vôo as possibilidades oferecidas por um instante. Tem que utilizar, vigilante, as falhas que as conjunturas particulares vão abrindo na vigilância do poder proprietário. Aí vai caçar. Cria ali surpresas. Consegue estar onde ninguém espera. É astúcia.”¹⁵³

É no “espaço” ou no “não-lugar” que as táticas são elaboradas, isto é, em um lugar não institucionalizado, fluído e instável do cotidiano.¹⁵⁴ Ele pode ser visto a partir das contradições presentes no cotidiano, permitindo certa mobilidade dos sujeitos, diferente do que determina o sistema normativo. Em outras palavras, é a “antidisciplina” que observamos nas ações do nosso protagonista, desde o momento em que foi descoberto pela fiscalização, usando vários artifícios para burlá-la.

A argumentação usada em defesa da permanência de José Maria em Sergipe indica pistas que começam a nos esclarecer sobre a vida dele antes de chegar a esse estado. Além disso, é importante percebemos as diferenças entre as informações presentes nesse documento, que teve tempo para que fossem selecionadas, e o depoimento que ele deu após ser preso, feito sem ele esperar. Portanto, o medo esteve presente, influenciando as respostas dadas.

Para compreender as relações culturais estabelecidas por Dominguez em Aracaju utilizamos o conceito de “estrutura da conjuntura” conforme definiu Marshall Sahlins.¹⁵⁵ De acordo com ele, os indivíduos, enquanto reproduzem determinadas categorias sociais “lhes dão novos valores retirados do contexto pragmático”.¹⁵⁶ Assim, na prática a cultura tem que lidar com os fatos contingentes, que dependem da ação criativa de cada pessoa no momento de sua execução. Os significados culturais, então, são “reavaliados” quando postos em prática. A análise de Sahlins foi feita a partir da chegada dos ingleses no Havaí. O capitão Cook foi visto como o deus Lono, que estava ligado a reprodução humana. Enquanto os havaianos seguiam suas lógicas culturais, a presença dos estrangeiros alterava o cotidiano deles. Voltando para a situação de

¹⁵³ CERTEAU, Michel de. Op. cit., p. 100 – 101.

¹⁵⁴ *Ibidem*.

¹⁵⁵ SAHLINS, Marshall. **Ilhas de História**. Trad. Barbara Sette. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

¹⁵⁶ *Ibidem*, p. 160.

Dominguez em Aracaju, perceberemos que em Sergipe havia categorias culturais, tais como as dos curandeiros e feiticeiros, que ele representava, embora fosse um ocultista.

Sabemos que antes de chegar a Sergipe ele esteve na cidade de Ilhéus no estado da Bahia e que lá teria comprado uma propriedade. Poderemos, então, encontrar situações distintas das que foram vivenciadas em território sergipano. Durante o depoimento que deu a polícia, José Maria, afirmou que jamais foi procurado pela forma como procedia. Até que ponto isso seria verdade? É outra questão a ser analisada, tomando como ponto de partida os lugares em que esteve no interior da Bahia.

Assim, observaremos as configurações socioculturais que Dominguez e as relações de reciprocidade que pode ter estabelecido, formando uma rede de interdependências com outros indivíduos, necessária para a sobrevivência de suas práticas.

3.1 - O pedido de *habeas corpus* e as bases da defesa

Pouco mais de uma semana após ter saído da prisão, mais exatamente no dia 15 de maio de 1923, José Maria Dominguez y Dominguez deu entrada a uma petição de *habeas corpus*, inconformado com a proibição de seus serviços.

O advogado Adolpho Ávila Lima possuía 41 anos quando foi contratado por Dominguez. Ávila Lima, como era conhecido, dividiu sua carreira entre a advocacia e a educação. Trabalhou como promotor entre 1907 e 1913 nas cidades de Propriá e Estância. Foi professor do curso normal do Ateneu Sergipense (1914), no colégio “Tobias Barreto” e na Escola Normal, além de advogar na capital.¹⁵⁷ Era um advogado experiente e ilustre pelos serviços prestados.

O item 15 da lista de objetos apreendidos no consultório de Dominguez é um “cartão do Dr. Ávila Lima”. Isso sugere que ele havia entrado em contato com Ávila Lima antes de ser preso e que já temia por sua prisão.

Acompanharemos abaixo o que declarou a defesa para garantir o deferimento da petição:

¹⁵⁷GUARANÁ, Armino. *Op. cit.*, p. 5 – 7.

[...] Que soffreu e se acha soffrendo violencia, ou coação por illegalidade ou abuso de poder da parte do dr. Chefe de Policia deste Estado; __ Que fôra preso e depois de haver prestado fiança, conseguiu sua liberdade; __ Que é doutor em medicina electromagnetica, titulado pela Universidade Escolar internacional do Rio de Janeiro, bem assim, perito em sciencias occultas e que disto não faz profissão habitual, pois vive dos seus modestos rendimentos de proprietario na cidade de Ilhéos, do Estado da Bahia; Que tambem é proprietario em Lisbôa e Vigo; __ Que pratica o occultismo por sport e sem remuneração; que os seus trabalhos foram anunciados na imprensa desta cidade (Vide << Sergipe Jornal >> incluso); __Que não pratica o espiritismo, nem a magia e seus sortilegios, nem faz uso de talismans e cartomancia para despertar sentimentos (?) odio ou amor, nem ainda inculca curas de molestias incuraveis ou curaveis para fassinar e subjugar a credulidade publica; __ Que se curandeiro ou charlatão fosse, crime só haveria de sua parte, se se verificasse na hypothese um danno potencial ou real; __ Que mandou suspender o annuncio feito na imprensa, por ordem da Prophylaxia Rural, de accordo com a Policia; __ Que fôra preso dentro de seu domicilio por mero capricho e supposta infracção de imaginario artigo do Codigo Penal; __ Que está na imminencia de soffrer coerção violencia em sua liberdade por illegalidade ou abuso de poder da parte do dr. chefe de Policia em consequencia de um crime que não existe e de um flagrante visceralmente nullo, por ter sido effectuado contra a ordem constitucional e os dictames processuaes do Codigo Criminal do Estado; __Que finalmente, impetrara essa ordem de habeas-corpus para poder usar e gosar de sua plena liberdade aqui ou em qualquer ponto deste Estado, sem constrangimento algum. Juntou o impetrante a petição inicial dois attestados de conduta passados pelos delegados de Policia de Ilhéos e Alagoinhas, do Estado da Bahia, e um exemplar do << Sergipe Jornal >>, desta cidade [...].¹⁵⁸

A defesa usou cinco argumentos principais. Vamos analisar cada um deles por meio das possibilidades históricas existentes no contexto de Sergipe e do Brasil, no sentido de compará-los com casos semelhantes, que foram registrados pela história.

O primeiro argumento indica que Dominguez estava sendo coagido pela polícia. A respeito dessa acusação, o chefe de polícia Cyro Cordeiro de Farias, se defendeu afirmando que Dominguez “não está sofrendo nenhum constrangimento ilegal por parte da polícia” e que agiu após a denúncia da Comissão de Profilaxia Rural do Estado, sendo que esta se confirmou, pois o acusado estava “exercendo ilegalmente a Medicina”.¹⁵⁹ Conforme continua o depoimento ele diz:

¹⁵⁸ SERGIPE. Petição de *Habeas corpus* impetrada ao réu José Maria Dominguez y Dominguez. *Op. cit.*, fl. 1 e 2.

¹⁵⁹ *Ibidem*, fl. 2.

Que d'ahi em diante nenhuma acção policial se tem feito sentir sobre o impetrante, muito, embora esteja elle contra as leis do Estado e da União, a afrontar a sociedade culta de Aracajú, explorando a credulidade publica, com a pratica de um charlatanismo perigoso, immoral e grandemente oneroso aos nossos tradicionaes costumes de povo laboriosa e simples; __ Que o impetrante não pode exercer a Medicina, entre nós, porquanto, não se acha legalmente habilitado a explorala, isto é, não dispõe de titulo scientifico reconhecido pelo governo Federal, devidamente registrado na Directoria de Hygiene desta capital, ou seja na Repartição da Prophylaxia Rural; __ Que finalmente fazia chegar ao conhecimento do Egregio Tribunal os objectos apreendidos em poder do impetrante, os quaes, por si sós provam á sociedade o delicto por ellecommetido.¹⁶⁰

A possibilidade de que Dominguez estivesse sendo coagido não pode ser descartada. Os funcionários públicos em geral eram escolhidos não por seus méritos, e sim, por apoiarem o governo estabelecido ou em razão de interesses particulares. Com a polícia isso não era diferente. O despreparo e a falta de compromisso os levavam muitas vezes a agirem de forma truculenta em suas diligências, chegando a causar confusões. Era comum as autoridades jurídica, militar e policial agirem em desacordo com o que determina a lei. Percebemos pelo depoimento do chefe de polícia que ele considerava uma “afronta” Dominguez estar burlando a lei. Estando em liberdade, Dominguez continuou residindo em Aracaju, possivelmente, atendendo pessoas, o que pode ter sido visto como uma “afronta” ainda maior a sua autoridade, levando-o a usar outros meios para expulsá-lo de Sergipe.¹⁶¹

Embora o chefe de polícia se refira a Dominguez como charlatão, esse termo não consta no Código Penal em vigor durante esse período. O termo charlatanismo aparecerá com o Decreto-Lei de 1940, que o define da seguinte forma: “Art. 283 – Inculcar ou anunciar cura por meio secreto e infalível”.¹⁶² Podemos perceber este artigo como uma substituição do artigo 157 do Código Penal de 1890, que proibia o espiritismo, a magia, o uso de talismãs e a cartomancia. Essas práticas se aproximam da ideia de charlatanismo que foi apresentada, no sentido de atuarem de maneira “secreta”,

¹⁶⁰ *Ibid.*, fl. 2 e 3.

¹⁶¹ SOUSA, Antônio Lindvaldo. A manutenção da ordem pública e as relações de poder em Sergipe (1889 – 1930). *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe*, nº32, 1993 -1999, p. 155 – 172.

¹⁶² BRASIL. *Código Penal*. Câmara dos deputados. Decreto-Lei nº 2848 de 7 de dezembro de 1940. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decllei/1940-1949/decreto-lei-2848-7-dezembro-1940-412868-norma-pe.html>. Acesso em: 12/04/2012.

diferente da medicina científica que se utiliza de remédios nos quais é possível saber quais substâncias foram usadas em sua composição.

Durante o século XIX essa categoria foi usada por médicos abrangendo um variado número de agentes da cura, que incluía “curandeiros, espíritas, sangradores, parteiras, ervateiros, farmacêuticos que produziam remédio e não revelavam suas fórmulas” e até mesmo os médicos homeopatas. Estes seriam o oposto do verdadeiro saber ancorado na moderna ciência médica representada pelos médicos alopatas, enquanto os demais não teriam a formação necessária para exercer o ofício de curar.¹⁶³

As autoridades públicas nem sempre seguiam o que determinava a lei no sentido de proibir a atuação daqueles que não possuíam uma formação legal para exercer a profissão de médico. Um caso exemplar é o de Antônio José dos Santos, que fora convidado pelo Inspetor de quarteirão Urbano Bispo de Messias para realizar “umas mesas” no Povoado Outeiros, pertencente ao Município de Maruim, em 1897.¹⁶⁴ A reunião aconteceu na própria casa do inspetor. Entre as pessoas que compareceram a cerimônia, estava a jovem Angelina Maria da cruz, que pediu a Antônio Custódio, como era conhecido esse curandeiro, para curá-la de um problema de asma. Então, ele procedeu

[...] dando-lhe um pequeno talho a proporção de ventosa no peito erguendo, (...) deitou um pouco de algodão em uma xicara de aguardente pôs fogo e encostou sobre o peito da atendida, nisso dizia esta operação por duas vezes apagando-se o fogo e pela terceira vez incendiou não só o algodão como também as vestes da atendida queimando sobre o corpo.¹⁶⁵

A testemunha Bellarmino Vieira de Mello possuía vinte e seis anos de idade, era casado e residente em Outeiros. Ele não presenciou o fato que ocasionou as queimaduras em Angelina, apenas a conduziu em uma rede com ajuda de outra pessoa para a cidade.

O outro condutor, que ajudou a jovem, se chamava Dionísio Bispo de Messias, que declarou ter vinte e cinco anos, ser casado e morador de Outeiros.

O acusado disse que era solteiro, ter quarenta anos e que trabalhava em suas roças, entre Simão Dias e Malhador, termo de Riachuelo, não sabia ler, nem escrever.

¹⁶³Sampaio, Gabriela dos Reis. *Op. cit.*

¹⁶⁴SERGIPE. Inquérito Policial em que foi réu Antônio José dos Santos. **Arquivo do Judiciário do Estado de Sergipe**. MAR/C 2º OF. Inquérito Policial. Cx. 01/1014. 23/07/1897.

¹⁶⁵*Ibidem*, fl. 2.

Ele afirmou ainda que estava em Maruim há quase quinze dias, confirmando que foi “convidado por Urbano – condutor, para fazer umas mesas, negócios de feitiçarias”, e que no ato de curar Angelina, acabou acidentalmente queimando-a e “que na ocasião conviu ele respondente temendo matá-lo com uma foice”.¹⁶⁶

O exame de corpo de delito foi feito pelos “cidadãos” João José de Couto e Francisco Barboza Lima, nomeados “peritos na falta de profissional”. Angelina tinha dezoito anos e era de cor parda. Os “peritos” descreveram a situação em que ela se encontrava

[...] se achava deitada em uma rede não podendo estar de outra forma e que estava despida da cintura para cima; deste ponto para cima até o pescoço estava coberta de folhas de bananeiras que retirando as encontraram toda região do umbigo até o pescoço, queixo inferior, bastante estragada a epiderme e a derme consideravelmente estragada, por efeito de queimadura de labareda; como também no braço esquerdo e antebraço duas queimaduras envolvendo quase todo o braço até a mão, fazendo uma pequena diferença na curva do referido braço, que não foi atingido pelo fogo; encontrando ainda no braço direito umas bolhas proeminentes de queimadura, e, sofrendo muita febre [...].¹⁶⁷

Nota-se que a questão central do caso descrito acima não eram as práticas exercidas por Antônio Custódio, mas sim, o erro que cometeu ao queimar Angelina. Se o acidente não tivesse ocorrido jamais teríamos conhecimento da existência desse curandeiro, que parece ter sido bastante solicitado, já que estava longe de casa há quase quinze dias realizando suas “mesas”.

O dever de Urbano, enquanto inspetor de quartelão, era conduzi-lo até a delegacia¹⁶⁸, pois as práticas realizadas por Antônio Custódio haviam sido proibidas desde 1890. Porém, fez isso apenas quando este queimou acidentalmente a jovem no momento em que realizava o tratamento.

Outra situação semelhante a esta e que envolveu autoridades públicas, aconteceu quando o curandeiro sergipano e morador da cidade de Maruim, Balbino Leite, foi procurar a polícia para resolver a questão do não pagamento das “garrafadas” que

¹⁶⁶ *Ibid.*, fl. 3.

¹⁶⁷ *Ibid.*, fl. 6.

¹⁶⁸ SILVA, Wellington Barbosa da. “Uma autoridade na porta das casas”: Os inspetores de quartelão e o policiamento no Recife do século XIX (1830-1850). *SAECULUM - Revista de História*, nº 17; João Pessoa, jul/dez, 2007.

vendia. Da mesma forma, Maria, uma de suas clientes, foi reclamar a um sargento de ter sido enfeitiçada por Balbino, convencendo-o a procurar o curandeiro para retirar o feitiço.¹⁶⁹ A ação do sargento, no sentido de pedir ao curandeiro que retirasse o feitiço, demonstra a seriedade com que ele tratou do assunto, intercedendo pela suposta vítima.

Na prática, portanto, percebemos que as próprias autoridades fiscalizadoras poderiam compartilhar as mesmas crenças que deveriam combater, segundo o que ditava a legislação da época.

O segundo argumento da defesa foi a formação em medicina pela “Universidade Escolar Internacional do Rio de Janeiro”. Dominguez também usou essa referência nos anúncios feitos no “Sergipe-Jornal”. A instituição responsável pelo ensino da medicina no Rio de Janeiro recebeu diferentes nomes desde a sua criação. Em 1808, era chamada de Escola Anatômica, Cirúrgica e Médica do Rio de Janeiro. Em 1813, chamava-se Academia Médico-cirúrgica do Rio de Janeiro, que foi transformada em Faculdade de Medicina apenas no ano de 1832. A criação da Universidade do Rio de Janeiro ocorreu somente em 7 de setembro de 1920.¹⁷⁰ Portanto, jamais se chamou “Universidade Escolar Internacional do Rio de Janeiro”. Essa deve ter sido uma forma usada por Dominguez para despistar as autoridades responsáveis pela fiscalização do exercício de curar. Deste modo, sabemos que ele estava ciente de que a formação nas faculdades de medicina era indispensável para exercer a profissão de médico no Brasil.

A partir do depoimento que Dominguez deu após ser preso, observamos que ele afirma possuir uma habilitação para exercer o ofício de médico, mas o diploma não havia sido registrado perante o órgão fiscalizador. De acordo com Phócion Serpa, chefe do Serviço de Profilaxia e Saneamento Rural, após tomar conhecimento dos anúncios do ocultista e suposto médico, encaminhou para ele uma intimação feita pelo Serviço de Saneamento e Profilaxia Rural, em 23 de abril do mesmo ano, para que fosse apresentado o documento que provasse que estava habilitado para exercer a profissão de médico. Esse fato aconteceu treze dias antes de sua prisão¹⁷¹. Dominguez compareceu, mas segundo Serpa “o denunciado exibiu um título que não lhe dava direito de exercer a profissão de médico visto como era expedido por uma instituição estrangeira não

¹⁶⁹SERGIPE. Inquérito policial em que foi réu Balbino Leite. **Arquivo do Judiciário do Estado de Sergipe**. MAR/C. 2º Of. Inquérito Policial, cx. 01/1014. 20/04/1889.

¹⁷⁰ Disponível em: http://www.medicina.ufrj.br/colchoes.php?id_colchao=1. Acesso em: 11/12/2012.

¹⁷¹SERGIPE. Processo-crime em que foi réu José Maria Dominguez y Dominguez. *Op. cit.*, p. 03.

reconhecida oficialmente pelo governo da União”.¹⁷² Não foi mencionado o nome da instituição que ele exibiu o título, contudo, a mesma não foi referida como falsa, e sim uma “instituição estrangeira”.

Por outro lado, ao ser questionado na delegacia sobre a profissão que exercia, Dominguez disse que era comerciante e ocultista. O medo, portanto, o levou a fazer tal declaração. Diante do questionamento sobre os anúncios do jornal ele disse que era visitado por “varias pessoas”, mas eram apenas “amigos”. Ele ainda alega, que os medicamentos encontrados em seu consultório eram para uso próprio, e que o livro de anotações e os objetos eram seus, exceto a ampola de morfina. Não negou que atendeu o membro da Profilaxia, mas gratuitamente e por caridade, diante da forma como este se apresentou, queixando-se de “aflição de espírito” e “falta de emprego”. Devemos levar em conta que isso ocorreu num momento inesperado, sem uma defesa planejada.

Os curandeiros que não cobravam por seus serviços tinham a pena reduzida. O lucro através dessa prática agravava a situação do acusado. Negar a cobrança por esses serviços garantia a Dominguez alguma vantagem, ainda que não o livrasse totalmente da culpa. Como ele possuía uma propriedade em Ilhéus, estaria a mais tempo no país, conhecendo, assim, as normas estabelecidas.

A profissão de médico era vista por muitos como um sacerdócio durante os anos oitocentos. Muitos médicos atendiam as pessoas pobres gratuitamente. O ato da caridade era altamente incentivado pela Igreja Católica, ser caridoso era uma das virtudes do bom cristão, que assim garantiria um lugar no paraíso. João José Reis¹⁷³ expõe muito bem essa característica, principalmente, através de testamentos, nos quais as pessoas reservavam parte da herança para a caridade e as missas.

O predomínio dessa visão ainda em pleno as primeiras décadas do século XX em Sergipe, segundo o médico Helvécio de Andrade, será um dos obstáculos a especialização dos médicos, levando-os muitas vezes a ocupar cargos distantes da medicina.¹⁷⁴ O Dr. Antônio Carlos, por exemplo, no ano de 1923, anunciava seus

¹⁷² *Ibid.*, fl. 25.

¹⁷³ REIS, João José. **A morte é uma festa:** ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

¹⁷⁴ ANDRADE, Helvécio de. *Op. cit.*

serviços no “Sergipe-Jornal” e oferecia atendimento gratuito aos pobres na Farmácia Popular, que ficava situada na Rua de Laranjeiras.¹⁷⁵

No Brasil, nem sempre foi necessário ser diplomado por faculdades de medicina para trabalhar como médico. Durante o século XIX, havia aqueles que adquiriam um saber prático semelhante ao que era ensinado nas academias, principalmente, através dos manuais de medicina. Eles recebiam habilitações pelas Câmaras Municipais e, após a extinção destas, pelas Juntas de Higiene, eram os chamados licenciados.¹⁷⁶

Desde as últimas décadas dos oitocentos a Junta de Higiene vinha tentando coibir as atividades de médicos estrangeiros no país, mas deviam ser aprovadas pelo Ministério do Império. Este foi o caso do médico francês Alexandre de Bousquet, que após ser investigado, foi acusado de não possuir formação em medicina, devido a incoerências quanto à faculdade em que havia se formado e por alegar ter perdido o diploma. Coube ao ministro José Bento Figueiredo definir o destino do médico estrangeiro, optando por liberá-lo das acusações, baseado na conduta dele e nos serviços prestados como médico do exército e do Município de Paranaguá, além do atendimento gratuito que oferecia aos pobres.¹⁷⁷ Entretanto, a situação dos médicos estrangeiros e dos não diplomados irá mudar. Os interesses dos médicos acadêmicos brasileiros serão cada vez mais considerados. A saúde pública ganha *status* de indispensável para o desenvolvimento do país, fazendo parte do “ideal modernizador”, que em consonância com o avanço da ciência médica dará legitimidade aos médicos, através do sucesso na cura de diversas doenças.¹⁷⁸ Uma grande amostra disso foi a criminalização dos demais agentes da cura durante o regime republicano.

A instauração do regime republicano alterou essa norma, sem o diploma de uma faculdade reconhecida pelo Estado, não era possível exercer a medicina. Porém, na prática nem sempre essa lei era respeitada. Os atores sociais sempre procuram brechas no sistema normativo para desempenhar o papel que desejam. Esse foi o caso de Dominguez.

Em 1891, na cidade de Maruim, um jovem médico português, então com 27 anos, abriu uma “Clínica Médica Eletromagnética”, trabalhando também com a

¹⁷⁵ Sergipe-Jornal, janeiro de 1923.

¹⁷⁶ WITTER, Nikelen Acosta. *Op. cit.*, p. 16 e 17.

¹⁷⁷ SAMPAIO, Gabriela dos Reis. *Op. cit.*, p. 115 – 119.

¹⁷⁸ *Ibidem*, 138.

cromoterapia. O diploma de medicina obtido através da Universidade de Coimbra, não o ajudou. Foi preso, acusado de praticar o espiritismo e a feitiçaria, e no cárcere ficou por dois anos. A família dele teve que vender a propriedade em que viviam para conseguir pagar os advogados.¹⁷⁹ Este caso envolveu membros da Igreja e médicos que atendiam nesse município. Esse caso mostra que além do diploma, as relações com pessoas influentes faziam diferença.

Em terceiro lugar, a defesa não nega que José Maria é um ocultista, mas tenta diminuir a culpa dele ao declarar que ele fazia isso por “sport” e “sem remuneração”. Explicou ainda que a cobrança não fosse necessária por ele possuir propriedades em Ilhéus (BA), Lisboa e Vigo, em Portugal, das quais extraía rendimentos.

O estudo do ocultismo e a formação de grupos e lojas de pesquisa, como fazem a maioria dos ocultistas, não foram as causas da perseguição de Dominguez, mas sim, o fato de ter adentrado no campo da medicina.

Buscamos outros ocultistas que tenham exercido o ofício de curar no Brasil, durante o período que analisamos. Nesse sentido, Francisco Valdomiro Lorenz, que foi um dos autores lidos por Dominguez, se encaixa nessa proposta, além do fato de ser estrangeiro.

Francisco Lorenz nasceu na Aldeia de Zbislav, Província da antiga Tchecoslováquia, em 24 de dezembro de 1872. Seus pais Francisco e Tereza Lorenz, eram de origem pobre, sem recursos para oferecer uma boa educação ao filho. Apesar dessa situação, aos cinco anos o pequeno Lorenz já sabia ler e aos 17 anos se tornou professor, dominando os idiomas inglês, francês, alemão, italiano, hebraico, árabe, grego, chinês e aramaico. Ainda aos 17 anos, lançou sua primeira obra escrita em Esperanto. Defendeu as causas separatistas contra o domínio austríaco, que combatia violentamente seus opositores. Para fugir da repressão Lorenz decide viajar para o Portugal em 1891, partindo para o Brasil em 1893.¹⁸⁰

O documentário da série “Histórias extraordinárias, Muitas vidas – A vida de Francisco Valdomiro Lorenz” exibido pela RBGTV, retrata a biografia de Lorenz dando especial atenção a trajetória dele em Dom Feliciano, cidade do Rio Grande do Sul, que

¹⁷⁹GOMBERG, Estélio; MANDARINO, Ana Cristina de Souza. Representações de um suposto crime em um auto-crime do Arquivo do Judiciário do Estado de Sergipe. **História, memória e Justiça, Revista eletrônica do Arquivo do Judiciário**. Edição nº2, ano 1, agosto/novembro, 2008.

¹⁸⁰LORENZ, Waldomiro. **Fatos mediúnicos da vida de Francisco Valdomiro Lorenz**. Rio de Janeiro, RJ: Sociedade Editora Espírita F. V. Lorenz, 1998.

passou a residir a partir de 1894. Ele é lembrado por seus netos, alunos e admiradores como uma pessoa extremamente culta e humilde, que estava sempre pronto para ajudar a todos. Os primeiros anos que passou em outros Estados do Brasil, passando pelo Rio de Janeiro e Minas Gerais, são deixados de lado. Não há nenhuma indicação sobre os motivos das mudanças ou se foi perseguido por suas práticas.

A vida dos imigrantes europeus que vieram para o Brasil, não foi fácil. Entre 1840 e 1860, a imigração seguia o sistema de parceria, no qual o trabalhador recebia uma espécie de adiantamento do patrão, que pagava todas as despesas da viagem e instalação das famílias, que ficavam presas a essas dívidas. Posteriormente, essa situação resultaria em vários protestos. A partir de 1860, a imigração era subvencionada pelo Estado, mas ainda faltavam condições dignas de moradia, saúde e educação para os imigrantes, levando países como Itália e Espanha a proibirem a imigração para o Brasil, respectivamente, nos anos 1902 e 1910.¹⁸¹ Em Dom Feliciano, Lorenz foi um dos poucos estrangeiros que conseguiu receber um lote de terra. Isso deve ter favorecido a sua permanência neste local.

Através de uma pequena biografia escrita pelo neto de Lorenz, que recebeu o seu nome, ficamos sabendo que este deveria ter se instalado no Rio Grande do Sul, mas ao desembarcar no porto do Rio de Janeiro recebeu a informação de que o estado que deveria morar estava em revolução. Por esse motivo, foi trabalhar nas minas de ouro de Mariana e São João, do Estado de Minas Gerais. Em 30 de Janeiro de 1894, chegou à Porto Alegre (RS). Na capital gaúcha, exerceu a função de tradutor e do registro das despesas na ala de imigração da Secretaria do interior, além de trabalhar como jardineiro e depois tradutor para o industrial Otto Schoenwald. Acabou sendo afastado da Secretaria de interior pelo déficit no orçamento, devido ao fato de alguns funcionários desviarem dinheiro.¹⁸²

Francisco Lorenz era médium e exercia a homeopatia. Ele lecionava aos filhos de imigrantes, chegando a escrever um dicionário português/polonês para facilitar o ensino da língua portuguesa.

¹⁸¹ TURINI, Leide Alvarenga. **Trabalhadores imigrantes no Brasil XIX/XX**. Disponível em: <<http://gephiseseba.blogspot.com.br/2011/09/trabalhadores-imigrantes-no-brasil.html>>. Acesso em: 14/02/2014.

¹⁸² LORENZ, Waldomiro. *Op.cit.*, p. 14-16.

Os médiuns eram alvo da fiscalização do exercício da medicina em função dos serviços terapêuticos prestados através dos “receituários mediúnicos”, os “passes” e a doação de remédios. A parte doutrinária, nesse sentido, não era o foco da repressão, mas sim essas práticas.¹⁸³

Com a finalidade de orientar doutrinariamente e fazer propaganda do espiritismo kardecista, foi instituída a Federação Espírita do Brasil (FEB) em 1884, na cidade do Rio de Janeiro. Essa instituição foi alvo dos órgãos fiscalizadores pelos serviços prestados aos doentes, principalmente, entre 1904 e 1925. Para defender-se de tais acusações a FEB declarava exercer o “verdadeiro” espiritismo baseado no exercício do “dom” da cura que possuem alguns médiuns e na caridade, sem tirar proveito pecuniário dos necessitados, em oposição aos “falsos espíritas”, que segundo Allan Kardec em “O livro dos médiuns”, são fraudadores e charlatães, que enganam e se aproveitam financeiramente das pessoas crédulas neles. Diferente dos juízes e policiais, a FEB não relacionava os “falsos espíritas” aos cultos e crenças de origem africana, ou seja, ao chamado “baixo espiritismo”.¹⁸⁴

Ainda no início do século XX, a FEB abandona os serviços voltados para a cura, restringindo-os a um círculo restrito de adeptos. Assim, essa instituição deixa de sofrer perseguição de agentes sanitários e da polícia, passando a ter uma função reguladora das práticas espíritas e oferecendo listas dos seus associados a polícia.¹⁸⁵

No primeiro capítulo, vimos que dentro do campo médico havia a oposição entre médicos alopatas e homeopatas, que lutavam pelo monopólio da “verdade”. A homeopatia chegou a ser ligada ao charlatanismo, numa tentativa de deslegitimá-la.

Quando analisamos o estilo de vida de Lorenz, observamos que a possibilidade dele sofrer com o sistema repressivo era remota. Ele morava na zona rural, longe da atenção dos órgãos repressores e dos médicos, vivendo de forma simples, lecionando pela manhã e trabalhando na lavoura como colono a tarde. Através da homeopatia Lorenz ajudou várias pessoas, nunca cobrando pelos seus serviços.

Existem atualmente um instituto e uma loja maçônica que possuem o nome de Lorenz, que são prova da admiração que ele ainda desperta nas pessoas.

¹⁸³ GIUMBELLI, Emerson. O “baixo espiritismo” e a história dos cultos mediúnicos. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 9, n.19, p. 247-281, julho de 2003.

¹⁸⁴ *Ibidem*, p. 268-270.

¹⁸⁵ *Ibidem*, p. 269.

Diferente de Lorenz, Dominguez estava numa capital, usando o título de médico, aparecendo em anúncios, num período em que apertava o cerco contra quem não possuía diploma em Sergipe, em razão da chegada do Serviço de Profilaxia e Saneamento.

O quarto argumento da defesa se baseou na negação das práticas de curandeirismo (art. 158), espiritismo e magia (art. 157). Foi explicado que essas acusações não teriam embasamento, já que o acusado não havia cometido nenhum prejuízo à saúde das pessoas. A acusação, por outro lado, faz a indicação de uma testemunha, chamada “F.”, que teria recebido “uma injeção endovenosa de 914”, sem que o nome completo dela fosse registrado na petição de *habeas corpus* ou no processo-crime. Assim, esta acaba sendo uma prova forjada pelas autoridades para manter Dominguez preso.

O quinto e último argumento usado pela defesa foi a liberdade profissional, garantida pela Constituição brasileira. Essa ideia foi combatida com base em teóricos juristas que não consideram uma contradição exigir que os profissionais provem habilidade e preparo técnico para exercer um ofício, a fim de garantir a segurança do público.

O livre exercício profissional é uma das prescrições do positivismo. Segundo essa teoria o governo deve ser responsável por dar uma boa educação aos cidadãos, e, a partir desta, eles seriam capazes de discernir o que seria melhor. A liberdade profissional, sem restrições, foi empregada no Rio Grande do Sul entre 1889 e 1928, deste modo o exercício de curar era praticado por quem desejasse.¹⁸⁶

Diante da análise da defesa pudemos perceber que foram usadas várias “táticas”: a acusação de coação da parte do chefe de polícia do Estado; a omissão de algumas práticas; a formação em medicina, no entanto, não apresentou uma prova satisfatória; negou a cobrança do trabalho com o ocultismo. Mas, teve a seu favor o fato de não ter nenhuma testemunha reclamando do seu tratamento, toda a ação envolvendo a prisão dele foi elaborada por membros do Serviço de Profilaxia.

As “táticas” ajudam a compreender a situação de conflito vivenciada por Dominguez, expondo o sujeito agindo em sua defesa, por desejar continuar vivendo sem

¹⁸⁶WEBER, Beatriz Teixeira. *Op. cit.*

abandonar suas práticas. Entretanto, isso não é capaz de explicar o motivo pelo qual ele desejou continuar em Sergipe. Sabemos que antes de chegar a Sergipe ele esteve na cidade de Ilhéus no Estado da Bahia, e que lá teria comprado uma propriedade. Poderemos, então, encontrar situações distintas das que foram vivenciadas em território sergipano, para, em seguida, voltarmos à Aracaju.

3.2 – Vivendo no interior baiano

Dominguez afirmou que nunca foi perseguido ou intimado pelo serviço sanitário ou pela polícia antes de sua prisão em Aracaju. Isso nos leva a questionar a possibilidade de ter ocorrido tal situação nos estados brasileiros em que ele esteve. Nesse sentido, os dois atestados de boa conduta emitidos pelas delegacias de Ilhéus e Alagoinhas, cidades do Estado da Bahia, indicam que ele causou uma boa impressão, inclusive nas autoridades públicas. Deste modo, avaliaremos as condições socioculturais e da saúde pública nessas duas localidades, com ênfase na década de 1920.

Consta na procuração que foi assinada por Dominguez, concedendo o direito ao advogado Ávila Lima de representá-lo no tribunal, que ele era “proprietário domiciliado em Ilhéus”, mas era “domiciliado e residente nesta capital”. A palavra “domiciliado” quer dizer que ele possuía uma casa, contudo, não quer dizer que ele residia a mesma. No pedido de *habeas corpus*, Dominguez declarou viver dos rendimentos das propriedades que possuía em Ilhéus e em Portugal. Mas, que tipo de propriedade ele possuía em Ilhéus? Recorrendo a história dessa cidade, em especial a sua economia, chegaremos a uma possível resposta.

Durante as primeiras décadas do século XX, a cidade de Ilhéus prosperava em razão dos lucros extraídos do cultivo do cacau. A riqueza do cacau atraiu muitas pessoas, principalmente, dos sertões da Bahia e de Sergipe. Árabes, libaneses e sírios também se fixaram na região, a partir do final do século XIX. O cultivo comercial do cacau teve início em 1820, por iniciativa da aplicação do capital de alemães e suíços.¹⁸⁷

Em Ilhéus não existiram latifúndios. Os mais ricos eram aqueles que adquiriam o maior número de roças. Os pequenos proprietários vendiam sua produção aos grandes

¹⁸⁷ RIBEIRO, André Luiz Rosa. **História do cacau**. Instituto Cabruca. Disponível em: <<http://www.cabruca.org.br/historiaDoCacau.php>>. Acesso em: 28/02/2014.

produtores, que beneficiavam e vendiam os produtos. A cidade funcionava como uma extensão da produção de cacau, através do comércio e serviços. Os “barões do cacau” pouco investiam em Ilhéus. Seus filhos, que buscavam a formação em medicina e direito, depois de formados raramente voltavam. Já os trabalhadores, eram explorados, recebendo baixos salários, que eram gastos com os produtos de primeira necessidade vendidos a preços altíssimos nas fazendas em que trabalhavam.¹⁸⁸

Diante do que foi exposto, sabemos que a base da economia de Ilhéus no início dos anos noventa era a produção e venda do cacau ou comércio na cidade. O mais provável é que Dominguez possuísse uma pequena produção de cacau, que era o atrativo do município. Infelizmente não dispomos de uma documentação que nos dê certeza disso.

Partiremos agora para a cidade de Alagoinhas, outro local que Dominguez obteve um atestado de boa conduta. Essa cidade surgiu em torno de uma capela fundada pelo padre português João Augusto Machado no final do século XVIII. Seus primeiros povoadores eram boiadeiros, negros fugidos, índios, tropeiros e viajantes. Em julho de 1853, Alagoinhas foi elevada a categoria de cidade. Durante esse período, a cidade se destacava pelo cultivo de laranja e fumo, sendo este último produto exportado. Com a inauguração da linha ferroviária em 13 de fevereiro de 1863, ligando este município a Salvador, a economia se dinamizou e a atividade comercial foi intensificada. Esse fato atraiu vários imigrantes, com destaque para os italianos que comercializavam tecidos, vinhos e derivados.¹⁸⁹

Durante o final dos anos oitocentos, Alagoinhas passou por uma série de mudanças que seguiam a lógica higienista. A fim de modernizá-la foram criadas praças, prédios comerciais e hotéis de luxo para abrigar os visitantes. Além disso, contava com duas Estações ferroviárias, uma ligando São Francisco a Juazeiro, e a outra que ligava a Bahia à cidade de Propriá, Estado de Sergipe. Segundo Keite Lima, durante a década de 1920 em Alagoinhas

¹⁸⁸ GUERREIRO, Antonio. A Bahia no centro do mundo. **Revista de História da Biblioteca Nacional**. Disponível em: <<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/leituras/a-bahia-no-centro-do-mundo>>. Acesso em: 08/02/2014.

¹⁸⁹ LIMA, Keite Maria Santos do Nascimento. Cidade, Ferrovia e Modernização: contribuições da Estrada de Ferro Bahia ao São Francisco para a modernização da cidade de Alagoinhas – 1860/1920. **Associação Nacional de História – ANPUH**. XXIV Simpósio Nacional de História, 2007.

[...] viveu uma verdadeira efervescência cultural, a cidade contava com teatro, cinema, festas populares e cívicas animadas por duas filarmônicas a “Euterpe Alagoinhense” e a “União Ceciliana” que eram referências para a região. Circulavam revistas como ‘A única’ editada em Salvador e jornais locais como “O popular”, um dos periódicos que, segundo os memorialistas, estava sempre a serviço da cidade, além, claro, do “Correio de Alagoinhas”. Enfim uma cidade que fazia jus à condição de “Pórtico de Ouro dos Sertões baianos” [...].¹⁹⁰

Comparando a história das duas cidades notamos que as décadas iniciais do século XX representaram uma fase de desenvolvimento econômico, responsável pelo aumento da população resultante de movimentos migratórios. Foi exatamente durante esse período que Dominguez esteve em Ilhéus e Alagoinhas, é possível tal situação o tenha atraído.

A Saúde Pública na Bahia do início do século XX atravessava as mesmas dificuldades presentes nos demais estados do país, assolados por inúmeras epidemias. Esse quadro acabou dando visibilidade aos problemas das populações que moravam no interior. Assim, a presença centralizadora do Departamento Nacional de Saúde, em associação com o governo do Estado da Bahia, buscou erradicar as endemias e epidemias. O processo de intervenção federal, a princípio, expôs uma diferença em relação à implantação do Serviço de Profilaxia e Saneamento Rural em Sergipe. O pessoal que compôs a parte técnica e científica era escolhido pelo governo baiano, enquanto o administrativo era nomeado pelo órgão federal. Em Sergipe, essa escolha aconteceu na ordem contrária. Contudo, a indicação feita por Carlos Chagas do médico e cientista Clementino Fraga para assumir a Comissão Sanitária Federal na Bahia, em 1919, levou o governo da Bahia a romper o contrato com o Estado.¹⁹¹

Os “sertões” se tornaram foco da atenção dos governantes para solucionar os problemas de saúde, que atacavam tanto ricos como pobres. O “sertão” deixou de se referir a espaços geográficos distantes e de difícil acesso, para ser visto como lugar de abandono, evocando as polaridades existentes no Brasil, tais como “litoral e interior, civilização e barbárie, moderno e arcaico, legal e real”.¹⁹² Contribuíram para essa

¹⁹⁰ *Ibidem*, p. 07.

¹⁹¹ SOUZA, Christiane M^a Cruz de. **O sertão revelado pelas epidemias: lócus de miséria e doenças, signo do abandono do Estado.** Disponível: <<http://www.viencontroanpuhba.ufba.br/modulos/submissao/upload/44364.pdf>>. Acesso em: 16/02/2014.

¹⁹² *Idem*, 2013, p. 45 e 46.

redefinição a obra “Os sertões” de Euclides da Cunha e as expedições científicas organizadas pelo Instituto Oswaldo Cruz, durante a década de 1910.

Mesmo com a intervenção federal na Bahia, a erradicação das doenças de caráter epidêmico e endêmico foi um processo lento. As principais ações, nesse sentido, concentravam-se na capital, centro econômico e agroexportador. As condições financeiras e as brechas deixadas pela legislação brasileira foram obstáculos para o desenvolvimento da Saúde Pública. O movimento de “saneamento dos sertões” acusava o Estado de abandono das regiões do interior do país e favorecimento dos centros urbanos.¹⁹³

Até 1925 a Diretoria de Higiene do Estado da Bahia ainda não havia progredido. Faltava aparelhagem técnica e o aperfeiçoamento dos profissionais, além disso, os princípios sanitários não estavam sendo atendidos. Essa situação começa a melhorar com a implantação do Código Sanitário da Bahia no referido ano, que visava sanar esses problemas.¹⁹⁴

No interior da Bahia, os curandeiros e as benzedeadas disputavam espaço com os médicos pelo espaço da arte de curar, ainda em pleno a década de 1940. Foi neste ano, que o governo da Bahia intensificou a regionalização dos serviços de saúde, criando novos postos de higiene e revitalizando os existentes. O processo de medicalização social enfrentou resistências de pessoas que reclamavam do atendimento dos médicos. Segundo essas pessoas, os médicos não as escutavam, não explicavam as causas das doenças ou prescreviam medicamentos que não teriam condições de adquirir. Tais razões ajudam a entender a preferência por curandeiros, remédios caseiros, simpatias e ainda a automedicação.¹⁹⁵

O contexto presente nas cidades do interior da Bahia nos ajuda a ter uma ideia de como Dominguez pode ter sido recepcionado. A concepção de doença e de cura existente nessas cidades, envolvendo o campo espiritual, dialoga com as crenças dele. Os documentos comprovando sua boa conduta são provas de que ele construiu uma boa imagem perante as autoridades públicas, que pode ser explicado pelo tardio movimento

¹⁹³ BATISTA, Ricardo dos Santos. A sífilis na Bahia: considerações sobre saúde pública, medicina e eugenia. **XXVII Simpósio Nacional de História** – Conhecimento histórico e diálogo social, Natal – RN, 22 à 26 de julho de 2013.

¹⁹⁴ *Ibidem*, p. 06.

¹⁹⁵ SANTOS, Denilson Lessa dos. Curandeiros, benzedeadas, rezadeiras: tradição e cultura em Santo Antonio de Jesus (1940-1980). **História da saúde e das doenças no interior da Bahia: séculos XIX e XX**. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2013, p. 147-188.

de fiscalização no interior do Estado e a falta de médicos, impedindo uma possível denúncia. É possível que tenha praticado atos de caridade assim como fez Valdomiro Lorenz, ajudando na construção de uma boa imagem.

3.3 – Interações socioculturais em Aracaju

No primeiro capítulo observamos que Dominguez se instalou, assim que chegou a Aracaju, numa casa situada nas imediações da Praça da Cadeia, e em seguida mudou-se para a Rua Santa Luzia. As duas localizações se situam no chamado “quadrado de Pirro”, nome que faz alusão ao engenheiro que projetou a cidade de Aracaju, Basílio Pirro. Este planejou a cidade que seria a nova capital, atendendo aos interesses econômicos da elite dirigente, no formato de um quadrado, com divisões que lembram um tabuleiro de xadrez, buscando atender as regras de saneamento que corresponde a uma visão moderna das cidades.¹⁹⁶

No local escolhido foram construídas as principais obras públicas: Palácio, Assembleia, Cadeia, Quartel da Força Pública, templos religiosos e a Matriz, além dos diversos estabelecimentos comerciais.¹⁹⁷ Os médicos da capital possuíam suas casas e consultórios distribuídos nessa região. Assim, percebemos que Dominguez estava no “olho do furacão”, num local nobre e comercial, sendo alvo da fiscalização e dos médicos já estabelecidos e conhecidos

Os médicos de Aracaju costumavam expor em um único anúncio seus nomes, endereços e telefones, mostrando uma tentativa de coesão entre eles. Assim, poderemos conferir os locais em que os esculápios mantinham consultório na capital sergipana.

Dr. Augusto Leite – Avenida Barão Rio Branco, n. 39.

Dr. Avila Nabuco – Rua de Itabaiana n. 257. Telephone 239.

Dr. Francisco Fonseca – Bairro Fundação n. 246. Telephone 158.

Dr. Aristides Fontes – Rua Itabaiana n. 95.

Dr. Macedo Costa – Rua de Itabaiana n. 373. Telephone 230.

Dr. Berillo Leite – Rua de Pacatuba n. 95. Telefone 7.

¹⁹⁶ OLIVA, Terezinha Alves de; SANTOS, Lenalda Andrade. Aracaju, espaço de utopias. **Cadernos nordeste em debate** – Universidade Federal da Paraíba – Campus II, nº02, Campina Grande, 1994.

¹⁹⁷ BARBOZA, Naide. **Em busca de imagens perdidas**: centro histórico de Aracaju (1900-1940). Aracaju: Fundação Cultural Cidade de Aracaju, 1992.

Dr. Octaviano Mello – Rua de Propriá (casa de José Ludovice)
Dr. Helvecio de Andrade – Rua de S. Christvam n. 74.
Dr. Antonio Carlos – Bairro Fundação n. 333
Dr. Josaphat Brandão – Rua Pacatuba n. 194. Telephone 120.
Dr. Alexandre Freire – Rua de Itabaiana n.82.
Dr. Galdino Martins – Praça Coronel José de Faro n. 16. Telephone 219.
Dr. Silva Mello – Rua de Itaporanga n. 85.

Nota-se que a Rua de Itabaiana, famosa por seu intenso comércio, possuía o maior número de médicos (4). Os demais médicos estavam divididos entre o Bairro Fundação (2), a Rua Pacatuba (2), Rua Propriá, Rua S. Cristóvão, Rua Itaporanga e Praça Coronel José de Faro e Avenida Barão Rio Branco. Eles estavam próximo à Praça da Cadeia e a Rua Santa Luzia, locais em que Dominguez atendia, sendo o primeiro local mais chamativo, em razão de possuir instituições públicas importantes, como a Cadeia Pública, o Quartel General e a Alfândega.

Os pobres não foram cogitados para morar no “quadrado de Pirro”, no qual eram admitidos apenas aqueles que seguissem as normas do código de posturas municipal, uma das exigências era que as casas fossem cobertas com telhas. Em suas margens, ao Norte e à Oeste, eles construíram seus casebres de palha, contrariando o planejamento da cidade.¹⁹⁸

No início do século XX, eram comuns os Jardins, compostos por árvores e vegetação exóticas, na “entrada do logradouro um jardineiro que carrega as chaves dos portões e é responsável pelo horário de público estabelecido pelo regulamento do serviço de jardinagem”.¹⁹⁹ Seus frequentadores deveriam estar vestidos de maneira adequada, segundo os padrões da época. Por outro lado, a praça da Matriz permitia manifestações populares, como os folguedos e as festas de Natal.

Nas zonas periféricas havia uma maior liberdade e divertimento para os menos abastados. Nas proximidades da Lagoa Jabotiana e na Rua Porto da Folha existiam os terreiros de candomblé, nos quais eram realizados sortilégios e atendimentos aqueles que desejavam se livrar de feitiços e do “quebranto”.²⁰⁰ Os outros locais habitados por pessoas pobres à época em que Dominguez esteve em Aracaju, eram o antigo Morro do

¹⁹⁸ *Ibidem*, p.34 – 35.

¹⁹⁹ *Ibidem*, p. 44.

²⁰⁰ CABRAL, Mário. **Roteiro de Aracaju**. Aracaju: Banese, 2002, p. 49 - 51.

Bomfim, que se localizava entre as atuais Avenida Dr. Carlos Firpo e a Rua Apulcro Mota, destruído na década de 1950; o Aribé (atual Siqueira Campos), em que houve diversas desapropriações no final da década de 1920. O “Bairro Industrial” e o “Santo Antônio”.²⁰¹

O desenvolvimento econômico de Aracaju entre os anos 1911 e 1920, nas áreas comercial e industrial, aumentou o fluxo migratório de proprietários rurais, comerciantes do interior e, em maior número, os camponeses em busca de trabalho.²⁰² Contudo, em igual proporção crescia o valor dos aluguéis, dificultando as condições de sobrevivência dos trabalhadores.²⁰³

Os locais escolhidos por Dominguez para abrir consultório e o uso dos jornais para fazer propagandas, sugerem que ele buscava atrair clientes de elevada condição financeira. O fato de ser branco deve ter contribuído para que Dominguez assumisse também a imagem de médico, da mesma forma que o uso de medicamentos e a aplicação de injeções, de acordo com os objetos que foram apreendidos em sua residência.

O trecho do anúncio de Dominguez, que transcrevemos abaixo, nos ajudará a compreender a recepção de suas práticas em Aracaju, tendo como eixo norteador traços culturais presentes em Sergipe e no Brasil.

Perito em sciencias occultas, physicas e naturaes; especialista em e naturalismo; na theoria dos conhecimentos humanos; no **an sit e qui sit divinus**; na sciencia do Logos, Deus na philosophia antiga e nas theoriasorientaes; no plano divino; na teoria Karmica; na escathologia teosófica; na morpholia pneumatológica e na psicologia esotérica; no Devakan; no Nirvana psvante; no tradicionalismo christão e no progresso desenvolvido no Universo; nas sciencias e segredos de Helena Petrovna, de Han Blavastshy; nas sciencias theosophicas e seu alcance social philosophico; na hypnologia transcendental; nos segredos da saúde, da riqueza, do amor e da prosperidade; em hypnotismo e transmissão do pensamento.

Conhece as vantagens do naturismo e os resultados da psychomancia pratica, bem assim possui o segredo amor, da riqueza, da paz e da prosperidade, pelo systema Calioastro ou Fakir da India.

Conta o presente, relata o passado e prediz o futuro.

²⁰¹ SOUSA, Antônio Lindvaldo. “**Parte do outro lado da modernização...**”: Aracaju e os homens pobres nas primeiras décadas do século XX. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe/ CESAD, 2010, p. 147 – 160.

²⁰² BARBOZA, Naide.. *Op. Cit.*, p. 49 – 50.

²⁰³ SOUSA, Antônio Lindvaldo. *Op. Cit.*, p. 150.

Indica e aconselha grandes negócios, demandas, transações de quaisquer espécies, compras e vendas de muita expansão, etc.

E finalmente atalha quaisquer dificuldades e atrasos na vida, excitando e promovendo o bem, para evitar todos os males.

Desfaz influencias nocivas de inveja, ódio ou feitiçaria, bem como facilita consórcios, hypnotiza, magnetiza, etc.

O acesso aos jornais era restrito aos não alfabetizados e com condições financeiras para adquiri-los, sendo considerado um artigo supérfluo para aqueles que lutam para adquirir o básico para a sobrevivência. Portanto, era um veículo informativo que atingia pessoas da classe dominante.

As notícias de curandeiros nos jornais geralmente estão relacionadas à repressão policial sofrida por eles ou em artigos os desqualificando enquanto charlatães.²⁰⁴ Mas, havia os que se passavam por médicos, a fim de não chamarem a atenção das autoridades.²⁰⁵ Dominguez, não por acaso, declarava ser médico eletromagnetista.

Nos jornais do início do século XX, os anúncios de curandeiros em jornais eram bastante comuns. Esse foi um dos assuntos em pauta no Congresso Nacional de Práticos realizado na cidade do Rio de Janeiro em 1922.²⁰⁶ Assim, a ação de Dominguez em publicar seus anúncios no jornal era algo comum no Brasil dessa época.

Trabalhar com o eletromagnetismo contribuía para atrair aqueles que buscavam as inovações da ciência médica. O entusiasmo causado pela aplicação do eletromagnetismo na medicina esteve presente no Brasil, ultrapassando o século XIX. Em São Paulo, por exemplo, durante o início do século XX, tratamentos usando aparelhos eletromagnéticos eram anunciados com frequência na imprensa, sendo bastante populares. Um deles era o “Farador”, nome dado em alusão ao físico inglês Michael Faraday, que prometia curar várias enfermidades. Através das correntes farádicas, galvânicas e diatérmicas, prometiam-se curar paralisias, nevralgias, angiomas ou afecções cutâneas e até mesmo impotência. Nessa “onda elétrica” o curandeiro

²⁰⁴ SAMPAIO, Gabriela dos Reis. *Op. cit.*, p. 25.

²⁰⁵ Este foi o caso do curandeiro Pascoal de Luca que anunciou seus serviços na imprensa de São Paulo. Cf.: BERTUCCI, Liane Maria. Remédios, charlatanices... e curandeiros: práticas de cura no período da gripe espanhola em São Paulo. In CHALHOUB, Sidney et al (Org.). **Artes e Ofícios de curar no Brasil**: capítulos de história social. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003.

²⁰⁶ PEREIRA NETO, A. F. Profissão Médica em Questão (1922): Dimensão histórica e sociológica. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, 11 (4): 600-615, Oct/Dec, 1995.

Paschoal de Lucca foi preso por se passar por “professor” e “cientista-massagista”, aplicando “massagens elétricas” sem ter formação em medicina.²⁰⁷

Pelo o que foi possível perceber, a aplicação da energia eletromagnética durante o início dos anos noventa para tratamento de doenças, era utilizada principalmente para tratar distúrbios musculares e nervosas. Esta, provavelmente, deve ter sido a aplicação que era feita por Dominguez em seus clientes.

Através de passagens do anúncio é possível relacionar Dominguez a figura de grandes feiticeiros e curandeiros brasileiros. A prática da adivinhação; o conhecimento dos “segredos da saúde, da riqueza, do amor e da prosperidade”; aconselhamento de “grandes negócios” e o combate de “influências nocivas de inveja, ódio ou feitiçaria”, são realizadas com base na magia, não se restringindo ao ato de curar doenças através de ervas, como seria o caso dos curandeiros. Embora estes se aproximassem dos primeiros por combaterem feitiços, considerados causadores de enfermidades.

O termo curandeirismo abriga variadas formas de curar. Nikelen Witter distingue os curandeiros em duas categorias: a primeira contempla “práticos, curiosos, cirurgiões e todos aqueles que, formados às margens do saber médico oficial, agregavam a estes saberes cotidianos ou tomados das curas tradicionais”, podendo ser vistos como médicos ao receber licenças emitidas pelas Câmaras municipais. A segunda categoria é formada por curandeiros que se baseiam em “saberes tradicionais”, como o uso da flora, da fauna e de rezas para combater doenças, chegando também a utilizar “técnicas e terapias da medicina oficial.”²⁰⁸

Percebemos que, segundo a delimitação feita por Witter, Dominguez se enquadra melhor na primeira categoria, composta por uma prática híbrida entre os “saberes tradicionais” e a “medicina oficial”. Através de alguns objetos que foram apreendidos pela polícia tais como uma “caveira de macaco da Índia (embrulhada em lenço)”, “envelope contendo 10 beija-flores, secos”, “frasco contendo pó”; “garrafa contendo líquido”, notamos o possível preparo de medicamentos e/ou a prática de rituais. Por outro lado, os objetos apreendidos no consultório dele indicam que ele também fazia uso de práticas de cura ligadas a medicina acadêmica, através da prescrição e venda de medicamentos e o uso de instrumentos cirúrgicos, que apontam que ele realizava pequenas cirurgias em seus pacientes.

²⁰⁷ *Ibidem*, p. 197-227.

²⁰⁸ *Ibidem*, p. 90 e 91.

No Brasil, o uso de animais no preparo de remédios foi largamente empregado durante o domínio português, sendo esta uma prática cultural de índios, africanos e europeus. De acordo com Márcia Ribeiro,²⁰⁹ a utilização de animais para o tratamento de doenças está relacionada a uma visão sobrenatural das doenças. Os ossos de animais e de humanos estavam relacionados ao “universo demoníaco”, visto como arte dos feiticeiros.

A redução de elementos da fauna e da flora em pós e os líquidos armazenados em garrafas com fins curativos fazem parte das práticas de curandeiros brasileiros. Eduardo Campos descreve o uso de pós entre os sertanejos. Segundo ele, “uma folha que, ao ser queimada e tornada pó, prontamente cicatrizará uma ferida das mais rebeldes”.²¹⁰

Gabriela Sampaio utilizou o termo feiticeiro para se referir ao personagem histórico pesquisado por ela. Ele se chamava José Sebastião da Rosa, conhecido popularmente como Juca Rosa, era filho de uma escrava africana e morava na cidade do Rio de Janeiro, chegando a adquirir grande fama entre pessoas de diferentes posições sociais durante a segunda metade do século XIX. Juca Rosa não se limitava a realizar curas, dava conselhos, ajudava em conquistas amorosas e fazia rituais de magia.²¹¹

Durante a década de 1920, essas figuras atuavam em Sergipe com grande popularidade. De acordo com Andrade, “o curandeiro, o benzedor, o feiticeiro, a cartomante, o espírita, o condonblé, a jetatura”, estariam “a suplantar tudo, a esmagar tudo, como a avalanche de gelo, muitos anos acumulado e subitamente fundido ao calor do sol creadôr”.²¹² Embora trate essas práticas como um mal a ser combatido, que estaria a “suplantar” e a “esmagar” as tentativas de monopólio da arte de curar pela ciência médica.

O curandeiro Balbino Leite utilizava algumas das práticas descritas acima. Em 1889, na cidade de Maruim ele foi acusado de estar vendendo “garrafas” que continham substâncias venenosas com o pretexto de curar. O inquérito policial foi aberto após o médico Antônio Freire de Mattos Barretto levar uma de suas “garrafadas” até a promotoria pública, tendo recolhido esta depois que atendeu uma mulher chamada

²⁰⁹ RIBEIRO, Márcia Moisés. *Op. cit.*, 1997.

²¹⁰ CAMPOS, Eduardo. **Medicina popular do Nordeste: superstições, crendices e mezinhas**. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1967, p. 34.

²¹¹ SAMPAIO, Gabriela dos Reis. *Op. cit.*

²¹² *Ibidem*, p. 110.

Maria. A vítima, segundo ele, estava sofrendo de “gastro enterite aguda” provocada pela substância contida na garrafa. Outra acusação que recaiu sobre Balbino foi a morte de um jovem chamado Antônio, através das substâncias que ministrava.

As “garrafadas” são populares em todo o Nordeste brasileiro, podendo ser encontradas nos mercados atualmente. Elas correspondem a uma mistura feita com aguardente, raízes ou ervas utilizadas no combate de várias enfermidades.²¹³

Além do médico foram intimadas três pessoas, cujos testemunhos evidenciam claramente a crença em feitiços enquanto causadores de doenças. A segunda testemunha, Bernardino José d’Oliveira, declarou ter quarenta e cinco anos, morar em Maruim, ser casado e pedreiro. Ele disse que soube através da mãe do falecido Antônio, que este “andando adoentado de um catarro foi se tratar do malefício fora d’esta cidade e que voltando veio em pior estado, e que se agravando o seu estado a testemunha ouviu em certa ocasião vomitar sapo e cabelos pela boca”.²¹⁴

A terceira pessoa a testemunhar foi a mãe do falecido Antônio. Ela se chamava Maria Flora do Espírito Santo, tinha aproximadamente cinquenta anos e era casada. Ao recordar o sofrimento pelo qual passou seu filho, explicou que o finado sofria “de uma fraqueza nas pernas” e que ele não aceitou a “garrafa”. Maria Flora disse que conversou com uma pessoa “na rua do Rozario” a respeito da enfermidade de seu filho e esta concluiu que um “malefício” tinha provocado o estado em que ele se encontrava, chegando a lhe indicar um homem chamado Barnabé “que curava d’estas coisas” e morava em Saco do Bomfim no Município de Divina Pastora. Ele, então, recebeu duas garrafas, contendo uma “beberagem”, e depois que passou a tomá-la “deu logo em vomitar cabelos enrolados, sapo e grangugito, e até ela testemunha viu em uma das ocasiões seu filho sofrer um grande ataque que o prostrou para vomitar uma cobra”.²¹⁵ Segundo ela, Antônio não tomou a “garrafada” feita por Balbino por seu esposo ter brigado com ele e o acusado de estar matando o filho, concluindo que o culpado seria Barnabé e não Balbino.

A última pessoa a testemunhar foi Firmino Manoel Pereira, que declarou ser viúvo, ter trinta anos, morar em Maruim e exercer a profissão de banqueiro. Ele esclareceu

²¹³CAMPOS, Eduardo. *Op. cit.*

²¹⁴ SERGIPE. Inquérito policial em que foi réu Balbino Leite. *Op. cit.*, fl. 3 v.

²¹⁵ *Ibidem*, fl. 3 v., fl. 4.

[...] que sabe que Balbino de tal a pretexto de curar de feitiçaria tem dado beberagens a diversas pessoas como bem a ela testemunha a quem Balbino já deu uma garrafa contendo aguardente do reino, casca de jurema, alho e muito fumo; que estes remédios não lhe tendo feito benefício nenhum ela testemunha não quis pagar, o que deu lugar a Balbino que entregou ao Delegado de polícia.²¹⁶

Consultamos o “Dicionário de Medicina Popular”²¹⁷ editado pela primeira vez em 1842, e encontramos os ingredientes do remédio. A “aguardente” era usada para “excitar as forças”; a “casca de jurema” resolvia problemas de “inchações”; o “alho” como “estimulante para o estomago” e “vermifugo para as crianças”; e o “fumo” contra “clysteres nas hernias estranguladas, na asphyxia, paralyxia da bexiga, epilepsia, tétano, etc.”.

Firmino morava próximo à casa de Maria, que era esposa de seu conhecido Manoel Pacatuba, e soube que ela não pagou pelo serviço do curandeiro, chegando a procurar um sargento para denunciá-lo, pois Balbino ameaçou fazer um “batuque de cemitério” para prejudicá-la. Depois disso, a saúde dela apenas melhorou quando um oficial o convenceu a desfazer o feitiço.²¹⁸

É interessante notarmos que embora o remédio não fizesse o efeito desejado, o poder de Balbino não foi questionado. Ele teria o poder para desencadear doenças, deixando uma pessoa enferma, ainda que não conseguisse cura. Assim, era também temido pelas mesmas pessoas que buscavam tratamento para suas enfermidades.

O processo não prosseguiu por falta de provas e, provavelmente, Balbino continuou vendendo suas “beberagens”. Quanto a Barnabé, nunca foi encontrado.

Esses testemunhos se assemelham com as informações descritas por Laura de Melo e Souza em seu livro “O diabo e a Terra de Santa Cruz”,²¹⁹ no qual ela trabalhou com processos inquisitoriais gerados a partir das visitas do Santo Ofício ao Brasil. Segundo ela, o ato de expelir “sapo e cabelos pela boca”, são características que apontam que a enfermidade teria sido causada por meio de feitiçaria. No Brasil colonial, era muito comum pessoas apresentarem tais manifestações após terem sido vítimas de

²¹⁶ *Ibidem*, fl. 4.

²¹⁷ CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. **Dicionário de Medicina Popular**. Paris: Editora A. Roger & F. Chernoviz, 1890. Disponível em: <http://www.ieb.usp.br/online/>. Acesso em: 23/12/2008.

²¹⁸ SERGIPE. Inquérito Policial em que foi réu Balbino Leite. *Op. cit.*

²¹⁹ SOUZA, Laura de Mello e. *Op. cit.*

feitiço. Seguindo essa concepção de cura a doença deveria ser materializada para que a saúde fosse restaurada, expulsando os objetos usados no preparo do feitiço. Assim, eram expelidos “pela boca, pelo ânus, pela vagina, através da própria pele”, inclusive animais vivos e cabelos, que representavam a “energia vital”, sendo utilizados “positiva e negativamente”.

Nesse sentido, se Antônio e sua família acreditavam que ele estava enfeitado iriam precisar de alguém com poderes para fazer um contrafeitiço e esse papel era desempenhado por curandeiros.

Os médicos durante o período em que foi gerado o referido Inquérito policial, também seguiam o princípio da expulsão. Entretanto, eles se baseavam na teoria dos humores, que considera o corpo um microcosmo regido pelos quatro elementos da natureza, a doença seria resultante de um desequilíbrio. Os feitiços, por outro lado, eram manipulados por seres humanos e não pela natureza.²²⁰

Em 1928, na cidade de Itabaianinha, outro curandeiro foi denunciado pela venda das famosas garrafadas. Ele se chamava Deoclécio Freire de Carvalho. Segundo a acusação, ele praticava o espiritismo e os sortilégios da magia. Sete pessoas testemunharam. O julgamento prosseguiu à revelia do réu, que foi considerado culpado. Porém, o curandeiro não foi encontrado e continuou em liberdade.²²¹

Há registros de práticas de adivinhação durante o Brasil colonial. Os praticantes desse sortilégio eram degredados portugueses, índios, africanos e mestiços. As adivinhações eram feitas através das estrelas; peneira com tesoura, chapim ou balaio, orações para santos; com chave e o livro de horas de Nossa Senhora; leitura do Evangelho; água; enxergar dentro dos corpos e da terra; com tigelas de água ou vinho. Geralmente o objetivo era descobrir objetos furtados, autores de feitiços ou escravos fugidos.²²² Dominguez, no entanto, usava uma prática diferente. Era através da psicomania, conforme foi exposto no capítulo anterior.

Por meio do confronto entre as informações encontradas na petição de *habeas corpus*, no processo-crime e nos jornais, buscamos entender a experiência vivida por Dominguez em Sergipe, e as possíveis relações estabelecidas entre ele e seus prováveis clientes. Assim, presenciamos algumas situações em que havia similaridades culturais

²²⁰ RIBEIRO, Márcia Moisés. *Op. cit.*, p. 73.

²²¹ SERGIPE. Processo em que foi réu Deoclécio Freire de Carvalho. **Arquivo do Judiciário do Estado de Sergipe**. TJ/GP. Ordenador. Cx. 01/1833. 08/02/1928.

²²² SOUZA, Laura de Mello e. *Op. cit.*, p. 157-166.

entre a maneira como ele compreendia e tratava as enfermidades e aquelas que eram praticadas e compartilhadas por alguns sergipanos. Segundo, as representações que acompanhamos, o sobrenatural estava presente através de feitiços e da magia, de um lado causando-a e do outro a combatendo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A compreensão dos indivíduos e suas ações é uma tarefa árdua para o historiador. É com base nas fontes que a escrita da história acontece, e nem sempre é possível encontrar os vestígios desejados, seja pela destruição, a limitação das informações, a localização ou o acesso aos mesmos. Não pudemos, por exemplo, descobrir qual foi o lugar da Espanha em que Dominguez nasceu, quem eram seus pais, a família que constituiu ou quando começou suas viagens pelo mundo.

No primeiro capítulo procuramos entender a trama que levou José Maria Dominguez y Dominguez à prisão, resultado de um plano dos membros do Serviço de Profilaxia e Saneamento Rural de Sergipe. O processo gerado dividiu a opinião dos juízes que o julgou. O juiz Luís Loureiro Tavares e o promotor Enoch Santiago consideraram aceitável a ação do Serviço, que chamou a polícia e prendeu o então suspeito. Por outro lado, os juízes Manoel dos Passos de Oliveira Teles e Olympio Santiago desaprovaram a maneira como os funcionários da saúde pública agiram, inclusive o fato de o processo ter prosseguido à revelia do réu, privado de ter sua defesa representada pelo advogado Ávila Lima.

Analisamos parte do contexto de Aracaju relacionado ao serviço de Saúde Pública e à medicina durante a década de 1920. Notamos que o Serviço de Profilaxia e Saneamento Rural ajudou a consolidar um modelo de Saúde Pública pautado na lógica higienista. Entretanto, seu alcance no interior do estado foi diminuto. Os médicos, por outro lado, lutavam por uma união de grupo, mas as divergências entre teorias e práticas de tratamento ainda os dividia. Foi o que observamos no conflito entre os médicos Helvécio de Andrade e Augusto Leite travado abertamente na imprensa. Essa situação favorecia a desconfiança das pessoas nesses profissionais.

Os médicos, contudo, buscavam se diferenciar dos curandeiros e charlatães através do saber adquirido nas academias. A noção de que o saber da ciência médica era superior aos saberes empíricos, foi o argumento usado por essa classe de profissionais para garantir seu prestígio. Desse modo, a crença na medicina e em seus representantes deveria ser enraizada nas mentes das pessoas para garantir o monopólio dos médicos.

A Sociedade Teosófica não vê oposição entre ciência, filosofia e religião. Nenhum desses saberes é considerado superior ao outro, mas diferentes e igualmente importantes para acessar o conhecimento da “verdade”. Essa noção do conhecimento

teosófico foi seguida por Dominguez, que aliou práticas das ciências ocultas e da medicina, no combate aos males do corpo e da alma.

A magia é considerada uma ação à distância praticada por todos aqueles que possuem autocontrole do seu corpo e mente. O pensamento mágico comum aos ocultistas e a práticas populares de cura no Brasil estavam sofrendo a oposição dos médicos e do Estado que em nome da ciência e da “civilização” lutaram para combatê-lo.

Em nossa jornada para compreender o ocultista que nos serviu de guia nos assuntos da arte de curar em Aracaju, no segundo capítulo, adentramos o universo do ocultismo e das suas práticas de cura através dos objetos apreendidos pela polícia. Conhecemos outros personagens de sua época, utilizando a fotografia como fonte para compará-lo com “outros” que seguiam o ocultismo. O médico e ocultista Papis foi aquele que mais se aproximou de Dominguez, unindo diferentes práticas de cura, da medicina à magia.

Dominguez se dizia seguidor da filosofia oculta de Helena Blavatsky, a teosofia. Isso nos levou a avaliar a apropriação que ele fez dessa filosofia. Os atos altruístas são altamente recomendados, além de uma verdadeira pureza de espírito para aqueles que desejavam curar pessoas. Apenas através do atendimento que ele prestou ao guarda sanitário Antônio Bastos, que se passou por doente, não podemos afirmar que ele realizava atos caridosos, pois existe uma contradição entre os depoimentos deles sobre o pagamento do serviço. Porém, o tratamento mencionado por Bastos, sugere um entendimento da doença como algo causado pelos próprios atos de cada um, sejam bons ou maus, como determina a Lei Kármica.

Entendemos que Dominguez atuava enquanto mediador entre três modelos da arte de curar, unindo a medicina tradicional que admitia o pensamento mágico e o uso de animais na fabricação de medicamentos, a medicina moderna, representada pelo eletromagnetismo, o hipnotismo e a cirurgia, e as práticas mágicas do ocultismo, constituindo uma arte de curar híbrida.

Não encontramos no levantamento de fontes no Arquivo do judiciário de Sergipe outros casos de exercício ilegal da medicina e nem de curandeirismo durante o período analisado. Isso não quer dizer que Dominguez era único no contexto que

pesquisamos.²²³ Porém, foram poucos os que chegaram a ser alvo da polícia. Os inquéritos policiais e processos contra curandeiros ocorridos no interior de Sergipe entre o final do século XIX e início do século XX, mostram que apenas foram gerados em razão do estado de saúde dos doentes ter piorado após o tratamento feito por tais agentes da cura. Caso contrário, jamais teríamos notícia deles. Os médicos foram responsáveis por grande parte das denúncias contra curandeiros, buscando estabelecer o monopólio do exercício de curar.

No processo em que Dominguez foi réu não há testemunhas alegando terem sido prejudicadas por seus tratamentos ou médicos estabelecidos em Aracaju fazendo reclamações. A localização escolhida para estabelecer consultório e os anúncios de jornal deu visibilidade a ele. Isso contribuiu para que fosse alvo do Serviço de Profilaxia e Saneamento Rural, órgão federal, que foi responsável por acionar a polícia.

Não percebemos ações mais sistemáticas dos médicos sergipanos, junto à imprensa no combate aos curandeiros, exceto no discurso de inauguração da Sociedade Médica de Sergipe.²²⁴ A primeira Faculdade de Medicina de Sergipe foi inaugurada em 1961,²²⁵ deste modo, quem pretendesse se formar em medicina teria que estudar fora do estado. Isso contribuiu para o baixo número de médicos estabelecidos em Sergipe e, conseqüentemente, para que houvesse um menor número de denúncias.

O que tentamos mostrar ao longo desse trabalho foi que, apesar de Aracaju está passando por transformações empreendidas pelas elites dirigentes e pelos médicos, assim como nos demais estados do Brasil, no sentido de exterminar práticas consideradas supersticiosas e contrárias a moderna ciência médica, ainda havia espaço para as práticas de Dominguez. As interações socioculturais estabelecidas por ele permitiram que continuasse a existir e a viver da sua arte curar, encontrando modelos equivalentes nas práticas de curandeiros, feiticeiros e médicos. O hibridismo cultural de suas práticas possibilitava a relação com pessoas de classes e origens diferentes.

²²³ Cf. SCHRITZMEYER, Ana Lúcia Pastore. *Op. Cit.*

²²⁴ SANTANA, Antônio Samarone. *Op. Cit.*, 122.

²²⁵ SILVA, Henrique Batista e. *Op. Cit.*, p. 258.

FONTES

BRASIL. Código Penal. **Câmara dos deputados**. Decreto-Lei nº 2848 de 7 de dezembro de 1940. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-2848-7-dezembro-1940-412868-norma-pe.html>. Acesso em: 12/04/2012.

_____. Regulamento do departamento Nacional de Saúde Pública. **Senado Federal**. Decreto nº 14.354 de 15 de setembro de 1920. Disponível em: <http://legis.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=53975>. Acesso em 10/10/2012.

SERGIPE. Inquérito policial em que foi réu Balbino Leite. **Arquivo do Judiciário do Estado de Sergipe**. MAR/C. 2º Of. Inquérito Policial, cx. 01/1014. 20/04/1889.

_____. Inquérito Policial em que foi réu Antônio José dos Santos. **Arquivo do Judiciário do Estado de Sergipe**. MAR/C 2º OF. Inquérito Policial. Cx. 01/1014. 23/07/1897.

_____. Livro de Registro de Acórdãos. **Arquivo do Judiciário do Estado de Sergipe**. Cx. 06/1963. 15/05/1923.

_____. Processo-crime em que foi réu José Maria Dominguez y Dominguez. **Arquivo do Judiciário do Estado de Sergipe**. Cx. 03/2628. 06/05/1923

_____. Processo-crime em que foi réu Deoclécio Freire de Carvalho. **Arquivo do Judiciário do Estado de Sergipe**. TJ/GP. Ordenador. Cx. 01/1833. 25/10/1927.

_____. Processo-crime em que foi réu Deoclécio Freire de Carvalho. **Arquivo do Judiciário do Estado de Sergipe**. TJ/GP. Ordenador. Cx. 01/1833. 08/02/1928.

_____. **Arquivo do Judiciário do Estado de Sergipe**. Guia de fontes temáticas, 2010.

_____. **Arquivo do Judiciário do Estado de Sergipe**. Guia dos fundos.

ANDRADE, Helvécio de. A medicina em Sergipe. **Revista do Instituto e Histórico e geográfico de Sergipe** (vol. 5, nº 9, 1920).

_____. Sociedade médica de Sergipe. **Revista Médica de Sergipe**, vol. 1, nº 1, maio, 1911, p. 3-6.

CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. Dicionario de Medicina Popular. Paris: Editora A. Roger & F. Chernoviz, 1890. Disponível em: <http://www.ieb.usp.br/online/>. Acesso em: 23/12/2008.

DANTAS, Olyntho. **Allopathia e Homeopathia**. Santos: Typ. Brazil, 1907.

_____. **Carta aberta ao povo**. Santos: Typ. Brazil, 1906.

_____. **Traços epidemiologicos da febre amarella**. Santos: Typ. Brazil, 1896.

MENSAGENS DOS GOVERNADORES DE SERGIPE (1908 – 1918). Disponível em: <http://www.crl.edu/brazil/provincial/sergipe>.

SERGIPE JORNAL (1922 - 1928)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAHÃO, J.R.R. Talismans: O que são e como funcionam. **Imagick**. Disponível em: <http://www.imagick.org.br/pagmag/pratick/talismans/talismans1.html>. Acesso: 06/06/2014.

AVELINE, Carlos Cardoso. O mistério de Alessandro Cagliostro. **Filosofia Esotérica**. Disponível em: <<http://www.filosofiaesoterica.com/ler.php?id=1159>>. Acesso em: 08/12/2013.

ARÓSTEGUI, Júlio. A análise da temporalidade. In: **A pesquisa histórica: teoria e método**. Bauru, SP: EDUSC, 2006, p. 340 - 354.

AURELL, Jaume. **A Escrita da História: dos positivismos aos pós-modernismos**. Tradução: Rafael Ruiz. São Paulo: Sita-Brasil, 2010.

ASSOCIAÇÃO Jauense de estudos espíritas. **O magnetismo animal: seus precursores e fenômenos correlatos**. Disponível em: <http://files.comunidades.net/tendetudonet/magnetismoanimal.pdf>. Acesso em: 19/08/2013.

BARBOZA, Naide. **Em busca de imagens perdidas: centro histórico de Aracaju (1900-1940)**. Aracaju: Fundação Cultural Cidade de Aracaju, 1992.

BASTIDE, Roger; RIBEIRO, René. **Negros no Brasil: religião, medicina e magia**. São Paulo, Escola de comunicação e Artes, 1971.

BATISTA, Ricardo dos Santos. A sífilis na Bahia: considerações sobre saúde pública, medicina e eugenia. **XXVII Simpósio Nacional de História – Conhecimento histórico e diálogo social**, Natal – RN, 22 à 26 de julho de 2013.

BERTUCCI, Liane Maria. Remédios, charlatanices... e curandeirices: práticas de cura no período da gripe espanhola em São Paulo. In CHALHOUB, Sidney et al (Org.). **Artes e Ofícios de curar no Brasil: capítulos de história social**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003, pp. 197-227.

BESANT, Annie; LEADBEATER, C. W. **Formas del pensamiento**. Buenos Aires: Editora Kier, 1964

BLAVATSKY, Helena Petrovna. **A voz do silêncio**. Editora Pensamento: 1987.

_____. O que é a teosofia? **Sociedade Teosófica**. Disponível em: <<http://www.sociedadeteosofica.org.br/artigos.asp?item=149&idioma>>. Acesso em: 11/03/2013.

_____. Ocultismo versus artes ocultas. In: **Ocultismo prático**. Brasília: Editora Teosófica, 2006.

_____. **Ísis sem véu** – vol. 1. Disponível em:<<http://bvespirita.com/Isis%20Sem%20V%C3%A9u%20Volume%201%20%28Helena%20>>. Acesso 15/04/2013

BLOCH, M. **Os reis taumaturgos: o caráter sobrenatural do poder régio, França e Inglaterra.** São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

BLYTHE, Peter. **O hipnotismo: seu poder e sua prática.** Trad. Nair Lacerda. São Paulo: Editora pensamento, 1971, p. 10.

BLOCH, M. **Os reis taumaturgos: o caráter sobrenatural do poder régio, França e Inglaterra.** São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

BHRAMA KUMARIS. O que é o Karma. **World Spiritual University.** Disponível em: <http://www.brahmakumaris.org/what-we-do-pt/courses-pt/fcirym-pt/topics.htm-pt/karma.htm-pt?set_language=pt>. Acesso: 07/12/2013.

BURKE, Peter. Uma história da intimidade. **Folha de São Paulo.** São Paulo, 12 març. 2000.

_____. **O que é história cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

_____. **Hibridismo cultural.** Trad. Leila Souza Mendes. São Leopoldo, RS: Editora Unisinos, 2003.

_____. **História e teoria social.** Trad. Klauss Brandini. São Paulo: Editora UNESP, 2002, p. 63.

_____. **Cultura popular na Idade Moderna: Europa, 1500-1800.** Trad. Denise Bottmann. São Paulo, Companhia das Letras, 2010.

BUSSOLETTI, Denise; MOLON, Susana Inês. Diálogos pela Alteridade: Bakhtin, Benjamin e Vygotsky. **Cadernos de Educação** – FaE – PPGE – UFPel – Pelotas [37]: 69 – 91, setembro-dezembro, 2010.

CABRAL, Mário. **Roteiro de Aracaju.** Aracaju: Banese, 2002.

CAMPOS, Eduardo. **Medicina popular do Nordeste: superstições, crenças e mezinhas.** Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1967.

CARDOSO, Ciro Flamarion. História e paradigmas rivais. In: **Domínios da História.** Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

CAROLINO, Luís Miguel. O declínio do império astrológico. **Revista de História da Biblioteca Nacional.** Disponível em:<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/dossie-imigracao-italiana/o-declinio-do-imperio-astrologico>. Acesso em: 08/02/2014.

CARRINGTON, Hereward; MULDOON, Sylvan J. **Projeção do corpo astral.** Trad. Beraldo Lopes Figueiredo. Editora Pensamento, 1995.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

CÉREBRO & mente. A descoberta da bioeletricidade: Galvani e Volta. Disponível em: <http://www.cerebromente.org.br/n06/historia/bioelectr2.htm>. Acesso: 11|09|2013.

CORREIA, Valeria Teresa Lima Borges. **Entre Feitiçaria, Charlatanismo e Tratamentos Tradicionais de Saúde: O Curandeirismo em Maruim – Análise de Autos Judiciais (1889 -1897)**. São Cristóvão, 2009. 62f. Monografia (Licenciatura em História). DHI, CECH, UFS. Acervo do Programa de Documentação e Pesquisa em História, PDPH – UFS. Orientador: Prof. Msc. Lourival Santana Santos.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1998.

CHALHOUB, Sidney. **Cidade Febril: cortiços e epidemias na corte imperial**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. **Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Époque**. 2ª ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2001.

DANTAS, José Ibarê Costa. **História de Sergipe: república (1889-2000)**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2004.

DARNTON, Robert. **O lado oculto da Revolução: Mesmer e o final do iluminismo na França**. Tradução de Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

DAVIS, Natalie Zemon. **O retorno de Matin Guerre**. Tradução Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

DELUMEAU, Jean. **História do medo no Ocidente: 1300-1800, uma cidade sitiada**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

DILTHEY, Wilhelm. **A construção do mundo histórico nas ciências humanas**. São Paulo: UNESP, 2006.

DOMER, E.; GÉRARD, E.; LEMOINE, G.; VANVERTS, J. **Formulaire consultations médicales et chirurgicales**. Editora: VigotFrèresÉditeurs, 1925.

DOSSE, François. **O desafio biográfico: escrever uma vida**. São Paulo: Edusp, 2009.

EDLER, Flavio Coelho. **As reformas do ensino médico e a profissionalização da medicina na corte do Rio de Janeiro 1854-1884**. São Paulo: USP, 1992. Dissertação (Mestrado em História) – Departamento de História/Universidade de São Paulo, 1992.

ELIAS, Nobert. **A sociedade dos indivíduos**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

_____. **O processo civilizador: uma história dos costumes**. Trad. Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

ENCYCLOPEDIA Britannica. Guillaume-Benjamin Amand Duchenne. Disponível em: <http://www.britannica.com/EBchecked/topic/172882/Guillaume-Benjamin-Amand-Duchenne>. Acesso: 11|09|2013.

FELLIPE JÚNIOR, José de. Campos eletromagnéticos na medicina. **Associação Brasileira de Medicina Complementar**. Disponível em: <http://www.medicinacomplementar.com.br/tema200306.asp>. Acesso em: 10|09|2013.

FOUCAULT, Michel. O nascimento da medicina social. In: **Microfísica do poder**. São Paulo: Edições Graal, 2008.

FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande & senzala**. São Paulo: Global Editora, 2006.

GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: **Mitos, emblemas, sinais: Morfologia e História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

_____. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

GIUMBELLI, Emerson. O “baixo espiritismo” e a história dos cultos mediúnicos. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 9, n.19, p. 247-281, julho de 2003.

GOETHE. **Fausto**. São Paulo, SP: Editora Martin Claret, 2006.

GOMBERG, Estélio; MANDARINO, Ana Cristina de Souza. Representações de um suposto crime em um auto-crime do Arquivo do Judiciário do Estado de Sergipe. **História, memória e Justiça, Revista eletrônica do Arquivo do Judiciário**. Edição nº2, ano 1, agosto/novembro, 2008.

GREGÓRIO, Sérgio Biagi. **Dicionário de Filosofia**. Disponível em: <https://sites.google.com/site/sbgdicionariodefilosofia/pneumatologia>. Acesso em: 15/02/2014.

GUARANÁ, Armindo. **Dicionário Biobibliográfico Sergipano**. Rio de Janeiro: Oficina da Empresa Gráfica Editora, Pongetti, 1927.

GUERREIRO, Antonio. A Bahia no centro do mundo. **Revista de História da Biblioteca Nacional**. Disponível em: <http://www.revistadehistoria.com.br/secao/leituras/a-bahia-no-centro-do-mundo>. Acesso em: 08/02/2014.

GUIMARÃES, Maria R. C.: Chernoviz e os manuais de medicina popular no Império. **História, Ciências, Saúde - Manguinhos**. Vol. 12, n.2, p. 501-14, maio-ago. 2005.

HALL, Elton. Cagliostro. Trad. Maurilena Ohana Pinto. **Levir – Loja Esotérica Virtual**. Disponível em: <<http://www.levir.com.br/inst-010.php>>. Acesso em: 08/12/2013.

HESSEN, Jorge; HESSEN, W. **As irmãs Fox**. Autores espíritas clássicos. Disponível em:<http://www.autoresespiritasclassicos.com/Historia/Irmas%20Fox/As%20Irm%C3%A3s%20Fox%20%28Margaret,%20Kate%20e%20Leah%29.htm>. Acesso em: 31/01/2014.

HORA, Naíze; AMADO, Natália; MELLO, Tânia. **Curandeirismo na República Velha**: práticas de cura em Sergipe. Aracaju, 2006, f. Monografia (Graduação em História). Acervo da Biblioteca Central Jacinto Uchôa de Mendonça - Universidade Tiradentes - UNIT. Orientadora: Prof.^aMsc. Joceneide Cunha.

HUDSON, Thomson Jay. **Nuevas teorías de hipnotismo y sugestión**. Barcelona: Gasso Hermanos Editores, 1920.

LEADBEATER, C. W. Devachan: morada dos Devas. **Revista Ocultista Sofá da Sala**. Disponível em:<<http://www.sofadasala.com/ocultismo/devakan00leadbeater.htm>>. Acesso em: 17/11/2013.

LE GOFF, Jacques et al. **As doenças têm história**. Lisboa: Terramar, 1985.

LEVI, Giovanni. **A herança imaterial**: trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

_____. Sobre a micro-história. In: BURKE, Peter. **A escrita da História**: novas perspectivas. Trad. Magda Lopes. São Paulo: Editora Unesp, 1992.

LIMA, Keite Maria Santos do Nascimento. **Cidade, Ferrovia e Modernização**: contribuições da Estrada de Ferro Bahia ao São Francisco para a modernização da cidade de Alagoinhas – 1860/1920. Associação Nacional de História – ANPUH. XXIV Simpósio Nacional de História, 2007.

LOYOLA, Maria Andréia. **Médicos e curandeiros**: conflito social e saúde. São Paulo: Difel, 1984.

LORENZ, F. Valdomiro. **A sorte revelada pelo horóscopo cabalístico**. São Paulo, SP: Editora Pensamento, 1997

LORENZ, Waldomiro. **Fatos mediúnicos da vida de Francisco Valdomiro Lorenz**. Rio de Janeiro, RJ: Sociedade Editora Espírita F. V. Lorenz, 1998.

LUZ, M. T. **Medicina e ordem política brasileira**: políticas e instituições de saúde (1850-1930). Rio de Janeiro: Graal, 1982.

MACHADO, R. ET AL. **Danação da norma**: medicina social e constituição da psiquiatria no Brasil. Rio de Janeiro: Graal, 1978.

MAUAD, Ana Maria. Através da imagem: fotografias e história interfaces. **Tempo**, Rio de Janeiro, vol.1, nº 2, 1996, p. 73 – 98.

MEDINA, Ana Maria Fonseca (Org.). **Desembargador Enoch Matusalém Santiago**. Poder Judiciário do Estado de Sergipe: Aracaju, Sergipe, 2008.

MCSWEENEY, Brendan. Incoherent culture. **European J. Cross-cultural Competence and Management**, vol. 1, nº 1, 2009.

MONTERO, Paula. **Da doença à desordem: a magia na umbanda**. Rio de Janeiro Graal, 1985.

MOTT, Luiz Roberto de Barros. **Sergipe del Rey: população, economia e sociedade**. Aracaju:Fundesc, 1986.

MUNDO ESTRANHO. **O que é o nirvana**. Editora Abril. Disponível em: <<http://mundoestranho.abril.com.br/materia/o-que-e-o-nirvana>>. Acesso: 07/12/2013.

NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. A cidade no arquivo: o acervo do poder judiciário como fonte para os estudos da história de Aracaju. **História, Memória e Justiça** – Revista eletrônica do Arquivo Judiciário, ano 1, nº1, mar. – jun., 2008.

NAVA, Pedro. **Capítulos da história da medicina no Brasil**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, Londrina, PR: Eduel; São Paulo: Oficina do Livro Rubens Borba de Moraes, 2003.

OLD RELIGION. **O círculo mágico**. Disponível em: http://www.oldreligion.com.br/novo/conteudo/index.asp?Qs_idConteudo=71. Acesso em: 25/05/2014.

OLIVA, Terezinha Alves de; SANTOS, Lenalda Andrade. Aracaju, espaço de utopias. **Cadernos nordeste em debate** – Universidade Federal da Paraíba – Campus II, nº02, Campina Grande, 1994.

OLIVEIRA, D. J. **Entre o malefício e a cura: Balbino Leite e as representações da prática de curandeirismo em Sergipe (1850 – 1889)**. Artigo (Licenciatura em História), Universidade Estadual Vale do Acaraú, Aracaju, SE, 2009.

OLIVEIRA, Elda Rizzo. **O que é medicina popular**. São Paulo, Brasiliense, 1985.

OLIVEIRA, Gabriela Dias de. A cura como ofício: a profissionalização da medicina na capital mineira (1897 – 1927). **XXIV Simpósio Nacional de História da Associação nacional de História** – ANPUH, 2007.

PELLEGRINI, Luis. **Dicionário de símbolos esotéricos**. São Paulo: Editora Três, 1995.

PIERANGELI, José Henrique. **Códigos penais do Brasil: evolução histórica**. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2004.

PIMENTA, T. S. Barbeiros-sangradores e curandeiros no Brasil (1808-28). **História, Ciências, Saúde - Manguinhos**, vol. 2, pp. 349-72, 1998.

POWELL, Arthur E. **O plano astral**. Disponível em: <<http://www.pgem.hpg.com.br>>. Acesso em: 15/11/2013, p.100.

REIS, João José. **A morte é uma festa**: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

RIBEIRO, André Luiz Rosa. **História do cacau**. Instituto Cabruca. Disponível em: <<http://www.cabruca.org.br/historiaDoCacau.php>>. Acesso em: 28/02/2014.

RIBEIRO, Márcia Moisés. **Ciência nos trópicos**: a arte médica no Brasil do século XVIII. São Paulo: HUCITEC, 1997.

SÁ, Dominichi Miranda de. **A ciência como profissão**: médicos, bacharéis e cientistas no Brasil (1895-1935). Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2006.

SAHLINS, Marshall. **Ilhas de História**. Trad. Barbara Sette. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

_____. **História e cultura**: apologias a Tucídides. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

SAMPAIO, Gabriela dos Reis. **Nas trincheiras da cura**: as diferentes medicinas no Rio de Janeiro imperial. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2001.

_____. **A história do feiticeiro Juca Rosa**: cultura e relações sociais no Rio de Janeiro imperial. Tese (doutorado), Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, SP: [s.n.], 2000.

_____. Pai Quibombo, o chefe das macumbas do Rio de Janeiro imperial. **Tempo, Revista do Departamento da História da UFF**, Rio de Janeiro, v.6, pp. 171-188, 2001. Disponível em: http://www.historia.uff.br/tempo/artigos_dossie/artg11-11.pdf. Acesso em: 23/08/2011.

_____. Tenebrosos mistérios: Juca Rosa e as relações entre crença e cura no Rio de Janeiro imperial. In CHALHOUB, Sidney et al (Org.). **Artes e Ofícios de curar no Brasil**: capítulos de história social. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003, pp. 387-426.

SANTANA, Antônio Samarone de. **As febres do Aracaju**: dos miasmas aos micróbios. Aracaju, SE: O Autor, 2011.

_____; DIAS, Lúcio Antônio Prado; GOMES, Petrônio Andrade. **Dicionário biográfico de médicos de Sergipe**. Aracaju: Academia Sergipana de Medicina, 2009.

SANTOS, Denilson Lessa dos. Curandeiros, benzedeiros, rezadeiras: tradição e cultura em Santo Antonio de Jesus (1940-1980). **História da saúde e das doenças no interior da Bahia**: séculos XIX e XX. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2013, p. 147-188.

SANTOS FILHO, L. dos. **História geral da medicina brasileira**. São Paulo: HUCITEC, EDUSP, 1991.

SCHWARCZ, Lília Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870 – 1930)**. São Paulo Companhia das Letras, 1993.

SCHRITZMEYER, Ana Lúcia Pastore. **Sortilégio de saberes: curandeiros e juizes nos tribunais brasileiros (1900 – 1990)**. São Paulo: IBCCRIM, 2004.

SILVA, Clodomir. **Álbum de Sergipe**. Sergipe de 1534 -1920. Aracaju: Governo do Estado de Sergipe, 1920.

SILVA, Henrique Batista e. **História da Medicina em Sergipe**. Aracaju: Gráfica Editora J. Andrade Ltda., 2007.

SILVA, Wellington Barbosa da. “Uma autoridade na porta das casas”: Os inspetores de quarteirão e o policiamento no Recife do século XIX (1830-1850). **SAECULUM - Revista de História**, nº 17; João Pessoa, jul/dez, 2007.

SOARES, M. de S. Médicos e mezinheiros na Corte Imperial: uma herança colonial. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, vol. VIII(2): 407-38, jul.-ago. 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v8n2/a06v08n2.pdf>. Acesso em: 28/12/2007.

SOCIEDADE das ciências antigas. **A luz astral**. Disponível em:<<http://www.sca.org.br/uploads/news/id28/ALuzAstral.pdf>>. Acesso em: 28/11/2014.

SOCIEDADE Teosófica no Brasil. **O símbolo da Sociedade Teosófica**. Disponível em: <<http://www.sociedadeteosofica.org.br/>>. Acesso em: 12/03/2013.

SOUSA, Antônio Lindvaldo. **O eclipse de um farol: contribuição aos estudos sobre a romanização da Igreja Católica no Brasil (1911 – 1917)**. São Cristóvão: Editora UFS: Aracaju: Fundação Oviêdo Teixeira, 2008.

_____. **“Ave branca que voa dos pântanos para o azul...”**: as elites e o projeto modernizador de Aracaju nas décadas de 1910 à 1930. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe/ CESAD, 2010.

_____. **“Parte do outro lado da modernização...”**: Aracaju e os homens pobres nas primeiras décadas do século XX. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe/ CESAD, 2010, p. 147 – 160.

_____. A manutenção da ordem pública e as relações de poder em Sergipe (1889 – 1930). **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**, nº32, 1993 -1999, p. 155 – 172.

SOUZA, Christiane M^a Cruz de. **O sertão revelado pelas epidemias: lócus de miséria e doenças, signo do abandono do Estado**. Disponível: <<http://www.viencontroanpuhba.ufba.br/modulos/submissao/upload/44364.pdf>>. Acesso em: 16/02/2014.

_____. Redes de poder e de solidariedades nos sertões da Bahia em tempos de epidemias. In: CHAVES, Cleide de Lima (Org.). **História da saúde e das doenças no interior da Bahia: séculos XIX e XX**. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2013, p. 45 e 46.

SOUZA, Laura de Mello e. **O diabo e a Terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil Colonial**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

SPECTRUM Gothic. **Cartomancia**. <<http://www.spectrumgothic.com.br/ocultismo/ciencias/cartomancia.htm>>. Acesso em: 10/06/2014.

SPECTRUM Gothic. **Helena Blavatsky**. Disponível em: <http://www.spectrumgothic.com.br/ocultismo/personagens/helena.htm>. Acesso em: 13/11/2012.

TAIMNI, I. K. O Plano Divino e a Sociedade Teosófica. **Sociedade Teosófica**. Disponível em: <<http://www.sociedadeteosofica.org.br/artigos.asp?item=1175&idioma=>>>. Acesso: 07/12/2013.

TURINI, Leide Alvarenga. **Trabalhadores imigrantes no Brasil XIX/XX**. Disponível em: <<http://gephiseseba.blogspot.com.br/2011/09/trabalhadores-imigrantes-no-brasil.html>>. Acesso em: 14/02/2014.

VALENÇA, Cristina. **Medicina, educação e História: A trajetória de Helvécio de Andrade**. São Paulo: Scortecci, 2001.

WEBER, Beatriz Teixeira. **As artes de curar: Medicina, Religião, Magia e Positivismo na República Rio-Grandense**. Santa Maria: Ed. da UFSM; Bauru: EDUSC - Editora da Universidade do Sagrado Coração, 1999.

WITTER, Nikelen Acosta. **Dizem que foi feitiço: as práticas da cura no sul do Brasil (1845-1880)**. 1ª ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

_____. Curar como arte e ofício: contribuições para um debate historiográfico sobre saúde, doença e cura. **Tempo**, Rio de Janeiro, n°19, pp. 13-25, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tem/v10n19/v10n19a02.pdf>. Acesso em: 28/12/2007.